

**Universidade de São Paulo  
Escola de Comunicações e Artes**

**INTERFACE - IGREJA E MÍDIA**

Uma experiência de comunicação religiosa na web

**Carmen Maria Pulga**

**Dissertação de Mestrado**

**São Paulo - 2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Universidade de São Paulo**  
**Escola de Comunicações e Artes**

**INTERFACE - IGREJA E MÍDIA**

Uma experiência de comunicação religiosa na web

**Carmen Maria Pulga**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Castilho Costa**

*Dissertação apresentada na área de  
concentração de Comunicação da Escola  
de Comunicações e Artes da  
Universidade de São Paulo como  
requisito parcial para a obtenção do título  
de Mestre em Comunicação*

São Paulo - 2 0 0 6

# **INTERFACE - IGREJA E MÍDIA**

Uma experiência de comunicação religiosa na web

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

## **Dedicatória**

*Dedico este trabalho a meus pais que, mesmo sendo privados de construir uma carreira acadêmica, foram grandes incentivadores desta jornada. Com sua simplicidade típica de uma família do interior, numa época em que o acesso à cultura erudita era tão difícil, souberam incentivar seus filhos para o estudo e para o caminho da ética e da solidariedade.*

## AGRADECIMENTOS

Ao apresentar este trabalho, que representa a conclusão de um ciclo de estudos como mestranda na ECA/USP, gostaria de agradecer a algumas pessoas que muito significaram para que eu pudesse cumprir com dedicação e satisfação esta etapa acadêmica, que foi, sem dúvidas, motivo de crescimento pessoal e profissional. Gostaria de ressaltar que não se trata de uma simples formalidade, ao contrário, é um momento de prazer prestar homenagem a pessoas que acreditam na possibilidade de crescimento a partir da troca de conhecimento e no poder da comunicação.

Em primeiro lugar quero agradecer à minha orientadora, prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Castilho Costa, cujo incentivo e paciência foram primordiais para esta conclusão. Agradeço por ter acreditado na minha vontade de produzir, de arriscar no novo campo da Internet, incentivando-me à descoberta de novas questões e, sobretudo, pela seriedade e competência com que contribuiu para que eu, de fato, me situasse no campo da pesquisa. Obrigada por acompanhar, sistematicamente, com muito rigor e compreensão humana, a elaboração dessa dissertação, sendo, sem dúvida, orientadora diante das descobertas e dos impasses.

Agradeço à Ir. Bernadete Boff que, como presidente de minha instituição religiosa, no momento de iniciar esta jornada, acreditou na minha determinação. Meu muito obrigada! à Ir. Terezinha Dambros, pela compreensão e pelo apoio, colocando à minha disposição recursos e tempo para esta conquista.

Destaco o papel importante do colega de estudos, o web-master Roger Paschoal, pelo companheirismo na busca das soluções metodológicas e técnicas para um experimento de interatividade com as novas ferramentas da plataforma *on-line*. Não posso deixar de mencionar as contribuições dos participantes do curso [www.comunicacaoefe.pro.br](http://www.comunicacaoefe.pro.br)

que arriscaram comigo a viagem pelos caminhos da interatividade virtual e me gratificaram com os resultados.

Menciono os “mestres” Tiago Alberione e o professor Mauro Wilton de Sousa. Cada qual, com seu carisma, cultivou em mim o amor pela comunicação. Aos professores das disciplinas que contribuíram para ampliar meus conhecimentos teóricos e conceituais fica, aqui, minha gratidão.

Agradeço, ainda, os muitos amigos e amigas por suas preocupações, disponibilidade e apoio.

Aos membros da banca presente no exame de qualificação - a prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Liana Maria Salvia Trindade e o prof<sup>o</sup> Dr. Mauro Wilton de Sousa – que apontaram para caminhos mais assertivos.

Finalmente, mas não por último, aos meus familiares agradeço pelo interesse e por tudo o que significam em minha vida. Particularmente, minhas irmãs Rosana, Ivani e Maria Salete pelo apoio e carinho que têm demonstrado neste meu empreendimento.

## **RESUMO**

O presente trabalho estuda as relações entre a Igreja Católica e o advento dos meios de comunicação de massa. Aborda o lento processo de aproximação dessa instituição em relação à sociedade midiática e mapeia o desenvolvimento da sociedade em rede e das mídias digitais. Focaliza a passagem do poder hegemônico no exercício da comunicação, da Igreja para as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), levando em conta os desafios que apresentam à comunicação religiosa.

Desenvolvendo uma pesquisa-ação, conforme proposta por Thiollent, procura descobrir desafios e potencialidades da comunicação interativa e virtual, através da rede de computadores, na afirmação da fé cristã e na evocação de valores espirituais.

### **Palavras-chave**

Igreja, Mídia, comunicação em rede, Internet, interatividade



## **ABSTRACT**

This present essay studies the relations between the Catholic Church and the institution of the mass media. It deals with the slow process of approach from this institution in relation to the media society and it charts media. It focus the transfer of hegemonic power in the exercise of communication, from the Church to the Technologies of Information and Communication (TICs), taking into account the challenges they present to the religious communication.

By developing a research-action according to what Thiollent proposes, it tries to find challenges and potentialities of interactive and virtual communication through the computer net, in the Christian faith affirmation and the evocation of spiritual values.

### **Key-words**

Church, media, net communication on the network, Internet, Interactive action.

## LISTA DE FIGURAS

Número de figuras	Descrição
1	Home Page do site: <a href="http://www.comunicacaoefe.pro.br">www.comunicacaoefe.pro.br</a>
2	Full banner do site
3	Inscrições
4	Confirmação
5	Interatividade
6	Lenda
7	Participação
8	Interação
9	Fórum

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Número do gráfico</b>	<b>Descrição</b>
<b>1</b>	<b>Distribuição dos inscritos por Região</b>
<b>2</b>	<b>Região Sudeste</b>
<b>3</b>	<b>Região Centro-Oeste</b>
<b>4</b>	<b>Região Nordeste</b>
<b>5</b>	<b>Região Sul</b>
<b>6</b>	<b>Região Norte</b>
<b>7</b>	<b>Número de participantes</b>
<b>8</b>	<b>Tabulação por gênero</b>
<b>9</b>	<b>Nível de escolaridade</b>
<b>10</b>	<b>Distribuição por faixa etária</b>
<b>11</b>	<b>Tabulação por estado civil</b>
<b>12</b>	<b>Formato do curso</b>
<b>13</b>	<b>Mediação</b>
<b>14</b>	<b>Temas</b>
<b>15</b>	<b>Indicação</b>
<b>16</b>	<b>Tempo</b>
<b>17</b>	<b>Material de apoio</b>

## SUMÁRIO

Introdução	13
<b>Capítulo 1</b> <b>UM CONTEXTO TECIDO POR INCONTÁVEIS FIOS</b>	
1. A Igreja Católica e a democratização do saber: Gênese, mediações, identidade	19
1.1 Gênese da Instituição	20
1.2 Direcionamento do poder hierárquico: mediações verticais	23
1.3 A força do contraponto: fluxos horizontais de comunicação	30
1.4 A identidade católica na lógica da desregulamentação	40
<b>Capítulo 2</b> <b>UM AMÁLGAMA CONCEITUAL DE CENÁRIOS LINEARES</b>	
2. A comunicação na cultura de massa: ciência, teorias e embates	46
2.1 Um olhar panorâmico sobre o campo de pesquisa	47
2.2 Os fios teóricos do pensamento comunicacional	49
2.2.1 A corrente funcionalista	52
2.2.2 A corrente frankfurtiana	55
2.2.3 A corrente culturoológica	58
2.2.4 A corrente McLuhaniana	61
2.3 Posicionamento da instituição católica em traços contextuais	63
<b>Capítulo 3</b> <b>UMA INTERCONEXÃO DE FLUXOS: OS FIOS EM REDE</b>	
3. O “novo” nos estudos da comunicação: teorias, tecnologias, linguagens	69
3.1 Por uma nova comunicação	71
3.2 A interatividade virtual	76
3.3 O foco sobre o receptor	85
3.4 O foco sobre o espaço geográfico	89

3.5 Destaques no pensamento comunicacional brasileiro	91
3.6 Dos meios à comunicação global: novo cruzamento com a Igreja	96
<b>Capítulo 4</b>	
<b>UMA REDE DISTRIBUÍDA: ABERTA E A DISTÂNCIA</b>	
4. A comunicação digital: desafios e resistências	103
4.1 Uma rede híbrida de fios diferenciados	105
4.2 As práticas religiosas e o ciberespaço	108
4.3 Do face a face à interface	110
4.4 Reafirmação da fé religiosa	113
4.5 A diáspora no ciberespaço	114
<b>Capítulo 5</b>	
<b>UM APRENDIZADO <i>ON-LINE</i>: NA TEORIA E NA PRÁTICA</b>	
5 O lugar da pesquisa: experiências de interatividade na comunicação em rede	117
5.1 Produção	119
5.2 Estrutura do curso	125
5.3 Análise dos processo	135
5.4 Um diálogo com os resultados	160
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
<b>Bibliografia</b>	
<b>Sitiografia</b>	
<b>Anexos</b>	
<b>ENCARTE-CD-ROM: Interface-Igreja e Mídia (Anexos da dissertação)</b>	

## INTRODUÇÃO

A prática religiosa é uma experiência possível de ser realizada sob incontáveis formas. Entre elas se distinguem as institucionalizadas, cujas ações são estabelecidas, organizadas e administradas por grupos dirigentes, aceitas e incorporadas por seus fiéis.

Esta dissertação se propõe a estudar a diversidade da prática da religião católico-cristã, que se apresenta como um conjunto de normas próprias nas quais as leis, as sanções, os costumes, o exercício do poder, os bens temporais, as obrigações dos membros, a organização interna e sua finalidade estão claramente definidos.

Nesta modalidade, chama atenção sua constituição hierárquica na qual a autoridade suprema é do Papa e do colégio dos bispos, tendo como contraponto vozes provindas de suas bases que a obrigam a um contínuo reposicionamento. Assim considerada, a Igreja necessita de um sistema de comunicação interna e externa, próxima e distante, dada sua configuração e extensão, tanto territorial quanto em número de fiéis.

A nossa pesquisa objetiva cruzar os olhares da comunicação e da instituição católica no cenário histórico, para uma articulação de seus processos através das interfaces<sup>1</sup> tecnológicas de comunicação. Aproximar as duas áreas, que se movimentam em contextos culturais diversificados, para que no diálogo entre si teçam uma teia de compartilhamento capaz de ressignificar o mundo aos tecelões em rede é o alvo deste trabalho.

Portanto, o foco de nossa reflexão propõe e executa uma experiência de comunicação totalmente *on-line*, levando em conta as múltiplas possibilidades de exercício e reflexão da fé. Por decorrência,

---

<sup>1</sup> Superfície de contato, de tradução, de articulação entre dois espaços, duas espécies, duas ordens, duas realidades diferentes.

pretendemos avaliar quais os desafios que o espaço virtual apresenta à educação religiosa e à instituição católica.

Na Idade Média, quando a comunicação se reduzia a manuscritos, a Igreja Católica, junto ao poder temporal, dominou a informação e o exercício da comunicação social. Com a Renascença e o conjunto de inovações que a impulsionaram, entre elas a criação da prensa por Gutenberg, a Igreja e seus aliados perderam este monopólio. A burguesia ascendente teve acesso ao conhecimento e à possibilidade de publicar e vender suas idéias e seus valores - fato histórico que engendrou na estrutura institucional da Igreja católica forte resistência aos avanços dos meios de comunicação e controle coercitivo sobre seus usuários.

Hoje, as mudanças significativas na sociedade são múltiplas, velozes e se fazem pelos meios hegemônicos de comunicação. As empresas de informação e comunicação fazem uso admirável dos recursos técnicos que a evolução vem oferecendo, pois significam um modo de se transmitir dados e informações cada vez em quantidade maior e de modo mais rápido de um emissor para um receptor ou para milhões de receptores ao mesmo tempo. No entanto, sentimos que a incorporação das tecnologias pela instituição católica não se dá com o mesmo ritmo próprio do saber/fazer técnicos. A Igreja vem se posicionando positivamente frente aos meios, mas ainda encontra dificuldades para acompanhar a sua celeridade performativa. A reorganização dos espaços urbanos e o conseqüente rearranjo das relações interpessoais impõem uma nova relação entre a Igreja e a mídia. Como garantir esse reposicionamento?

A nossa hipótese, a partir desse questionamento, pode ser traduzida no seguinte enunciado: o uso da comunicação *on-line*, na divulgação dos valores com os quais a Igreja católica ressignifica o mundo aos seus fiéis, pode ser uma alternativa de reposicionamento da identidade católica.

Apresentamos em traços contextuais como a Internet se desenvolve, na virada do século XX e início do século XXI, configurando-se - para a parcela da sociedade que tem acesso a essa tecnologia - uma ferramenta que, em meio a impasses e desafios, possibilita o relacionamento (interatividade) de grupos de interesses e a democratização das tecnologias e dos processos comunicacionais.

As bases metodológicas da pesquisa estão assentadas na pesquisa-ação. Desenvolvemos uma plataforma eletrônica totalmente on-line, que foi ao ar no mês outubro de 2004 com a participação de 102 cursistas.

Fixadas algumas temáticas, consideramos que a espinha dorsal do trabalho está apoiada em pilares que reputamos importante aos objetivos desse trabalho. Senão, vejamos.

No **Capítulo 1** faremos uma reconstrução cronológica do discurso e das estratégias de comunicação utilizadas pela Igreja Católica em seu projeto de universalização, desde suas raízes mais remotas até a incorporação das tecnologias digitais de comunicação e informação. Para isso, utilizaremos a compilação elaborada pelo historiador Guido Zachen, em seu Curso de História da Igreja, combinada à pesquisa realizada junto a sites, revistas e documentação oficial da Igreja que demonstrem essa evolução.

O **Capítulo 2** delinea o campo da comunicação e seleciona algumas correntes teóricas das primeiras sistematizações a respeito da investigação científica da comunicação no período da era industrial. Uma apresentação descritiva do quadro teórico assinala para o fato de que as tecnologias de comunicação e informação são recebidas com certo receio ou estranhamento não só pelos membros da hierarquia eclesiástica, mas também por cientistas e pesquisadores, antes de serem incorporadas no dia-a-dia das pessoas, evidenciando seus efeitos, benéficos ou não, para a sociedade humana.



O **Capítulo 3** é um ponto de ancoragem pertinente ao nosso trabalho. Ressalta o pensamento comunicacional contemporâneo no momento em que entram em cena as mídias digitais e a conexão em rede de computadores. As tecnologias de informação e comunicação, bem como os ambientes e processos comunicacionais, carregam o adjetivo “novo”, mudança de época que reconstrói o tecido social, dando-lhe a aparência de totalmente “outro”, obrigando as identidades a uma reformulação de seus papéis e a uma refundação de suas instituições.

O viés que alinhava esses capítulos iniciais é a comunicação buscando canais e formatos diferentes para superar as barreiras do tempo e do espaço, reestruturando ritos e sensibilidades cotidianos, atualizando sua sintática e semântica. Nesse sentido, a comunicação, percebida como um processo hegemônico de unificação social, combina meio e mensagem em uma relação complexa e dinâmica. “Qual a postura da Igreja Católica ao longo dessa evolução?” É a questão que tentamos pontuar histórica e culturalmente.

No **Capítulo 4**, propomo-nos a enumerar alguns desafios emergentes deste novo contexto e construir parâmetros para a pesquisa empírica. Mídias analógicas e mídias digitais são os dois eixos sobre os quais a nossa experiência ganha sustentação. Como pensar na convergência dessas duas áreas? O que elas apontam para a educação religiosa? Quais desafios se apresentam à missão da Igreja pela migração das tecnologias analógicas para as digitais?

A Igreja Católica – uma instituição que historicamente desenvolve e adota complexas estratégias de comunicação absorvidas por seus colaboradores nos mais diversos níveis e esferas hierárquicas – estaria aberta e preparada para acompanhar as exigências próprias das novas tecnologias? As tecnologias digitais, a comunicação em rede e a distância estão presentes neste capítulo como proposta para uma evangelização e educação religiosa mais adequada aos tempos.

**Capítulo 5** descreve a pesquisa de campo, realizada com base no método de pesquisa-ação. A finalidade é investigar que tipo de trocas simbólicas podem ser realizadas tendo alguns valores humano-cristãos como proposta temática. Para isso, desenvolvemos um curso a distância, de caráter informal, porém inspirado nas iniciativas formais de Educação a Distância (EAD) e na comunicação *on-line*: [www.comunicacaoefe.pro.br](http://www.comunicacaoefe.pro.br). É o momento em que apresentamos os bastidores da pesquisa, a sua execução, e o confronto com os dados.

Apresentaremos aqui também a análise do conteúdo dessas trocas que se estabeleceram por meio do curso **Comunicação e Fé**. Mostraremos como os participantes se apropriam da proposta de reflexão e constroem seus discursos no ambiente virtual. Os resultados trazem subsídios relevantes que devem ser considerados como contribuições e/ou sugestões para melhorias no processo de incorporação institucional das tecnologias digitais e articulação dos sistemas de comunicação da Igreja.

Na última etapa do trabalho, tecemos algumas considerações finais, oportunidade em que retomamos algumas discussões, firmamos decisões, ainda que provisórias, sinalizando para as questões mais prementes surgidas ao longo do trabalho.

## **CAPÍTULO 1**

### **UM CONTEXTO TECIDO POR INCONTÁVEIS FIOS**

*É verdade que a cultura da Igreja  
e a cultura midiática são diferentes;  
existe, com efeito, acerca de certos pontos,  
um contraste muito forte.  
Mas, não há razão alguma para que as diferenças  
tornem impossível a amizade e o diálogo.  
Muitas das amizades mais profundas  
encontram precisamente nas suas diferenças  
o encorajamento da sua criatividade  
e os seus laços recíprocos.*

**Papa João Paulo II**

## **1. A Igreja Católica e a democratização do saber: Gênese, mediações, identidade**

O objeto deste Capítulo é estabelecer, numa sintética evocação do passado, um pano de fundo do longo período dos últimos dois mil anos para esboçar sobre ele a imagem que a Igreja Católica, como instituição, projeta em relação aos meios de comunicação e como se apropria, paulatinamente, desses meios para ressignificar o mundo aos seus fiéis.

Nossa incursão pelos bastidores da história pretende capturar alguns flashes dessa trajetória, aproximando do foco a presença da Igreja em meio às transformações do século XX, no qual a revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede<sup>1</sup>.

Reconstruir esse contexto em que a instituição católica se estrutura é uma empreitada bastante complexa. Exige diversos olhares sobre o mesmo assunto, porque envolve, simultaneamente, questões históricas, culturais, psicológicas, econômicas, geográficas, políticas. São incontáveis e diferentes fios que se entrelaçam para compor um tecido que matiza a identidade da Igreja nesse longo percurso.

Desse tecido, os fios selecionados para esta pesquisa são fundamentais para delinear o perfil de abordagens de uma história complexa e paradoxal, que se redimensiona a cada desdobramento, conforme os movimentos da sociedade e da cultura, compreendidos até o momento. A Igreja Católica, enquanto exerce sua missão de comunicar a mensagem do Evangelho, participa dessas mudanças e caminha caucionada pelos passos históricos da comunicação.

---

<sup>1</sup> CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. A sociedade em rede vol. II – 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 17

## 1.1 Gênese da Instituição

Para melhor entender a rede comunicacional da instituição Igreja, é preciso supor a fé que ela professa e que dá origem a uma religião que estabelece o vínculo entre seus adeptos e deles com o sobrenatural. Esclarecemos, contudo, que nossa abordagem não será sobre o objeto da *fé jurada*, conforme expressa Jacques Derrida, elemento constituinte do que chamamos de religião, com o significado epistemológico de *religar* ou *salvar*.

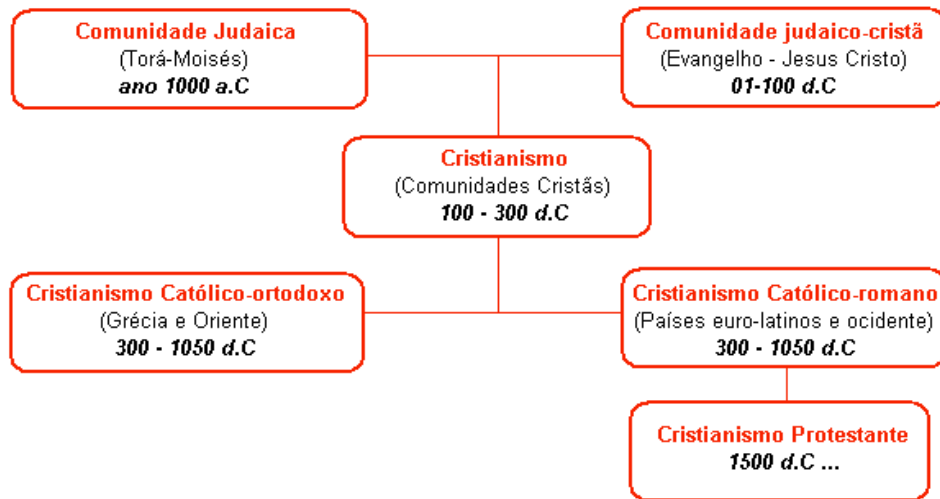
Não há *religio* sem *sacramentum*, sem aliança e sem promessa de testemunho em verdade da verdade, quer dizer, de a dizer, à verdade: quer dizer, para começar, não há religião sem promessa de manutenção da promessa de dizer a verdade – de a ter já dito! – no próprio acto da promessa. De a ter já dito, a *veritas*, em latim, e, portanto de a termos por dita. O acontecimento por vir teve já lugar. A promessa promete-se *já*, eis a fé jurada, e, por conseguinte, a resposta. Aqui começaria a *religio*.<sup>2</sup>

Da mesma forma, não é nosso objetivo entrar nas relações de *culto*, um espaço privilegiado no qual a Igreja estabelece padrões convencionais de comunicação. Jamais daríamos conta de um tema tão abissal por quanto ele carrega de mistério, simbologia, memória, história, tradição. Contudo, a nosso entender, será necessário, sob certos limites, vincular as questões da pesquisa à esses temas e ao pressuposto da fé.

O primeiro fio a ser puxado no que atende aos objetivos deste Capítulo é a identificação das raízes da instituição, de matriz judaico-cristã, como ponto de um constante recuo cronológico necessário para ancorar nossa abordagem. Traçamos, em grandes linhas, o mapa fundacional das diferentes modalidades de cristianismo católico:

---

<sup>2</sup> DERRIDA, Jacques VATTIMO, Gianni e outros. *A religião*. Lisboa: Relógio d'Água, 1997, p. 46



O termo católico, com o significado de *universal*, agrega-se ao cristianismo desde os primeiros séculos:

O adjetivo católico, *katholikós*, encontra-se já nos autores gregos Aristóteles, Zenon, Políbio com o sentido de total, universal, geral. No âmbito latino, esse adjetivo grego se traduz por *universalis*, *generalis*, *communis*. A partir do século II, é utilizado por alguns escritores cristãos, como Inácio de Antioquia, em 117, para designar a Igreja de Jerusalém. Mais tarde, **católica** se converterá em uma propriedade irrenunciável da Igreja, tal como se expressa no símbolo apostólico – creio na Igreja Católica – e na confissão de Nicéia e Constantinopla.<sup>3</sup>

Um segundo fio que interessa ser destacado, porque ligado às raízes da fé judaico-cristã, é a ascensão do cristianismo por intermédio da instituição da Igreja na disputa simbólica e real pela legitimidade de sua presença no espaço social. Consideramos este processo o gesto fundador de uma dinâmica que liga a Igreja ao mundo tendo como sinal as pegadas das primeiras comunidades cristãs registradas no livro “Atos dos Apóstolos” que, de certo modo, pode ser considerado o primeiro documento dessa história. Há, em seguida, três séculos de cristianismo de perseguições ou cristianismo não institucionalizado e, posteriormente, o fortalecimento da Igreja constantiniana, quando, numa simbiose

<sup>3</sup> *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 381

com o Estado, se impõe como princípio unitário da comunidade dos povos do Ocidente, do século VI

ao século XIII. Este período dá início ao *projeto de cristandade*,<sup>4</sup> considerado pelo historiador Guido Zachen<sup>5</sup> o fio mais resistente da hegemonia da Igreja Católica. O período que compreende os séculos XIV ao XVIII testemunha uma gradual dissolução do mundo cristão-ocidental, por força da reforma luterana, da revolução gutenberiana, do iluminismo e da revolução francesa. Enfim, nos séculos XIX e XX, com a revolução industrial, o advento dos meios de comunicação de massa e a revolução tecnológica, a Igreja revê, com mais acuidade e percepção, a si mesma e sua relação com o mundo. Esboça-se, progressivamente, um reposicionamento da instituição frente aos meios de comunicação.

Feito este percurso, interessa-nos pôr em relevo a trajetória da Igreja deste último período, centralizada historicamente em espaços geográficos e administrada por uma autoridade hierárquica igualmente credenciada por um poder central regulador<sup>6</sup>, tendo como contraponto iniciativas de base que aderem ou contestam uma postura dominadora. Consideramos que o ritmo dessa dinâmica sustenta-se sobre mediações de poder e poder de comunicação. Para tanto, é necessário contextualizar essas mediações dentro da comunidade dos católicos, como demonstraremos a seguir.

---

<sup>4</sup> **Cristandade** – Comunidade dos povos cristãos unidos num único organismo político-jurídico, pelo fato apenas de pertencerem à Igreja. A Igreja que enfeixa os diversos povos nesta unidade é-lhe o elemento constitutivo fundamental e, assim, o chefe supremo da Igreja, o papa, passa a ser também o chefe supremo da cristandade. Introduziu-se como elemento vinculador dos povos cristãos em lugar do antigo conceito de Reino de Deus ou da “*ecclesia universalis*” dos tempos carolíngios e otônicos. O elemento básico do modelo é o conceito de sociedade sacra. Nesse conceito de sociedade ou cristandade se identificam os conceitos de fé e nacionalidade, e o catolicismo passa a ser religião oficial do Estado. Os interesses da Igreja são os interesses do Estado e vice-versa. Essa unidade entre fé e nacionalidade é mantida por meio de dois mecanismos principais de ação: a inquisição, que não permite divergências religiosas que venham a romper a unidade nacional; e a guerra santa, por meio da qual se combatem os inimigos externos da pátria e da religião. *In Dicionário Enciclopédico das Religiões*, Vol. I Petrópolis: Vozes, 1999, p. 737

<sup>5</sup> ZACHENI, Guido, *A Idade Contemporânea – Curso de História da Igreja – Vol. IV*. São Paulo: Editora Paulus, 1999, p. 16

<sup>6</sup> O controle se constitui o calcanhar de Aquiles das atuais políticas de comunicação. Desde os tempos imemoriais até os tempos correntes é este o problema que faz dos processos comunicacionais um desafio a ser superado.

## 1.2 Direcionamento do poder hierárquico: mediações verticais

Na tessitura da tradição cristã, a função do papa como sucessor de Pedro<sup>7</sup> está subordinada a uma pluralidade de questões teológicas e culturais<sup>8</sup>. Será necessário considerar esse entrelaçamento como matriz de nossa abordagem sempre que tentarmos mostrar as estratégias e políticas dessas mediações que cruzam o tecido de uma história cheia de luz e sombras: o papado<sup>9</sup>.

Nos anos 50 da era cristã, o primeiro Concílio de Jerusalém<sup>10</sup> constituiu Pedro o *bispo* das Igrejas do Oriente e do Ocidente como liderança que governa a comunhão. Mais tarde, o bispo da *antiga* Roma é distinguido com o título afetoso de papa<sup>11</sup>, sumo pontífice, santo padre, e representa o episcopado oriental e ocidental como elemento essencial no plano da doutrina e na disciplina de comunhão do império convertido à fé cristã.

Estudiosos da história da Igreja apontam para o primado do bispo de Roma, o papa, como depositário de aquisição de poderes, concepções e domínios relacionados aos privilégios de Pedro e às doações de Constantino<sup>12</sup>. O historiador Alberto Melloni documenta:

<sup>7</sup> “Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja” (Mt 16, 18)

<sup>8 8</sup> “Que seja consagrado bispo aquele que foi escolhido pelo povo. Quando for dado a conhecer o seu nome e se ele aceitar, o povo deverá ser reunido em um sábado pelo presbitério e com os bispos presentes. Com o consentimento de todos, estes devem impor-lhe as mãos” (Hipólito, Trad. Apost.,2)

<sup>9</sup> “Como a hierarquia culmina, por sua vez, no papado, e essa culminação se entende novamente como *origo, fons e radix*, devem os ministérios eclesiais, sobretudo o mais importante, o múnus episcopal, sua existência ao mandatário supremo (...). A Igreja é o Estado do papa. A Igreja é, no fundo, única diocese, com o papa na ponta; os bispos são seus vigários.”: Fries, H. *A Igreja como império*. In *Revista Mysterium Salutis*, vol. 4, n.2, Petrópolis: Vozes, 1975, p. 24

<sup>10</sup> *Atos dos Apóstolos* 15,35

<sup>11</sup> Título do sucessor de Pedro, o chefe supremo da Igreja católica; o Sumo Pontífice, o Santo Padre “lat. *pápa (pápas)* ou *páppa (páppas)*, *ae* 'pai, governador (de crianças), amo, pedagogo; padre, papa, título honorífico atribuído aos dignitários da igreja; segundo Corominas, o sentido eclesialístico documenta-se a partir do séc.III, mas só depois do séc. V se restringe ao bispo de Roma ou Sumo Pontífice. Disponível in: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=papa> Consultado em 15 de setembro de 2005

<sup>12</sup> O poder legislativo do imperador (*quidquid principi placuit*) passou para os rescritos, editos e leis pontifícias. O Código de Graciano aplicou ao papa os elementos do Código Civil que tratavam dos poderes do imperador. Essa teologia pontifícia imperial culmina no papa Bonifácio VIII (*ego sum Caesar, ego sum imperator*). A teologia da realeza de Cristo, desenvolvida nos séculos XII e XIV,



Tendo passado de uma função de confirmação para uma de definição, da marginalidade para a centralidade política, a concepção e a experiência do bispo da urbe conhecem na Idade Média um desenvolvimento que Walter Ulmann definiu com uma famosa fórmula, o crescimento da “monarquia papal”. Essa monarquia representa um modo de o cristianismo latino, nos séculos XI-XIII, expressar tudo sobre si mesmo, inclusive na imagem da autoridade da Igreja: é uma concepção tão solidamente entremeada com a instituição, a ponto de tornar, durante séculos, igualmente necessário e difícil conceber uma distinção apta a encontrar o núcleo essencial e dinâmico do ministério petrino na Igreja.<sup>13</sup>

O traço imemorável na tradição da *eleição* do bispo de Roma presente nas primeiras Igrejas - Jerusalém, Antioquia e Alexandria - assume, a partir do século III, um mecanismo político lentamente difuso pela Igreja latina a favor de nomeações complexas, mediadas por instâncias civis e eclesiásticas. Posteriormente, no clero romano, essa tarefa de eleger o bispo de Roma passou para um número restrito de clérigos importantes, definidos como *cardeais*<sup>14</sup>, embora o que existe entre cardinalato e papado seja apenas um nexos histórico. Continuando nos estudos de Melloni, os dois elementos não têm uma relação originária necessária e não são sequer obrigados a conviver; entretanto, eles vivem e convivem há um milênio como herança de inculturações profundas, de práticas difundidas, de representações míticas de um passado legitimador. Eles se entrecruzam num instituto específico, o *conclave*<sup>15</sup>, dado que na teologia medieval (responsável pela elaboração do tema: ‘*um por todos*’ Tomás de Aquino) o papado é monárquico porque essa é a forma mais perfeita de governar<sup>16</sup>.

---

serviu para legitimar essa imitação do Império por parte da Cúria Papal. Cf. Le Bras, G. *Le droit romain au service de la domination pontificale*. NRHDF. n.27, 1949, p 377- 398

<sup>13</sup> MELLONI, Alberto. *Como se elege um papa*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 12

<sup>14</sup> **Cardeal** – Prelado da Igreja Católica investido na dignidade de membro do Sacro Colégio Pontifício para assessorar o papa, como conselheiro e colaborador principal no governo da Igreja (...) Os cardeais da Igreja romana constituem um Colégio especial, ao qual compete assegurar a eleição do Romano Pontífice de acordo com o direito especial; os cardeais também assistem ao Romano Pontífice, agindo colegialmente, quando são convocados para tratar juntos as questões de maior importância, ou individualmente, nos diversos ofícios que exercem, prestando ajuda ao Romano Pontífice, principalmente no cuidado cotidiano pela Igreja Universal. In *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, Vol. I Petrópolis: Vozes, 1999, p. 508

<sup>15</sup> **Conclave** –(Cat) Assembléia dos cardeais para a eleição por escrutínio secreto do papa. Obedece à regulamentação minuciosa do Direito Canônico e das Constituições Apostólicas In *dicionário Enciclopédico das Religiões*. idem p. 643

<sup>16</sup> MELLONI, Alberto. *Como se elege um papa* – São Paulo; Paulinas, 2002, p. 14-15

Nesta estrutura vertical de poder, a produção e o controle do conhecimento e da escrita eram monopolizados pela Igreja. A escrita, por exemplo, dependia fundamentalmente da atuação de copistas - um grupo de elite, a serviço da Igreja, que administrava o saber documentado. O acesso aos raros e importantes documentos manuscritos, em pergaminho ou papiro, era restrito, isto é, possível apenas aos sábios e poderosos. Observa-se um fortalecimento da Igreja no controle da cultura, uma vez que os monges pertenciam e trabalhavam sob a chancela eclesial.

*O mosteiro era o centro de civilização da Alta Idade Média: quanto maior o isolamento, maior parece ter sido o desenvolvimento espiritual, intelectual e tecnológico. Explica-se: o isolamento exigia mais autonomia. Foi no interior dos mosteiros, em suas oficinas, que se desenvolveram as mais representativas técnicas da Idade Média.*

*O scriptorium-biblioteca era o grande repositório de cultura intelectual, e em seus domínios fundiários, cultivados tanto pelos monges quanto por outras populações dependentes, desenvolveu-se um modelo econômico inspirado pelas leis cristãs.*

*Os mosteiros eram verdadeiros oásis de cultura no meio dos “desertos”, das florestas e dos campos ainda não tocados pela agricultura monástica.<sup>17</sup>*

Continuamente referenciado pelo projeto de cristandade, o fluxo das mediações verticais atribuiu ao soberano pontífice um acúmulo de poderes e de influência com grupos e redes de relacionamento não poupando a Igreja de cair na tentação de alianças com o poder temporal, de ambições mesquinhas e escolhas ingênuas. Uma história carregada de fé e de glória, mas também de intrigas pelo poder, conspirações, lendas e rebeliões.

Nos inícios do segundo milênio, a instituição católica registra sua primeira grande ruptura com o centro canalizador do poder dominante. Em 1049 o papa Leão IX é eleito e coroado com o consentimento somente do clero de Roma e legitimado como representante, apenas, da Igreja Latina<sup>18</sup>. Este rasgo na história

---

<sup>17</sup> GONTIJO, Silvana. *O livro de ouro da comunicação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 121

<sup>18</sup> Quando se deu a separação oficial entre Roma e Constantinopla, sobretudo a partir do século XI, prevaleceu o costume de os ocidentais chamarem a si mesmos de “católicos”, enquanto os orientais ligados a Constantinopla preferiram, como termo próprio, “ortodoxos”. In *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Vol I. Petrópolis: Vozes, 1999, p 1952 Verbetes **Ortodoxos**.

da Igreja acabou por datar no ano de 1054 o cisma dos dois pólos da cristandade: Constantinopla e Roma; patriarca e papa; teologia grega e teologia latina.

Ao interpretar a história dos fatos, após uma dinâmica de possíveis antigas causas (culturais, lingüísticas, políticas), chega-se à conclusão de que o antagonismo que no final do primeiro milênio já se manifesta no Oriente vem tanto da figura do papa quanto de Roma, centro de relações de poder hegemônico.

Outra ruptura histórica, com o poder centralizador/regulador de Roma dentro do cristianismo católico no Ocidente, acontece com Lutero<sup>19</sup> no início do século XVI, justamente no nascedouro do novo mundo, as Américas, e com a democratização do conhecimento pela revolução da imprensa<sup>20</sup>. Os fios que até então apresentam a Igreja como protagonista no cenário histórico são atenuados para se ressaltar o protagonismo dos grandes e novos acontecimentos pós-renascentistas, iluministas e modernos.

Em 1864, Pio IX lança a encíclica *Quanta Cura* com a clara evidência de que para a Igreja do século XIX, em relação aos Estados liberais, importa a defesa dos valores cristãos e, para este fim, reafirma a autoridade do sumo pontífice pelo *dogma da infalibilidade do papa*<sup>21</sup> e esforça-se na *reconstrução da cristandade* como garantia dos valores que ela tutela e como painel de visibilidade identitária.

---

<sup>19</sup> Em 1517, Martinho LUTERO afixa nas portas da Catedral de Wittenberg 95 teses em protesto à conduta da Igreja Católica, e dá início a um movimento de confissão religiosa que termina por cindir a cristandade ocidental.

<sup>20</sup> Johann Gensfleisch Gutenberg (1397/1468) - Nascido na cidade de Mogúncia (Alemanha), no seio de uma família bastante próspera, é a ele que se deve a criação do processo de impressão com caracteres móveis - "a tipografia". Tanto o seu pai como o tio eram funcionários da Casa da Moeda do arcebispo de **Mogúncia**, sendo provavelmente ali que Johann aprendeu a arte da precisão em trabalhos de metal. Em 1428, Gutenberg parte para Estrasburgo, onde procedeu as primeiras tentativas de imprimir com caracteres móveis e onde deu a conhecer a sua idéia (...) Nos primeiros impressos então produzidos contam-se várias edições do "Donato" e bulas de indulgências concedidas pelo Papa Nicolau V. No início da década de 1450, Gutenberg iniciou a impressão da célebre Bíblia de quarenta e duas linhas (em duas colunas).

<sup>21</sup> **Infalibilidade do papa** – Em 1850 os domínios papais começaram a perder para a Itália a Romanha (1859), a região da Úmbria, Marcas (1860), e finalmente Roma (1870). O Papa agora estava restrito ao Estado do Vaticano e a igreja romana não era mais a senhora de mão-de-ferro da Europa. Fortes conflitos doutrinários dividiam os teólogos de escolas opostas e emergiam novas idéias seculares que o Papa condenou como "erros modernos". Já que a igreja, considerada infalível, estava experimentando sua derrocada, a solução então era consolidar o resto do poder que ainda existia nas mãos de um agente único, o papa. Pio IX convocou o Concílio Vaticano I e decretou a infalibilidade do papa, através da bula *Pastor Aeternus*.

Expressando a visão proposta por autores da época, o historiador Guido Zacheni assinala:

O período revolucionário constituía o último elo de um longo processo que, partindo da Reforma protestante, havia retirado da Igreja qualquer tipo de autoridade sobre a sociedade e, por isso, o mundo havia caído na desordem e na descrença. Para não voltar ao precipício das revoluções, era preciso reconstruir a sociedade sobre valores autênticos, garantidos pela ação e pela presença do papado.<sup>22</sup>

Esta proposição será, então, defendida pelo Concílio Vaticano I (1870), contribuindo para fixar na consciência dos cristãos os valores sobrenaturais que são negados ou combatidos pelos Estados liberais. Pio IX declara que o concílio “desejava preparar os necessários e salutareos remédios” para os males que ameaçavam a Igreja.

Estabelecida esta base que, do século XVI até os fins do século XIX, pouco muda nas normas do conclave, o calendário histórico nos situa no século XX, outro marco histórico de importância relevante para nossa pesquisa.

A Igreja, que vem sendo orientada pela ideologia de cristandade, encontra, no alvorecer do século XX, dificuldades para entrar em sintonia com os avanços progressivos da revolução industrial e dos meios de comunicação de massa. Com o modelo liberal de Estado, ela empreende dura batalha, se tivermos presente a mentalidade de ambos os lados: o anticlericalismo de uns, com o objetivo de excluir da sociedade qualquer inspiração religiosa, e a eclesiologia de outros, que pretende propor um Estado Católico.

De 1878 a 1903, o papa Leão XIII, homem de viva sensibilidade social, confere à Igreja a capacidade de abertura ao mundo moderno. Sua primeira encíclica, *Inscrutabili Dei Concilio*, indica o objetivo de seu pontificado: a reconciliação da Igreja com a cultura. A interpretação de Leão XIII sobre “os males da sociedade” tem outra chave de leitura. Pio IX havia fechado a Igreja numa atitude de isolamento com o mundo e, agora, o novo pontífice declara que “os males que afligem a sociedade são numerosos e graves, mas a Igreja, depositária

---

<sup>22</sup> ZACHENI, Guido. *A Idade Contemporânea - Curso de História da Igreja - Vol. IV*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 17

de valores da moral e da justiça, possui os meios para vencer esses males.” A eleição de Leão XIII coincidiu com uma gradual mudança na linha da Igreja que, durante o seu pontificado, se torna muito significativa. Para captarmos a grandeza de seu projeto histórico-pastoral, vejamos suas prioridades: **a renovação cultural da Igreja; o ordenamento democrático do Estado; a condição operária; e a questão social.** Nesta ótica, Leão XIII reestrutura os estudos teológicos na linha tomista<sup>23</sup> de harmonia entre razão e fé; contribui na fundação das primeiras universidades católicas; apóia a idéia da função social da propriedade e de respeito a um governo baseado no consenso popular; abre espaços à democracia cristã; encoraja a ação social católica; e acolhe o esforço do progresso humano e intelectual da pesquisa científica:

É, portanto, verdadeira e vã calúnia a notícia que vai se espalhando de que a Igreja vê com maus olhos as modernas constituições e que rejeita indistintamente os frutos gerados pelo talento dos contemporâneos (...) A Igreja acolherá sempre com alegria e prazer tudo o que venha, no momento oportuno, alargar os limites da ciência, e com o costumeiro zelo se esforçará por apoiar e promover também aquelas disciplinas que têm por objeto o estudo da natureza.<sup>24</sup>

As primeiras décadas do século XX redesenham o cenário social, visto serem palco para o surgimento do socialismo e de movimentos populares como protesto às mudanças introduzidas pela industrialização e pelos meios de comunicação de massa. Estudiosos da comunicação cunham conceitos que fundam novas teorias e aglutinam tendências transformadoras. Gramsci<sup>25</sup>, com o

<sup>23</sup> A penetração do tomismo (pensamento filosófico-teológico de Tomás de Aquino) no pensamento e na atividade doutrinária da Igreja teve o seu início oficial com a canonização de **São** Tomás por João XXII, em 1323, e foi sempre se consolidando mais, malgrado as oposições, até obter um prestígio sem igual durante o Concílio Tridentino. Mas somente nos tempos modernos a Igreja tem declarado Santo Tomás de Aquino o seu próprio Doutor oficial. Leão XIII pode ser considerado o verdadeiro iniciador do movimento, com a Carta Encíclica *Aeterni Patris* de 4 de agosto de 1879. A obra de Leão XIII a favor de **Santo** Tomás pode se resumir em dois pontos: 1) Santo Tomás é declarado o único Mestre oficial das escolas católicas de toda espécie; 2) o objeto principal da declaração é a *retomada da filosofia tomista*

<sup>24</sup> Leão XIII, “*Immortale Dei*”, carta encíclica de 1º de Novembro de 1885, In *Documenti sociali della chiesa*, Org. por R. Spiazzi. Vol II. Milão: Massimo, 1988, p. 23

<sup>25</sup> Antonio Gramsci, (1891-1937), filósofo italiano, entregou-se a militância política, primeiro no Partido Socialista Italiano e, depois, com a cisão deste, em 1921, no Partido Comunista Italiano do qual foi um dos líderes da primeira hora e deputado até o seu encarceramento, em fins de 1926, pelo governo fascista já então resolvido a suprimir até as imunidades parlamentares. Seus textos denunciam uma humanidade ao mesmo tempo severa e jovial, viva em um pensador cuja vida foi

conceito de *hegemonia*; Adorno<sup>26</sup>, com o conceito de *indústria cultural*; Matellart<sup>27</sup>, com o conceito de *terceiro mundo*, podem ser citados como exemplos. Na interpretação histórica de Guido Zachen, lemos:

No início do século XX podiam ser percebidas, embora com certa dificuldade, as grandes mudanças que estavam ocorrendo no mundo: findava o modelo da civilização europeia típica do século XIX, fracassavam os impérios centrais da Europa, ganhava terreno um tipo de sociedade mundial, entrava em crise o conceito de um direito público compartilhado e, com ele, também a idéia de Estado. Entrava em cena, pela primeira vez, na época moderna, um novo sujeito político - as massas - o que em breve levaria a sociedade a se caracterizar como *sociedade de massa*.<sup>28</sup>

Em uma sociedade que se transforma em ritmo acelerado, em virtude dos aparatos tecnológicos e dos meios eletrônicos de comunicação de massa em ascensão com o apogeu da era industrial, a Igreja ainda mantém uma postura de superioridade e de aceitação controladora, apropriando-se da imprensa escrita e do rádio, amparada por uma prática funcionalista e unidirecional. No que diz respeito ao cinema e à televisão, a instituição manifesta-se de forma conciliadora e exerce um poder de orientação para a conservação dos valores cristãos. Porém,

---

truncada brutalmente aos trinta e cinco anos de idade, no momento em que entrava na fase da mais arriscada e ardente militância.

<sup>26</sup>Theodor Adorno, filósofo, sociólogo e musicólogo alemão, nasceu em 1903 em Frankfurt, filho de pai alemão - um próspero negociante de vinhos, judeu secular - e mãe italiana. Cedo em sua vida intelectual, descobriu a obra de Kant por intermédio de seu amigo Kracauer, especialista em sociologia do conhecimento, que viria a se notabilizar com a publicação da obra *De Caligari a Hitler*, sobre as relações entre o cinema e o nazismo. Adorno vinha de um meio de musicistas e amantes de músicas e logo se orientou para a estética musical. Com o fim da Guerra, Adorno é um dos que mais desejam o retorno a Frankfurt, tornando-se diretor-adjunto do Instituto para Pesquisa Social e seu co-diretor em 1955. Com a aposentadoria de Horkheimer, Adorno torna-se o novo diretor.

<sup>27</sup>Armand Matellart nasceu na Bélgica em 1936. Sua infância está marcada pela Segunda Guerra Mundial e pelos estudos secundários num Internato Católico onde toma consciência dos problemas dos países pobres. Ao concluir os estudos, une-se à comunidade de monges seculares. Mais tarde, volta a Lovaina, onde estuda Direito e Ciência Política e, posteriormente, Demografia em Paris junto a Alfred Sauvy, um dos teóricos que formula o conceito de "Terceiro Mundo". Recebe do Vaticano o título de experto em políticas da população, já que a Igreja carecia desta pesquisa e o assunto começava a ter forte relevância com a Aliança para o progresso de Kennedy, que defendia a limitação dos nascimentos. Em 1962, estabelece-se no Chile, onde estrutura sua pesquisa acadêmica. Ali, se revolta contra os modelos de planejamento familiar, aproximando sua reflexão à comunicação, e funda seu primeiro Centro de Estudos sobre a comunicação. Autor de várias obras entre as quais se destacam: *História da Sociedade da Informação e História das Teorias da Comunicação*.

<sup>28</sup>ZACHENI, Guido. *A Idade Contemporânea*. Curso de História da Igreja Vol. IV. São Paulo: Paulus, 1999, p.18

as demandas por um posicionamento, desencadeadas pelas bases, abrem brechas no discurso institucional, exigindo a necessidade de diálogo com a sociedade e determinando uma transformação na atitude pastoral da Igreja:

Acolhemos benevolmente os pedidos que nos chegaram de pastores muito zelosos e de leigos competentes nessas técnicas, que nos solicitaram, por meio da presente carta encíclica, ensinamentos e diretrizes que valessem também para o rádio e para a televisão.<sup>29</sup>

Essa inversão de direção no movimento do discurso eclesial estabelece o momento em que a prática monológica cede espaço para o diálogo sensível às necessidades sociais.

Refundada no esforço para o diálogo, a Igreja procura estreitar os vínculos com seus interlocutores e educar para a responsabilidade seus adeptos, estimulando-os à formação da consciência crítica capacitada “para filtrar as mensagens e os vários elementos oferecidos pela tela e pelo alto-falante e, assim defendido, não lhe sofrer passivamente o influxo”<sup>30</sup>.

Ao perceber que os meios dão acesso e ampliam auditórios diversificados, a Igreja começa a organizar, sistematizar e democratizar seus processos de comunicação, descentralizando as estratégias de propagação da fé e difusão de sua mensagem. É sobre este redesenho social que se ancoram as mediações horizontais que colocam a Igreja em diálogo com o mundo contemporâneo.

### 1.3 A força do contraponto: fluxos horizontais de comunicação

Ao longo da história, o comportamento da Igreja se orientou pelo exercício da censura e da repressão<sup>31</sup> no que diz respeito aos processos de reprodução da palavra escrita. Desde Gutenberg, apropriou-se do primeiro canal de comunicação de massa, a imprensa, e com o mesmo controle regulador tenta absorver também os novos instrumentos de representação simbólica, de transmissão do saber, os meios eletrônicos, numa postura de superioridade e fundamentalismo:

---

<sup>29</sup> In DARIVA, Noemi (Org.) *Comunicação Social na Igreja* - Documentos fundamentais - Miranda Prosus, nº 20. São Paulo: Paulinas, 2003, p 38

<sup>30</sup> Idem, p. 45.

<sup>31</sup> Por exemplo, a Inquisição e o Index dos livros proibidos.

(...) razão que leva a Igreja a interessar-se pelos meios de difusão: é que ela, superior a todos os demais, tem o encargo de transmitir aos homens uma mensagem universal de salvação (Ef 3, 8-9), mensagem essa de incomparável riqueza e força que deve ser recebida na alma de todos os homens, sejam quais forem a nação ou o tempo a que pertençam.<sup>32</sup>

A essa política de controle na instituição eclesial sempre houve forças dissidentes, graças às quais também o processo comunicacional da mesma é obrigado a rever-se continuamente. São embates que fortalecem as forças das mediações horizontais nas bases, representações importantes para o fim da hegemonia e o surgimento de uma diversidade plural de olhares no avanço progressista da comunicação eclesial. Apenas para exemplo, no que diz respeito aos meios de comunicação, no alvorecer do século XX, a imprensa católica já alcançara o novo mundo, por meio de entidades religiosas que avançaram por força do carisma e não pela oficialização do poder hierárquico<sup>33</sup>.

O nascimento do rádio e do cinema fermenta, na consciência de toda a Igreja, uma nova inquietação: como se proteger do poder dos meios de comunicação de massa? Esta preocupação encontra eco no coração de um jovem seminarista que, inicialmente, pensa numa *organização católica de escritores, técnicos, livreiros, revendedores católicos* e, mais tarde, torna-se o fundador da Família Paulina, Padre Tiago Alberione<sup>34</sup>. Ele pontua esse marco com palavras autobiográficas:

Entendera muito bem as palavras calmas, mas profundas e cativantes de Toniolo.<sup>35</sup> Lera o apelo de Leão XIII para que se rezasse pelo século que começava.<sup>36</sup> Ambos falavam das necessidades da Igreja, dos novos meios usados para o mal, do dever de opor imprensa à imprensa, organização à organização,

<sup>32</sup>In DARIVA, Noemi (Org.) *Comunicação Social na Igreja - Documentos fundamentais - Miranda Prosus*, nº 6. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 35

<sup>33</sup> Editoras Católicas. Ave Maria no Brasil em 1898; Santuário em 1900; Vozes 1901; Paulinas 1931.

<sup>34</sup> Padre Tiago Alberione, fundador da Família Paulina, foi um dos mais carismáticos apóstolos do século XX. Nasceu em San Lorenzo di Fossano (Cuneo/Itália), no dia 4 de abril de 1884, e morreu em Roma no dia 28 de novembro de 1971. Foi proclamado bem-aventurado no dia 27 de abril de 2003.

<sup>35</sup> José Toniolo (1845- 1918) foi um dos maiores mestres do pensamento social católico e primeiro Presidente nacional da União Popular.

<sup>36</sup> Carta encíclica *Tametsi futura prosbicientibus* de Leão XIII, 1900.



da necessidade de fazer o evangelho penetrar nas massas e das questões sociais...<sup>37</sup>

À imprensa foram se agregando os novos meios que a inteligência humana criava. Desse modo, já não havia um apostolado voltado exclusivamente para o âmbito da escrita, mas um apostolado aberto a tudo o que tocasse ao mundo da comunicação.

Nessa época turbulenta, a conjuntura histórica produzia tendências divergentes, dando novos contornos à comunicação da Igreja. Tiago Alberione, em seus manuscritos, descreve o momento:

O clero permaneceu dividido até 1910. Havia uma corrente fiel às diretrizes da Santa Sé e outra, embebida pelo liberalismo de Manzini<sup>38</sup>, de Cavour<sup>39</sup> e de Minghetti<sup>40</sup>. Uns ainda apegados aos antigos métodos de vida e de pastoral ficavam alheios às novas necessidades, enquanto outros se preocupavam com o progresso do socialismo (...). Grave agitação e desorientação sobrevieram por causa do modernismo que se alastrou precipitadamente na literatura, na arte, na disciplina escolástica, no jornalismo, na teologia, na filosofia, na história, na Sagrada Escritura, etc.<sup>41</sup>

Mesmo em circunstâncias adversas, Tiago Alberione funda as primeiras congregações religiosas com o carisma específico de evangelizar com os meios de comunicação social: Pia Sociedade de São Paulo (padres paulinos - 1914) e Pia Sociedade das Filhas de São Paulo (irmãs paulinas -1915). São instituições religiosas que, em sintonia com os princípios evangélicos, se empenham no diálogo com o mundo da cultura e na educação para a comunicação, com o olhar voltado para as inquietações da sociedade e do mundo contemporâneo.

Na passagem do século, em meio à turbulência social, intelectuais europeus como Theodor W. Adorno, Walter Benjamim e Max Horkheimer migram para os Estados Unidos da América e definem em Nova York a “Escola de

---

<sup>37</sup> ALBERIONE, Tiago. *História carismática da família paulina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1975, p. 36

<sup>38</sup> Nas notas 39,40,41 inseridas no texto citado, o autor refere-se a José Manzini, Camilo Benzo e Marco Minghetti como homens que atuaram no cenário político do século XVII. In idem, p. 36-37

<sup>39</sup> BENSO, Camilo - Conde de Cavour, (1810-1861).

<sup>40</sup> MINGHETTI, Marco - (1818-1886).

<sup>41</sup> Ibidem p. 36/37

Frankfurt".<sup>42</sup> O período de entre Guerras (1914-1945) foi útero de uma efervescência intelectual transformadora. Destacam-se os estudiosos da comunicação social: Marshall McLuhan (1911-1980); Roland Barthes (1913-1980), Raymond Williams (1921-1988).

Na percepção de Tiago Alberione, a elite intelectual é importante e decisória para uma comunicação eficaz e transformadora. Dirigindo-se aos membros das congregações recém-fundadas, escreve:

Acolham no coração os intelectuais. O Evangelho é divino; adapta-se fundamentalmente a todas as mentes (...). Conquistando os intelectuais, pesca-se com a rede e não apenas com o anzol.<sup>43</sup>

As práticas hierárquicas verticais são também levadas a efeito com Pio X (1903), cuja soberania é reduzida ao Vaticano<sup>44</sup>. Embora não subtraindo o papado da cena política internacional, o papa fica confinado no pequeno Estado.

---

<sup>42</sup> **A Escola de Frankfurt** foi fundada em 1923 por iniciativa de Félix Weil, filho de um grande negociante de grãos de trigo na Argentina. Antes dessa denominação tardia (só viria a ser adotada, e com reservas, por Horkheimer na década de 1950), cogitou-se o nome Instituto para o Marxismo, mas optou-se por Instituto para a Pesquisa Social. Seja pelo anticomunismo reinante nos meios acadêmicos alemães nos anos 1920-1939, seja pelo fato de seus colaboradores não adotarem o espírito e a letra do pensamento de Marx e do marxismo da época, o Instituto recém-fundado preenchia uma lacuna existente na universidade alemã quanto à história do movimento trabalhista e do socialismo. Carl Grünberg, economista austríaco, foi seu primeiro diretor, de 1923 a 1930. O órgão do Instituto era a publicação chamada Arquivos Grünberg. Horkheimer, a partir de 1931, já com título acadêmico, pôde exercer a função de diretor do Instituto, que se associava à Universidade de Frankfurt. O órgão oficial dessa gestão passou a ser a Revista para a Pesquisa Social, com uma modificação importante: a hegemonia era não mais da economia, e sim da filosofia. A Teoria Crítica realiza uma incorporação do pensamento de filósofos "tradicionais", colocando-os em tensão com o mundo presente. A Escola de Frankfurt revela-se nas páginas da Revista de Pesquisa Social, um dos documentos mais importantes para a compreensão do espírito europeu do século XX. Seus colaboradores estiveram sempre em primeiro plano em todos os momentos nos quais a reflexão crítica sobre os principais aspectos da economia, da sociedade e da cultura de seu tempo foram essenciais; em alguns casos chegaram mesmo a participar da militância política. Tornaram-se, por conta desta posição, alvo de perseguição dos meios conservadores, responsáveis pela ascensão e apogeu dos regimes totalitários europeus da época. Em 1933, o Instituto de Pesquisas Sociais foi obrigado a transferir-se para Genebra, depois para Paris e, finalmente, para Nova York.

<sup>43</sup> ALBERIONE, Tiago. *História carismática da família paulina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1975, p. 123

<sup>44</sup> O Estado da cidade do Vaticano foi consagrado pelo Tratado de Latrão, um Estado dentro da capital de outro Estado; todo ele é propriedade privada do soberano. O papa goza nele da plenitude dos poderes legislativos, executivo e judiciário (...). O Estado da cidade do Vaticano foi constituído, não para permitir uma ordenada convivência de homens num determinado território, mas para assegurar a liberdade e a independência da Santa Sé para o governo espiritual da diocese de Roma e da Igreja católica em todas as partes do mundo. In *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, Vol II Petrópolis: Vozes, 1999, p 2610

O conjunto de normas emanadas por Pio X entra em função com a sua morte em 20 de agosto de 1914, dia da entrada das tropas alemãs em Bruxelas. A guerra explode sem que tenha saído do Vaticano qualquer apelo; e o conclave para a eleição do novo papa se reúne num período de guerra onde se vêem representados uns ao lado dos outros os cardeais dos países inimigos. Em 3 de setembro de 1914, Bento XV é elevado ao pontificado - um pontificado curto no período de entre guerras, mas muito positivo sob o aspecto do diálogo a favor da reconciliação e da paz na Igreja e fora dela<sup>45</sup>.

Em 1º de março de 1922, o sucessor do papa toma o nome de Pio XI e publica a primeira carta encíclica pontifícia do século XX, que trata dos meios de comunicação e, particularmente, do cinema: *Vigilante Cura*<sup>46</sup>.

Esse período foi um momento de contestação e reação ao imperialismo, aos padrões culturais hegemônicos, à dominação, aos regimes de exceção, à posição ameaçadora dos meios de comunicação. Nesse sentido, os países latino-americanos são palco da construção polifônica de um momento histórico de profundas transformações. Em 1910, em Petrópolis-RJ, realiza-se o I Congresso Internacional de Jornalistas Católicos e, em 1955, a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM).

A Igreja, que no passado utilizou sabiamente a escrita, a música, a pintura, a arquitetura e a arte para evangelizar, já no início do século XX, conscientiza-se da necessidade de entender e apropriar-se dos novos meios de comunicação social. Em 12 de fevereiro de 1931, o papa Pio XII inaugura a Rádio Vaticano com a transmissão ao mundo católico de sua primeira Radiomensagem. Em 17 de abril de 1949, pela primeira vez na história, o Papa fala pela televisão. O interesse de Pio XII pela comunicação social se expressa, sobretudo, na encíclica: *Miranda Prorsus - Carta encíclica sobre cinema, rádio e televisão*, de 1957.

---

<sup>45</sup> Cf. Richard P. McBrien. *Os papas*, Loyola: São Paulo, 2000

<sup>46</sup> Na história da Igreja, a *Vigilante Cura* (1936), com certeza, não é a primeira carta encíclica sobre os meios de comunicação. Em 25 de novembro de 1766, o papa Clemente XIII, referindo-se ao perigo das obras impressas de cunho anticristão, escreveu a encíclica *Christianae reipublicae*, na qual essas obras eram condenadas, e também eram reafirmados os deveres dos bispos em combater a literatura imoral. Mas a *Vigilante Cura* é, sim, a primeira a tratar dos meios eletrônicos, especialmente o cinema, do século XX.

As duas encíclicas (*Vilante Cura e Miranda Prosus*) têm a intenção de tutelar seus fiéis e controlar (leia-se censurar) a produção cinematográfica, com as seguintes determinações: 1) Convocação dos quadros da Igreja para formação de uma cultura cinematográfica católica, reconhecendo seu verdadeiro valor de divulgadores da fé. 2) A necessidade de formar e educar o público, pois este não possui esclarecimento suficiente para julgar o verdadeiro do falso. 3) Incentivo à criação das Oficinas Nacionais de Cinema e cineclubes católicos. 4) Classificação moral das fitas cinematográficas com a função de orientação e educação para a preservação da cultura católica. 5) A necessidade de realizar, apoiar e divulgar os filmes que realmente representam os valores cristãos.

Assim, fundamentado ainda em Pio XI, Pio XII clama pelo filme ideal sem mostrar nenhum grande avanço e flexibilidade em relação a seu predecessor, característica, aliás, que se manteve até o Concílio Vaticano II<sup>47</sup>. Mesmo após tantos anos de convivência com o cinema, a postura da Igreja permaneceu sendo a de cautela e censura. Um exemplo clássico foi a imposta ao profeta do cinema, Frederico Fellini. Quando, em 1960, lançou o filme *La dolce vita* (*A doce vida*), o cineasta scandalizou a Itália ao colocar a personagem Sílvia (interpretada pela atriz Anita Ekberg) em uma roupa estilizada de padre ao desembarcar em Roma. Nunca houve tanta polêmica sobre um filme entre os críticos, que adoravam o cineasta, e os eclesiásticos, que o acusavam. Fellini não ficou alheio às críticas. Tanto que é de sua autoria a célebre frase: “Quando o cinema começou, a Igreja disse que se tratava de coisa do diabo. Quando a Igreja se deu conta de que o cinema poderia ser coisa de Deus, já era do diabo”. Sua perspicácia antecipou as mudanças que terminariam marcando os anos 60 e fizeram daquele período a década da transformação.

Assim como o cinema, outros meios eletrônicos foram chegando e, comprovada sua eficácia, eram usados pela Igreja como instrumentos de evangelização com mais ou menos ousadia, mas geralmente de modo inadequado e amador. Estagnada em relação à linguagem da imagem eletrônica, porém, preocupada com o distanciamento das massas e sentindo a imperiosa

---

<sup>47</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-65) convocado por João XXIII e concluído por Paulo VI

necessidade de renovação, a Igreja anuncia e convoca o Concílio Vaticano II, acontecimento histórico eclesial que rompe definitivamente com o projeto de cristandade e orienta a política comunicacional da igreja para a colaboração de Comissões<sup>48</sup>, Organismos<sup>49</sup>, Congressos, Conferências Episcopais, transformando-se em elemento-chave para a participação de leigos. O papa institui o Dia Mundial das Comunicações Sociais (1966), evento por meio do qual, até nossos dias, a Igreja atualiza seu discurso sobre os meios de comunicação.

A história observada seguindo o duplo fio interpretativo proposto, o das origens cristãs e o das mediações de poder, traça, concomitantemente, a fisionomia da Igreja com as cores do martírio e da tirania. É a instituição construída sobre potencialidades e vicissitudes humanas.

Os papas pós-concílio, Paulo VI e João Paulo II, alargam os horizontes da Igreja para a telecomunicação, a informatização e a cultura midiática. A encíclica *Aetatis Novae* coloca a Igreja dentro da *Nova época* com palavras encorajadoras:

O povo de Deus caminha na história (...) Olha com confiança (...) para o futuro e para as promessas que uma idade espacial de comunicações lhe oferece.<sup>50</sup>

Em paralelo, os estudos sobre comunicação percorrem o seu percurso e, na América Latina, pesquisadores como Jesús Martín-Barbero<sup>51</sup> e Nestor Garcia Canclini<sup>52</sup> investigam novos rumos para uma sociedade de conflitos multiculturais, de globalização, de passagem para a pós-modernidade e, principalmente, o

---

<sup>48</sup> Pontifícia Comissão para os Meios de Comunicação Social em 07 de março de 1964.

<sup>49</sup> UNDA-AL (1957); OCIC-AL (1960); DECOS-CELAM (1961) entre outros

<sup>50</sup> In DARIVA, Noemi (Org.) *Comunicação Social na Igreja - Documentos fundamentais – Aetatis Novae* nº1. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 185

<sup>51</sup> Jesús Martín Barbero é um teórico pesquisador da Comunicação e Cultura e um dos expoentes nos Estudos Culturais contemporâneos. Nasceu em Ávila (Espanha, 1937) e vive na Colômbia desde 1963. Estudou filosofia em Lovaina (Bélgica, 1971) e Antropologia e Semiótica na École des Hautes Études (Paris, 1972-1973). Fundou e dirigiu o Departamento de Ciências da Comunicação na Universidade de Valle (Colômbia), sendo professor e investigador desse departamento (1983-1995). Na Universidade ITESO (Guadalajara, México), investiga os novos regimes da oralidade cultural e os aspectos visuais da eletrônica. É autor do livro *Dos Meios às Mediações*.

<sup>52</sup> Nestor Garcia Canclini, escritor, professor e pesquisador. Nasceu na Argentina (1930-90). Estudou letras e doutorou-se em 1975 na Universidade Nacional de La Plata e, três anos, depois na Universidade de Paris. Desde 1990 é professor e pesquisador na Universidade Nacional Autónoma do México, onde dirige o programa de Estudos e Cultura. Tem sido professor visitante de diversas universidades, entre elas a de Nápoles, Austin, Stanford, Barcelona, Buenos Aires e São Paulo).

deslocamento dos estudos sobre o lugar dos meios para as mediações de comunicação com ênfase na recepção.

No Brasil, as Cebbs - Comunidades Eclesiais de Base - passam a ser porta-vozes do Vaticano II, tornando-se uma presença transformadora no meio social. Reforçadas pela metodologia de Paulo Freire<sup>53</sup> e motivadas pela Teologia da Libertação<sup>54</sup>, as iniciativas das bases, numa pastoral de anonimato, tornam-se, como costumava defini-las Dom Paulo Evaristo Arns, “pontos de luz nas periferias escuras das grandes cidades”.

A hierarquia da Instituição, por sua vez, assume uma postura de avaliação crítica ao reconhecer ter negligenciado, no passado, o campo da comunicação, o grande ‘areópago’ contemporâneo:

O primeiro areópago dos tempos modernos é o *mundo das comunicações*, que está unificando a humanidade, transformando-a – como se costuma dizer – na “aldeia global”. Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais (...) Talvez se tenha descuidado um pouco desse areópago: deu-se preferência a outros instrumentos para o anúncio evangélico e para a formação, enquanto os *mass media* foram deixados à iniciativa de particulares ou de pequenos grupos.<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> Paulo Freire nasceu em 1921, no Recife, Pernambuco, uma das regiões mais pobres do país, onde pôde experimentar as dificuldades de sobrevivência das classes populares. Trabalhou inicialmente no SESI (Serviço Social da Indústria) e no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. Ele foi quase tudo o que deve ser como educador, de professor de escola a criador de idéias e “métodos”. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência social. Ainda hoje é reverenciado por muitos como uma das autoridades mais marcantes da história da pedagogia mundial.

<sup>54</sup> **Teologia da Libertação** É um movimento que ultrapassa as letras teológicas e repercute sobre o conjunto da vida da Igreja Católica. A Conferência de Medellín, em 1968, que reuniu os bispos da América Latina, afirmou uma “opção preferencial pelos pobres”. A igreja seria mais profundamente identificada com os “últimos” deste mundo, que devem ser os “primeiros” no Reino de Deus. Esta afirmação implicou revisões profundas na imagem da Igreja latino-americana. A identificação com as elites coloniais foi contestada em nome de uma aproximação com os pobres. Ancorados nesta resolução episcopal, teólogos e agentes pastorais deslançaram um grande movimento de reforma. A Igreja deveria ser reconstruída a partir de suas bases locais, enraizadas na experiência popular, e numa nova leitura da Palavra de Deus. Insatisfeitos com a estrutura paroquial, estes agentes preconizaram a multiplicação de pequenas comunidades de fé denominadas “Comunidades Eclesiais de Base” (CEBs). Compensando a carência de padres, as CEBs seriam animadas por ministros leigos, apoiados por agentes do clero.

<sup>55</sup> In DARIVA, Noemi (Org.) *Comunicação Social na Igreja - Documentos fundamentais – Redemptoris Missio* nº37 São Paulo: Editora Paulinas, 2003, p 468

Além disso, oficialmente a Igreja admite estar diante de um público interativo, atuante, e também produtor de significados.

A tecnologia midiática conquista constantemente novas fronteiras (...), aumenta a interatividade e matiza-se a distinção entre comunicadores e receptores.<sup>56</sup>

Surgem novas práticas de comunicação de forma pontual. No Brasil, o SEPAC - Serviço à Pastoral da Comunicação<sup>57</sup> é pioneiro na reflexão e prática da comunicação da Igreja e na formação de agentes sociais e pastorais na área da comunicação e cultura.

O SEPAC nasceu num período de discussões sobre a prática comunicacional da Igreja, somando-se a outros organismos no fortalecimento da democratização da comunicação na pastoral eclesial. Constitui-se como espaço de reflexão crítica da comunicação, voltado para a transformação da realidade e para a qualificação de agentes com competência e espiritualidade.

A proposta do SEPAC é educar para a comunicação à luz de discussões teóricas e exercícios práticos (laboratoriais), tendo em vista a formação humana e cristã na sociedade tecnológica. Com uma proposta voltada para a reflexão, produção e educação para o uso dos meios de comunicação, promove a abertura ao diálogo, à espiritualidade e à interação e a participação nos processos comunicacionais de nosso tempo. Mobiliza-se na construção de um espaço que é germe de construção de micro redes comunicacionais críticas que procuram escapar do modelo autoritário e do discurso único.

À proposta do SEPAC juntam-se muitas outras iniciativas de jornalismo católico (revistas, periódicos, boletins), de redes radiofônicas a serviço da fé<sup>58</sup> e da

---

<sup>56</sup> Idem, Encíclica *Ética nas Comunicações Sociais* nº 27 p. 247

<sup>57</sup> O SEPAC (fundado em 1982) interessa particularmente a esta pesquisa porque o conceito de trabalho institucional influenciou e atribuiu sentido e qualidade para parte de nossa produção acadêmica.

<sup>58</sup> No Brasil, entre os meios de comunicação social, cerca de 25 jornais são diocesanos, e 36 revistas, 142 boletins e 125 emissoras radiofônicas estão engajados nas tarefas de sensibilizar a opinião pública para o processo de mudanças sociais, denunciar o controle ideológico que as classes dominantes exercem sobre os meios de comunicação social e ser voz dos que não têm voz, assumindo os riscos que esta atitude implica. Cf BORDEGHINI, Maria da Glória. *Os meios de comunicação da Igreja Católica no Brasil*, In MARQUES DE MELO, José (coord.). *Pesquisa em comunicação no Brasil; tendências e perspectivas*. São Paulo: Cortez/Intercom, 1983, p 252-258

emancipação do povo, transformando-as em canais alternativos e privilegiados dos anseios libertadores das camadas populares. A Igreja, sobretudo na América Latina, une-se às vozes ecumênicas de comunicação libertadora em congressos, seminários e debates, que multiplicados, dinamizam organismos e estruturas comunicacionais.

A experiência de movimentos populares em resistência aos regimes de ditadura que fazem uso dos meios de comunicação produz na Igreja da América Latina, particularmente no Brasil, uma expressão vigorosa e autêntica da ação de religiosos e leigos comprometidos com a conjuntura social. A presença desses movimentos é marco definitivo de uma comunicação eclesial que começa a romper com os padrões de um verticalismo dominador.

Nesta nova ordem, até nossos dias, as mediações horizontais são vistas como fortalecedoras da ação da Igreja a fim de que ela possa ressignificar a fé e os valores para seus fiéis que militam numa sociedade, cuja tendência hegemônica é pautada pela informacionalidade, pluralidade, globalismo, interconexão e interdependência.

Com a desregulamentação atual das instituições que caracteriza, sobretudo, o cenário religioso, vemos desestabilizar-se, também, a instituição paroquial e crescer a individualização das crenças. Numa sociedade em que as escolhas religiosas são uma questão de decisão pessoal, e não tanto de transmissão familiar e comunitária, a Igreja vê nos meios de comunicação uma oportunidade para a promoção dos valores cristãos e reafirmação da identidade católica.

Estamos imersos em uma cibercultura, a cultura virtual, que expressa o surgimento de um novo universo, sem totalidade, um universo de técnicas, de práticas, de atitudes e de valores que se desenvolvem e que exercem influência sobre a fé e a vivência da religiosidade.<sup>59</sup>

Na medida em que as transformações socioculturais desestabilizam os grandes códigos de sentido que fornecem aos indivíduos respostas às questões

---

<sup>59</sup> ZANON, Darlei. O impacto da cibercultura sobre a fé. *Perspectiva teológica*. Belo Horizonte, nº 94, 2002



últimas de sua existência, elas dão origem, ao mesmo tempo, à busca de certezas compartilhadas. A instabilidade e a fragmentação, características da sociedade contemporânea suscitam, na comunidade católica, a reafirmação pública da sua identidade fragilizada pelas mudanças desta época em que os indivíduos vão buscar a satisfação de suas necessidades num mercado de bens simbólicos amplamente aberto, no qual a Igreja está efetivamente presente, mas sem dispor de qualquer monopólio. Encontra-se numa sociedade continuamente oxigenada por Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) que por sua natureza fogem do poder centralizador e se oferecem como interface a indivíduos, grupos e comunidades na partilha de significados para o cotidiano.

#### 1.4 A identidade católica na lógica da desregulamentação

Na concepção de Castells<sup>60</sup>, o poder dos fluxos, na lógica de redes, é mais importante do que os fluxos de poder; a operação e os resultados dos processos de experiência se modificam rapidamente e o processamento instantâneo de novos valores é contínuo<sup>61</sup>. Nesta lógica, a Igreja, como qualquer outra instituição, vê-se obrigada a reconstruir sua própria identidade para exercer um papel de transformação social. O fio sobre a identidade católica que pretendemos pontuar aqui será ancorado em Castells ao conceituar o termo:

Entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou, ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.(...) *Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo.*<sup>62</sup>

É sob esta plataforma que Castells distingue três formas e origens de construção de identidades:

---

<sup>60</sup> CASTELLS Manuel nasceu na Espanha em 1942 e é, desde 1979, catedrático de sociologia e planejamento urbano e regional na Universidade da Califórnia, Berkeley. Foi também professor na École Pratique des Hautes Études en Sciences sociales em Paris, catedrático e diretor do Instituto de Sociologia de Novas Tecnologias da Universidade Autônoma de Madri, professor do Conselho Superior de Pesquisas Científicas em Barcelona e professor visitante em 15 universidades da América Latina.

<sup>61</sup> CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. Vol. I - 3ª edição. São Paulo: Paz e Terra, p. 497/498

<sup>62</sup> CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Vol. II - 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 22

- *Identidade legitimadora*: Introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais (...).
- *Identidade de resistência*: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes que permeiam as instituições da sociedade ou mesmo opostos a estes últimos (...).
- *Identidade de projeto*: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social (...)<sup>63</sup>

Se a construção de diferentes tipos de identidade está estritamente relacionada ao contexto sociocultural e, segundo Castells, situada historicamente, chegamos à sociedade em rede com as identidades em busca de significado em torno de uma redefinição de si mesmas. Isto porque, nesta nova forma de organização social, os sujeitos estão sistematicamente divididos entre global e local, tempo e espaço, individual e plural, tradicional e efêmero, real e virtual.

Sem dúvida, este panorama provoca perplexidades e interrogações profundas para o mundo católico. Como aproximar os grandes valores cristãos<sup>64</sup> deste imenso e rico *texto aberto* que é o *mundo web*, especialmente a *Internet*? Como entrar nos vastos horizontes de esperança que nos promete este auditório tão amplo, de público tão diferenciado, e abrir brechas de intercâmbio para a reconstrução de uma identidade que, sem perder sua textura e cor, se torne flexível ao diálogo e à produção de significados para a jornada existencial do ser humano?

A comunidade católica se dá conta de que o imaginário coletivo, antes motivado por uma fé institucionalizada, desloca-se para o mecanismo de uma técnica revolucionária. O *sagrado*, antes uma âncora localizada e segura, com sua linguagem própria, tem agora outro instrumental, novo jogo de linguagem que por trás da teia tecnológica aciona as ações humanas:

---

<sup>63</sup> Idem p. 24

<sup>64</sup> Impossível pensar a Igreja Católica fora da fonte de significado e experiência do povo de Israel, raiz da fé e dos valores cristãos donde ela reabastece, contínua e solidamente, o significado existencial para seus fiéis como sujeito e como povo.

Enquanto outrora eram os meios de comunicação de massa que apresentavam os eventos, agora os acontecimentos são com frequência modelados a fim de corresponder aos requisitos dos meios de comunicação. Assim, a relação entre a realidade e os meios de comunicação de massa tornou-se mais complicada, e este é um fenômeno profundamente ambivalente.<sup>65</sup>

A instituição eclesial moderna inscreve-se nessa tensão de instabilidade, característica de sociedades submetidas ao imperativo da mudança, a qual suscita a reafirmação de identidades através das quais os indivíduos tentam enfrentar a condição social e psicológica incerta que os confina esta mesma mudança. Numa sociedade profundamente secularizada, o catolicismo, privado dos alicerces majoritários de que se serviu no passado, encontra sua identidade permeada por esta lógica.

Na realidade, um dos principais desafios da Igreja Católica é o de adaptar a prática dos valores, dos quais se denomina depositária, à cena religiosa pluralizada com a qual o catolicismo deve desde já conviver. Esta tarefa não significa retorno fundamentalista<sup>66</sup> da tradição, mas uma ressignificação de todo um legado de princípios, valores e simbolismo que têm desempenhado um papel fundamental na sobrevivência das identidades *de resistência e de projeto*, mesmo quando em períodos da história, como vimos, a instituição estampou no tecido social a forma de identidade *legitimadora*.

Em seu discurso oficial a Igreja vêm adotando uma atitude positiva em relação aos meios de comunicação, oferecendo às práticas culturais em curso sua experiência e seu legado:

Queremos recordar que a Igreja católica, juntamente com os seus outros organismos religiosos, deve estar visível e ativamente presente na Internet e participar do diálogo público sobre o seu desenvolvimento. A Igreja não pretende ditar estas decisões e escolhas, mas procura fornecer uma verdadeira ajuda, indicando critérios éticos e morais aplicáveis neste domínio, critérios que se encontrarão nos valores tanto humanos como cristãos (...)

---

<sup>65</sup> In DARIVA, Noemi (Org.) *Comunicação Social na Igreja - Documentos fundamentais* –São Paulo: Paulinas, 2003, p. 431

<sup>66</sup> O dicionário Houaiss define o fundamentalismo como: qualquer corrente, movimento ou atitude, de cunho conservador e integrista, que enfatiza a obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios básicos; integrista.

Não cabe à Igreja impor respostas, mas pode – e deve – proclamar ao mundo as respostas que ela mesma recebeu; e, tanto hoje como sempre, oferecer a derradeira resposta satisfatória às mais profundas interrogações da vida: Jesus Cristo.<sup>67</sup>

Permanecendo nesta atitude de diálogo junto à humanidade, a Igreja demonstra querer ajudar o ser humano na busca de se compreender a si mesmo nesta nova época em que as pessoas formulam as mesmas interrogações fundamentais (*Quem sou eu? Onde venho e para onde vou? Por que existe o mal? O que é que existirá depois desta vida?*), mas encontram-se frente a um leque de novas crenças, cada qual com seu eixo simbólico, colocando em crise as identidades religiosas tradicionais.

Por transitarem num vasto e sincrético universo filosófico-religioso-existencial, constatamos que as identidades religiosas se encontram, neste período, em via de transformação. A *globalização* da cultura intensifica e agiliza as trocas culturais que favorecem a recomposição de grupos de pertença e de simbólicos com a conseqüente reconstrução de novas identidades.

Observa-se que, desestabilizando os grandes códigos de sentido que forneciam respostas às questões últimas da existência, a modernidade religiosa deixou os indivíduos à mercê de si mesmos, perplexos, em busca de certezas que sinalizem a jornada temporal. É nesse terreno que pretendemos averiguar nossa hipótese já enunciada na introdução: o uso da comunicação *on-line*, na divulgação dos valores com os quais a Igreja católica ressignifica o mundo aos seus fiéis, pode ser uma alternativa de reposicionamento da identidade católica.

Neste primeiro capítulo, esboçamos o perfil da Igreja Instituição que, em meio a tensões e conflitos, procura se ajustar às transformações da sociedade e ao *novo mundo* plasmado pelos meios de comunicação social. Procuramos fazer um primeiro cruzamento dos processos da fé e da comunicação demonstrando como, no pano de fundo da mesma história humana, se encontram para produzir significados, estabelecer relações e transformar o tecido sociocultural.

---

<sup>67</sup> In DARIVA, Noemi (Org.) *Comunicação Social na Igreja - Documentos fundamentais – Ética na Internet* nº 18. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 282

No capítulo que segue, deslocaremos o olhar, deixando que os fios da ação da Igreja fiquem no verso do tecido social, para observarmos como pesquisadores da comunicação se movimentam na teia da cultura e traçam o mapa das correntes, tendências e escolas de informação e comunicação. É nesse contexto que os fluxos e refluxos de diversas problemáticas revelam a dinâmica profunda de um domínio mais do que nunca projetado para o centro de questões políticas e culturais contraditórias, no percurso da evolução histórica da sociedade humana.

## **CAPÍTULO 2**

### **UM AMÁLGAMA CONCEITUAL DE CENÁRIOS LINEARES**

*Irmãos e filhos cristãos, nós vos pedimos, sobretudo, que reflitais e oreis e também useis com audácia, com discernimento e coragem, todos os meios que a vossa competência e o vosso zelo sugerirem, para que, entre tantos fios cruzados e tão freqüentemente emaranhados, vós possais desvencilhar a trama e tecer um mundo de irmãos e filhos de Deus.*

***Papa Paulo VI***

## 2. A comunicação na cultura de massa: ciência, teorias e embates

No primeiro capítulo, confrontamos a postura da Igreja frente ao desenvolvimento histórico dos meios de comunicação pelo viés da ética e do poder em termos instrumentais e teleológicos, conforme Weber<sup>1</sup>, ou, como define Foucault, embora em outro contexto, “poder pastoral - um poder individualizante [...um conjunto] de técnicas de poder orientadas para os indivíduos e que se destinam a dirigi-los de forma contínua e permanente”<sup>2</sup>.

O objetivo inicial do segundo capítulo é contornar brevemente o campo da pesquisa científica da comunicação e nele selecionar algumas teorias sistematizadas a partir da experiência do cotidiano de diferentes atores e instituições sociais da era industrial. A resenha dessas teorias será o painel sobre o qual pontuaremos os embates e avanços da Igreja Católica na busca de ressignificação no momento em que vê os meios de comunicação assumirem o protagonismo na sociedade contemporânea.

Paralelamente, abordaremos os processos comunicativos, focalizados especificamente na mídia, considerados como sistêmicos, isto é, causa e consequência de contextos históricos de variadas naturezas que constituem os cenários que tentaremos estruturar pelo viés macro-sociocultural. Mídia e sociedade, indústria cultural, pesquisa científica, transformações históricas, correntes teóricas, processos de comunicação e seu inter-relacionamento serão os fios cruzados neste ensaio de compreensão teórica da ciência da comunicação no período da cultura de massa.

---

<sup>1</sup> “Para um tempo em que o além significava tudo, quando a posição social de um cristão dependia de sua admissão à comunhão, os clérigos, com seu ministério, a disciplina da Igreja e a pregação, exerciam uma influência (que pode ser apreciada nas coleções *consilia, casus conscientiae, etc.*) que nós, homens modernos, somos totalmente incapazes de imaginar. Naquele tempo, as forças religiosas que se expressavam por esses canais eram as influências decisivas na formação do caráter nacional”. In WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003, p. 117

<sup>2</sup> In “Omnes et singulatim: towards a criticism of political reason”- conferência na Stanford University ,1979, p 7. Apud João Pissaras Esteves. *Poder e subjectividade*. Disponível em <http://ubista.ubi.pt/~comum/esteves-pissarra-poder-subjectividade.htm> consultado em 15 de outubro de 2005.

## 2.1 Um olhar panorâmico sobre o campo de pesquisa

Onde situar o começo de um pensamento organizado sobre a comunicação? De que modo as ciências da sociologia, da antropologia, da biologia, da psicologia, da lingüística, da filosofia e da política, entre outras, terão marcado as idéias sobre a comunicação? Estas são algumas das interrogações que, inicialmente, surgem ao pretender costurar um recorte sobre os contextos e paradigmas na pesquisa sobre os *Mass Media*.<sup>3</sup>

Apenas como evocação, lembramos que o ato humano comunicativo traz em si tantos desdobramentos em seu objeto<sup>4</sup> como em seu conteúdo<sup>5</sup> que comporta múltiplos olhares e diferentes posicionamentos, sobretudo, em nossos dias, em que o “ato comunicativo” pode se realizar tanto nas relações interpessoais quanto entre máquinas, através dos meios de comunicação que empregam recursos verbais, escritos, sonoros, pictóricos e gestuais. Portanto, quando a ciência se debruça sobre esse fenômeno, para delinear o campo do conhecimento e a sistematização de idéias, encontra-se diante de um terreno complexo e híbrido. Primeiramente, porque o sujeito-objeto da comunicação, o ser humano, é ontologicamente complexo e, no processo de relacionamento com a cultura dos povos<sup>6</sup> e os mecanismos da tecnologia, suas relações vão se complexificando de acordo com a complexidade dos outros processos que a constituem. Eduardo D.B. de Menezes, sustentado por Lukasiewicz, registra:

A investigação científica tem duplicado a soma dos conhecimentos humanos num período de cinco a quinze anos, tanto no que concerne a sua complexidade, quanto no que diz respeito à interdependência dos elementos de informação, as quais crescem, conforme as circunstâncias, numa progressão próxima ao quadrado ou ao cubo de seu volume, ou seja, numa curva exponencial. Ora, isso acarreta naturalmente enorme defasagem entre os recursos intelectuais do homem para

---

<sup>3</sup> Conjunto dos meios de comunicação de massa (jornal, rádio, televisão etc.). *Mass Media* (1923), pl. de *mass medium*, de *mass* 'massa' e *medium* 'meio, meio de comunicação'

<sup>4</sup> Por objeto, entendemos aqui os diferentes formatos e linguagens que uma mensagem pode assumir no processo comunicativo.

<sup>5</sup> Por conteúdo, entendemos as mensagens e suas interpretações.

<sup>6</sup> Do ponto de vista antropológico, a cultura é compreendida como a bagagem material de um povo. Atualmente essa idéia se ampliou e, por cultura, entendem-se os valores e significados do mundo. Portanto, é essencial que o conceito seja revisto de modo a incorporar a cultura midiática, pois se trata da aproximação, no dia-a-dia, com o indivíduo e sua identidade.



processar e assimilar essa informação e o seu volume global disponível. Sem falar que somos constantemente ultrapassados em nossas aquisições.<sup>7</sup>

Por outro lado, a comunicação é uma ciência jovem<sup>8</sup> que carece de instrumentos de organização e avaliação já desenvolvidos por outras ciências. Ao acolher os fundamentos de tantas outras áreas avançadas na pesquisa científica, a comunicação formula seu embasamento nesse conjunto de enfoques que servem de insumo para sua pesquisa e a torna uma ciência híbrida. Além disso, também, os pesquisadores da comunicação migram destas outras áreas trazendo consigo métodos e instrumentos de análise específicos de outros campos. Por essas razões, o campo da pesquisa científica em comunicação já nasce complexo e apresenta diferentes possibilidades ou perspectivas críticas onde proliferam problemas interligados. E, no momento em que a mídia constrói a realidade social, a comunicação, como objeto de estudo, requer a atenção do conjunto das disciplinas que compõem as ciências humanas e sociais.

Nesse movimento, vários objetos e situações, em momentos específicos, suscitam e são alvo do olhar de várias e diferentes disciplinas. Falamos, nesse caso, de um trabalho interdisciplinar. Disciplinas distintas contribuem, cada uma com seu foco, para uma compreensão conjunta de certos objetos ou fenômenos. Vemos assim, sob diferentes olhares, o surgimento do campo da comunicação, uma ciência jovem cujo campo diz respeito ao funcionamento da economia, à constituição dos grupos e identidades coletivas, à decodificação de códigos, à negociação de significados, à troca de valores e à configuração das linguagens que povoam e organizam nosso dia-a-dia.

Essas contribuições, às vezes divergentes, suscitadas pelos vieses e intenções de diferentes pesquisadores entrecruzando-se com o advento dos meios eletrônicos formam um amálgama de processos humanos e de invenções tecnológicas, por vezes, gerador de conflitos.

---

<sup>7</sup>SÁ, Adísia (coord.) *Fundamentos científicos da Comunicação* – 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 11

<sup>8</sup> Jovem em relação à sistematização teórica, pois temos o antecedente aristotélico com o estudo da Retórica que embasa o modelo canônico da comunicação.

O olhar trazido pela soma e pelo embate das diferentes contribuições torna o campo da comunicação um espaço aberto, extensivo, transterritorial, nutrindo-se da complexidade dos meios e dos novos horizontes que se descortinam à frente numa sucessão de descobertas, de potencialidades e de pluralismos. Este panorama faz da comunicação uma ciência dinâmica, inter e transdisciplinar, vigorosa porque em permanente desafio de construção do próprio campo. Qualquer estudo ou análise terá que ser por parte, por recorte, por elementos de interesse. □ o que tentaremos fazer, selecionando os fios que nos interessam nesta pesquisa.

## 2. 2 Os fios teóricos do pensamento comunicacional

Os estudos que os pesquisadores da comunicação chamam *Teorias da Comunicação* são bastante recentes e contemporâneos ao surgimento de tecnologias revolucionárias – a imprensa de massa, o rádio, o cinema, a televisão e, mais recentemente, a Internet –, que combinaram novas formas de produção da informação, novas linguagens e o alcance de audiências de massa.

O campo da comunicação técnica e midiática começou a atrair o interesse de estudiosos e pesquisadores desde quando a evolução técnica e social dos meios de comunicação passou a ter como sujeito as massas. Teóricos e historiadores atribuem à descoberta de Gutenberg a gênese desse interesse, quando a invenção da imprensa ampliou a produção de livros e o número de leitores, modificando profundamente o mundo ocidental moderno e abalando a hegemonia político-religiosa do Vaticano que, junto com a corte do rei, mantinha o controle de acesso ao conhecimento dos manuscritos. Conforme Melvin:

A alfabetização das massas só ocorreu com a evolução da imprensa. Quando Johann Gutenberg girou lentamente as manivelas de sua primitiva prensa de madeira, para imprimir com tipos móveis os primeiros exemplares de sua famosa Bíblia de Mazarino, talvez não lhe tenha ocorrido que sua invenção acrescentava um importante elemento cultural e que redundaria séculos mais tarde no aparecimento e desdobramento da comunicação de massa.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> DE FLEUR L. Melvin - *Teorias da Comunicação*- Rio de Janeiro: Zahar Editores - 2ª edição, 1966, p. 20

O meio de comunicação que mais se beneficiou com as técnicas da imprensa foi, sem dúvida, o *jornal*, que no início do século XVIII circulava na Europa e nos Estados Unidos como formador de “opinião pública”<sup>10</sup>.

Com o aparecimento e a aceitação da imprensa popular - com o jornal de um tostão ("penny press"), no caso dos Estados Unidos -, o ritmo da atividade comunicativa do homem começou a se acelerar rapidamente. Por volta da metade do século passado, o telégrafo tornou-se uma realidade. Embora não fosse um veículo de comunicação de massa, este invento foi novamente um elemento importante na acumulação tecnológica que iria posteriormente conduzir aos veículos eletrônicos de massa.

O magnetismo da Revolução Industrial exilou para centros urbanos as populações rurais à procura de trabalho assalariado. Aquela realidade social obrigava o operário a obter uma educação elementar que o capacitava para a leitura e elaboração de contas básicas, garantindo-lhe, em contrapartida, as condições para a aquisição de jornais. Essa exigência social fez com que a leitura deixasse de ser exclusiva dos nobres e do clero para atingir as massas urbanas de uma sociedade industrial.

As imigrações do século XIX e a explosão tecnológica (das redes elétricas, ferrovias, canais, cabos transatlânticos, trens elétricos, telefones, correios, telégrafos, câmara de cinema, ondas Hertz, agências de notícias, gravação magnética de som) produzem nova compreensão da comunicação pela descoberta das trocas, dos fluxos, do capital cultural, de uma sociedade orgânica. Na eclosão deste momento de final de século Mattelart, destaca o marco das teorias da comunicação como ciência:

Centrada de início na questão das redes físicas, e projetada no núcleo da ideologia do progresso, a noção de comunicação englobou, no final do século XIX, a gestão das multidões humanas. O pensamento da sociedade como organismo, como conjunto de órgãos desincumbindo-se de funções determinadas,

---

<sup>10</sup> O conceito de “opinião pública” apareceu no final do século XVIII, na época em que os jornais, como diz Benedict Anderson em (comunidades imaginadas-1983), ajudaram a moldar uma consciência nacional, levando as pessoas a ficarem atentas aos outros leitores. In BURKE Peter & BRIGGS Asa, *Uma história social da mídia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 13

inspira as primeiras concepções de uma “ciência da comunicação”.<sup>11</sup>

Mas, é no início do século XX que a sociedade ocidental presencia a descoberta, em cadeia, dos mais poderosos meios de comunicação de massa. Em 1901, dá-se a primeira transmissão de mensagens radiofônicas a longa distância; em 1904, a inauguração do primeiro metrô de Nova York. Primeiro estúdio de Hollywood nasce em 1911, ano de uma década que transforma o cinema em diversão familiar. Em seguida, na década de 20, introdução do rádio doméstico, que atingiu seu ponto de saturação nos anos 50, estando na maior parte das residências e nos automóveis americanos. Adolph Hitler, afastado do público, usa o microfone como megafone quando fala em um mega-comício. Franklin Roosevelt, junto à lareira da casa, usa o rádio para conversar com seus concidadãos. Os rádios transistores passam a ser portáteis e baratos. Filmes em cores, fotos com flash, enfim, na década de 40, surge a televisão. Primeira metade do século XX, e a comunicação de massa tornara-se um dos fatos mais significativos e inevitáveis da vida moderna. O pesquisador Melvin L. De Fleur, ousa afirmar que:

A introdução do jornal, do rádio ou do aparelho de televisão na casa do homem comum representa uma transformação tecnológica que possui um significado maior para o indivíduo mediano do que nossos feitos mais extraordinários nas fronteiras da ciência.<sup>12</sup>

A proliferação vertiginosa de meios de comunicação faz com que sociólogos, psicólogos, filósofos e outros pesquisadores iniciem um estudo objetivo da função dos meios de comunicação de massa na nova sociedade. A princípio, tem interesse acadêmico o estudo da propaganda, com o objetivo de dar retaguarda às populações das sociedades industriais jogadas na massa sem vínculos de união, sem sentimentos recíprocos como teriam os membros de uma verdadeira sociedade.

---

<sup>11</sup> MATTELART Armand e Michèle, *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 13

<sup>12</sup> DE FLEUR, L. Melvin. *Teorias da Comunicação*. Rio de Janeiro: Editores Zahar 2ª edição, 1966, p. 23

O projeto de construção de uma ciência social foi elaborado por teorias tais como as que surgem na Escola de Chicago, nos Estados Unidos, onde teóricos da comunicação elaboram os primeiros estudos de comunicação sobre bases empíricas. Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, na década de 40, instala-se uma nova corrente: a *Mass Communication Research* (época marcada pelo apogeu da indústria cinematográfica de Hollywood e pelo crescimento dos setores editorial e fonográfico). É o momento em que teóricos como Harold Lasswell, Robert Merton, Paul Lazarsfeld, Carl Hovland, entre outros, começam a aplicar a sondagem de opinião para obter resultados mensuráveis na aferição do alcance dos meios de comunicação junto ao público e de sua influência nas atitudes e nos comportamentos dos indivíduos e das massas.

### 2. 2.1 A corrente funcionalista

Harold Lasswell<sup>13</sup>, um dos pais do funcionalismo, foi o que primeiro conceituou as técnicas de propaganda como instrumento de gestão governamental das opiniões. Observador das lições da I Guerra Mundial, Lasswell, vê na propaganda uma arma, mais econômica que a violência e a corrupção, capaz de suscitar a adesão das massas. Mattelart interpreta assim a hipótese de Lasswell:

Essa visão instrumental consagra uma representação da onipotência da mídia, considerada ferramenta de “circulação eficaz dos símbolos”. A opinião comum que prevalece no pós-guerra é a de que a derrota das forças alemãs deveu-se enormemente ao trabalho de propaganda dos aliados. A audiência é visada como um alvo amorfo que obedece cegamente ao esquema estímulo-resposta. Supõe-se que a mídia aja segundo o modelo da “agulha hipodérmica”, termo forjado por Lasswell para designar o efeito ou impacto direto e indiferenciado sobre os indivíduos atomizados.<sup>14</sup>

Cientista político, Lasswell interessa-se primeiramente pela propaganda política, pois os anos 30 lhe oferecem enorme material, e posteriormente dedica-

---

<sup>13</sup> Harold Lasswell (1902-1978), psicólogo e investigador nas áreas de política e das ciências sociais. Lasswell foi, sucessivamente, professor nas universidades de Milikan, Chicago, Columbia e Yale.

<sup>14</sup> MATTELART Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo, Loyola, 1999, p. 37

se a detectar as grandes tendências que moldam o ambiente simbólico mundial. Em 1948, baseado na Retórica de Aristóteles, formula um modelo do ato comunicativo que o torna célebre e dá à sociologia funcionalista um quadro conceitual.

**Quem?** (*emissor*)

**Diz o quê?** (*mensagem*)

**Em que canal?** (*meio*)

**Para quem?** (*receptor*)

**Com que efeito?** (*feedback*)

Nascia a primeira teoria da comunicação, batizada de **efeitos ilimitados da agulha hipodérmica**. Dentro do campo da comunicação, Mauro Wolf descreve o modelo hipodérmico como:

(...) sendo uma teoria da propaganda e sobre a propaganda: com efeito, no que diz respeito aos meios de comunicação, esse é o tema central.<sup>15</sup>

Entendia-se que os meios de comunicação (imprensa, rádio) exerciam um efeito poderoso, total e direto sobre o público e a massa. A atenção aos efeitos da mídia sobre os receptores, à avaliação vigilante, às transformações que se operam nos comportamentos, atitudes, emoções, opiniões e atos, tudo é submetido à medição de resultados em vista de fins práticos, políticos, governamentais.

A origem biológica do conceito de *função* ganha destaque ao ser aplicada aos meios de comunicação de massa pela possibilidade de examinar os meios pela sua ingerência junto ao público. Segundo Lasswell, o processo de comunicação desempenha, na sociedade, três principais funções: 1) vigiar o meio detectando tudo o que pode ameaçar os valores de uma comunidade ou de seus componentes; 2) estabelecer relações entre os componentes sociais para produzir respostas ao meio; 3) transmitir a herança social. Mais tarde, os sociólogos Merton e Lazarsfeld acrescentam uma quarta função: a do *entretenimento* ou *diversão*,

---

<sup>15</sup> WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, LDA. 1ª edição, 1987, p. 19

funções que, segundo esses estudiosos, servem de acomodação às crises geradas pelas disfunções do sistema. O matemático Kurt Lewin, conterrâneo de Lazarsfeld, funda em 1945 o centro de pesquisas de dinâmica de grupo, estabelecendo a função do *formador de opinião*, que seria a de controlar os fluxos de uma mensagem comunicada por diferentes vias. Num outro viés, entra a contribuição do psicólogo Carl Hovland, fundador da análise funcional. Esse pesquisador é conhecido principalmente por seus estudos experimentais sobre a *persuasão* durante a Segunda Guerra Mundial. Sua experiência resultou num catálogo de receitas para uma mensagem persuasiva capaz de alterar o comportamento psicológico do indivíduo.

Dos anos 30 aos anos 50, esse quarteto fundador da corrente funcionalista, herdeira do positivismo<sup>16</sup>, liderou as pesquisas dos efeitos da mídia sobre os receptores numa visão instrumentalista a serviço dos monopólios, das forças armadas e do Estado. Na década de 50, uma voz dissidente se faz ouvir: a do sociólogo, não positivista, Wright Mills. Ele critica a sociologia *burocrata*, de *elite*, e dá voz a outro discurso, crítico, sobre a comunicação. Suas análises estabelecem conexões entre cultura e poder, subordinação e ideologia, e elaboram reflexões sobre o autêntico *lazer* que os meios de comunicação produzem sem transformar o receptor num *robô alegre*. Mills mostra-se aberto às contribuições críticas do marxismo e tenta responder uma questão que para ele é fundamental: que tipo de homem e de mulher a sociedade tende a criar? Mills estaria asphaltando, nas Américas, o caminho para os Estudos Culturais Britânicos, que nos anos 60 estão tomando corpo.

Para os teóricos funcionalistas<sup>17</sup>, sobretudo os do primeiro grupo, os meios de comunicação de massa teriam a obrigação de formar a opinião do público para que ele pudesse tomar decisões e interferir nos processos sociais. Os meios teriam a função de organizar os temas que precisam ser discutidos pelo público,

---

<sup>16</sup> Sistema criado por Auguste Comte (1798-1857), e desenvolvido por inúmeros epígonos, que se propõe a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas; filosofia positiva, comtismo. Dicionário Houaiss in: [www.houaiss.uol.com.br](http://www.houaiss.uol.com.br)

<sup>17</sup> cabe aqui um destaque aos sucessores de Saussure que foram chamados de funcionalistas, pois consideraram o estudo de uma língua como a pesquisa das funções desempenhadas pelos elementos, classes e mecanismos nela intervenientes.

abastecendo-o de informações necessárias para formular uma opinião coletiva sobre os assuntos agendados. A função, o dever e a contribuição dos meios serão a de melhorar o nível cultural dos receptores e manter a ordem social. A mídia é vista como uma nova ferramenta da democracia moderna na regulação da sociedade e na produção de valores do sistema social vigente. Wolf conclui que:

(...) na evolução geral do estudo das comunicações de massa – que acentuou progressivamente as relações entre fenômenos comunicativos e contexto social, a teoria funcionalista ocupa uma posição muito precisa que consiste na definição da problemática dos *mass media* a partir do ponto de vista da sociedade e de seu equilíbrio, da perspectiva do funcionamento do sistema social no seu conjunto e do contributo que as suas componentes (*mass media* incluídos) dão a esse funcionamento. Já não é a dinâmica interna dos processos comunicativos (como é típico, sobretudo, da teoria psicológico-experimental) que define o campo de interesse de uma teoria dos *mass media* - são a dinâmica do sistema social e o papel que nela desempenham as comunicações de massa.<sup>18</sup>

### 2. 2. 2 A corrente frankfurtiana

Como já tivemos a oportunidade de registrar, a Escola de Frankfurt teve início com a fundação do Instituto para a Pesquisa Social (1923) que congregava pensadores marxistas. A instituição, de perfil liberal, funcionava com autonomia financeira e acadêmica, subvencionada pela comunidade judaica, junto à Universidade de Frankfurt, permitindo em seu âmbito o debate das idéias de Marx. Inspirados num marxismo em ruptura com a ortodoxia, os filósofos da Escola de Frankfurt, exilados nos Estados Unidos, preocupam-se com as transformações culturais das últimas décadas e tomam uma postura crítica diante da análise funcionalista que vê os meios de comunicação como mecanismo de ajuste. Opõem-se ao método empirista suspeito de violência simbólica e de uso dos meios como poder de dominação.

Mas, somente a partir de 1930, quando Max Horkheimer<sup>19</sup> assume a direção do Instituto, é que a Escola adota a investigação crítica da sociedade

---

<sup>18</sup> WOLF, Mauro - *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, LDA. 1ª edição, 1987, p. 54

<sup>19</sup>Max Horkheimer nasceu em 1885 em Estugarda e faleceu em 1973. Como todos os intelectuais da Escola de Frankfurt, era judeu de origem, filho de um industrial - Mortitz Horkheimer -, e ele próprio estava destinado a dar continuidade aos negócios paternos. Por intermédio de seu amigo



capitalista moderna. Os principais teóricos desse grupo, além de Horkheimer, foram Theodor Adorno, Walter Benjamin e Herbert Marcuse, pesquisadores influenciados pelas idéias marxistas, pela psicanálise de Freud e pela filosofia de Kant, Hegel e Nietzsche.

O contato com a sociedade de massa norte-americana direcionou as pesquisas e os estudos dos teóricos frankfurtianos para a *cultura de massa*. O grupo fundador, com exceção de Benjamin<sup>20</sup>, que, encurralado pela polícia franquista, se suicidou na França em 1940, formula a *teoria crítica* da sociedade em oposição às teorias de tendência positivista.

A Escola de Frankfurt criou dois importantes conceitos: a *dialética do esclarecimento* e a *indústria cultural*. Horkheimer e Adorno são os mestres desses conceitos. Por meio da tese da *dialética do esclarecimento*, procuram desmascarar a idéia de que a racionalidade libertaria a humanidade pela técnica:

Em nossos dias, a racionalidade técnica é a racionalidade da dominação propriamente dita. O terreno em que a técnica adquire o seu poder sobre a sociedade é o terreno dos que a dominam economicamente (Adorno e Horkheimer, 1947). A racionalidade técnica é o *caráter coercitivo* da sociedade alienada.<sup>21</sup>

Para os teóricos frankfurtianos, a técnica que se apóia na racionalidade científica<sup>22</sup> não está a serviço da felicidade humana, mas torna-se uma forma de exploração do homem e da natureza. Na sociedade capitalista, ao invés de garantir a autodeterminação dos indivíduos, a racionalidade técnica subordinou-os à dominação de um sistema regido por princípios econômicos, seqüestrando as possibilidades subjetivas das pessoas, banindo-as da grande rede de poderes e saberes que estas deveriam significar.

Pelo conceito de *indústria cultural*, Adorno e Horkheimer analisam a maneira com que o capitalismo industrial se apropriou da cultura e a transformou

---

Friedrich, Horkheimer associou-se em 1923 à criação do Instituto de Pesquisa Social, do qual foi diretor, em 1931, sucedendo o historiador austríaco Carl Grünberg.

<sup>20</sup> Walter Benjamin destaca-se pelo ensaio “*A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*”, escrito na década de 1930, onde elabora o conceito de ‘aura’, característica da obra de arte legítima, que desapareceria quando produzida em série pela indústria cultural.

<sup>21</sup> MATTELART Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 79

<sup>22</sup> Discurso iluminista dos séculos XVIII e XIX marcado pelas possibilidades da razão.

em mercadoria, atividade econômica a serviço da manipulação das massas e do controle social.

Os produtos culturais, os filmes, os programas radiofônicos, as revistas ilustram a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e de planejamento administrativo que a fabricação de automóveis em série ou os projetos de urbanismo. *Previu-se algo para cada um a fim de que ninguém possa escapar.* Cada setor da produção é uniformizado e todos o são em relação aos outros. A civilização contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. A indústria cultural fornece, por toda a parte, bens padronizados para satisfazer às numerosas demandas, identificadas com distinções às quais os padrões da produção devem responder.<sup>23</sup>

A partir de então, todas as vertentes teóricas da comunicação, incluindo a concepção de cultura ficam sujeitas a um cerrado fogo crítico.

Outros dois pensadores frankfurtianos merecem destaque: Herbert Marcuse<sup>24</sup> e Jürgen Habermas<sup>25</sup>. Com base no marxismo e na psicanálise Marcuse criticou a sociedade industrial por amputar do ser humano o princípio de prazer, submetendo-o a uma ordem baseada na produtividade e na eficiência, manipulando suas necessidades e mecanizando suas ações. Uma sociedade unidimensional que anula o espaço do pensamento crítico é analisada em sua obra o *Homem Unidimensional*, na qual critica um mundo onde a instrumentalização das coisas torna-se a dos indivíduos. O sociólogo Jürgen Habermas identificou a *esfera pública* como um espaço para o discurso no qual as idéias são exploradas e uma visão pública pode ser expressa. Para Habermas, a solução dos problemas derivados de uma administração racional está na

---

<sup>23</sup> MATTELART Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 77

<sup>24</sup> Herbert Marcuse foi um importante sociólogo alemão naturalizado norte-americano pertencente à Escola de Frankfurt. Nasceu em Berlim numa família de judeus assimilados. Foi membro do partido Social-democrata Alemão entre 1917 e 1918, tendo participado de um Conselho de Soldados durante a revolução berlinense de 1919, na seqüência da qual deixou o partido. Estudou filosofia em Berlim e Freiburg, onde conheceu os filósofos e professores de filosofia Husserl e Heidegger, e se doutorou com a tese "Romance de artista".

<sup>25</sup> Jürgen Habermas nasceu em 1929, em Düsseldorf, na Alemanha. Licenciou-se em 1954, com uma tese sobre Schelling (1775-1854), intitulada "O Absoluto e a História". De 1956 a 1959, foi colaborador de Adorno no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Em 1968, transferiu-se para Nova York, passando a lecionar na New Yorker New School for Social Research. Em 1971, Habermas dirigiu o Instituto Max-Planck, em Starnberg, Baviera. Em 1983, transferiu-se para a Universidade Johan Wolfgang Goethe, de Frankfurt.

restauração das formas de comunicação num espaço público estendido ao conjunto da sociedade, tornando público o que antes era privado. □ nessa perspectiva que ele escreve *A técnica e a ciência como ideologia*, numa crítica à visão positivista da ciência que encobre a relação entre técnica e ideologia.

Os teóricos de Frankfurt chegaram às mesmas resoluções de Gramsci e Althusser, de que os meios de comunicação servem a determinada classe social, e esta é que determina o que todos deverão pensar, criando-se a partir desse fenômeno o conceito "*indústria cultural*".

### 2. 2. 3 A corrente culturológica

Um grupo de pesquisadores permanece estudando os mesmos temas que a Escola de Frankfurt, só que de forma diferente e marcadamente marxista. É um grupo de ação, de transformação, que tem entre os integrantes Max Weber<sup>26</sup>, que sempre viu na *dominação burocrática* uma forma de asfixia da liberdade e delimitação no campo da educação, e contrapõe a *dominação carismática*<sup>27</sup> enquanto possibilidade de equilibrar o poder burocrático.

---

<sup>26</sup> Max Weber nasceu e teve sua formação intelectual no período em que as primeiras disputas sobre a metodologia das ciências sociais começavam a surgir na Europa, sobretudo em seu país, a Alemanha. Filho de uma família da alta classe média, Weber encontrou em sua casa uma atmosfera intelectualmente estimulante. Seu pai era um conhecido advogado e desde cedo o orientou no sentido das humanidades. Weber recebeu excelente educação secundária em línguas, história e literatura clássica. Em 1882, começou os estudos superiores em Heidelberg; continuando-os em Göttingen e Berlim, em cujas universidades dedicou-se simultaneamente à economia, à história, à filosofia e ao direito. Em 1893, casou-se e; no ano seguinte, tornou-se professor de economia na Universidade de Freiburg, da qual se transferiu para a de Heidelberg, em 1896. Dois anos depois, sofreu sérias perturbações nervosas que o levaram a deixar os trabalhos docentes, só voltando à atividade em 1903, na qualidade de co-editor do Arquivo de Ciências Sociais (*Archiv für Sozialwissenschaft*), publicação extremamente importante no desenvolvimento dos estudos sociológicos na Alemanha. A partir dessa época, Weber somente deu aulas particulares, salvo em algumas ocasiões em que proferiu conferências nas universidades de Viena e Munique, nos anos que precederam sua morte, em 1920.

<sup>27</sup> A dominação carismática é um tipo de apelo que se opõe às bases de legitimidade da ordem estabelecida e institucionalizada. O líder carismático, em certo sentido, é sempre revolucionário, na medida em que se coloca em oposição consciente a algum aspecto estabelecido da sociedade em que atua. Para que se estabeleça uma autoridade desse tipo, é necessário que o apelo do líder seja considerado como legítimo por seus seguidores, os quais estabelecem com ele uma lealdade de tipo pessoal. Fenômeno excepcional, a dominação carismática não pode estabilizar-se sem sofrer profundas mudanças estruturais, tornando-se, de acordo com os padrões de sucessão que adotar e com a evolução do corpo administrativo, ou racional-legal ou tradicional, em algumas de suas configurações básicas.

Embora os *Cultural Studies* tenham se desenvolvido mais após a década de 70, seus fundadores são estudiosos da crítica literária dos anos 30, durante o capitalismo industrial, preocupados com a cultura comercial cujos efeitos estariam contaminando a cultura tradicional, seja a da elite, seja a popular. Frank Raymond Leavis, professor e especialista em teoria literária nas universidades da Inglaterra, pretende usar a escola para difundir os valores literários e, com esse escopo, funda em 1932, junto com um grupo de professores, a revista *Scrutiny*. Com esse recurso, inicia uma cruzada moral e cultural junto às escolas e universidades, a fim de oferecer aos indivíduos respostas ricas, maduras, sensatas que garantam a sobrevivência em uma sociedade mecanizada e embrutecida pelo capitalismo industrial, como sistema, e o lugar que nele assumem os meios de comunicação de massa. Em seus escritos, Mattelart faz uma pontuação clara da importância dessa corrente para posteriores avanços na teoria **dos Estudos Culturais**.

Com preocupação educativa, a tradição leavisiana lega, sobretudo, uma abordagem das diferentes formas de produção literária baseada na análise textual, na pesquisa do sentido e dos valores socioculturais, no que ela se opõe aos métodos da escola funcionalista.<sup>28</sup>

Essa abordagem é ampliada por outros professores de literatura inglesa moderna, como Richard Hoggart, Raymond Williams e Stuart Hall. Suas análises, num enfoque positivo, elogioso, sobre os hábitos e as práticas da classe operária fortalecem a resistência diante da cultura comercial.

Em 1964, é fundado, na Universidade de Birmingham, o *Centre of Contemporary Cultural Studies (CCCS)*, centro de estudos no plano de doutorado sobre as *formas, práticas e instituições culturais e suas relações com a sociedade e a transformação social*. O centro reconhece sua idéia fundadora nas obras de Hoggart, de Williams e de Edward P. Thompson.

Para Raymond Williams, a cultura é o processo global por meio do qual as significações são social e historicamente construídas. Williams oferece uma leitura ampla e complexa do marxismo, a qual permite estudar a relação entre a cultura e

---

<sup>28</sup> MATTELART Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 104

as outras práticas sociais. Desde o início de sua carreira apresenta-se como crítico do determinismo tecnológico e intervém nessa área com estudos históricos sobre a forma assumida por cada instituição midiática, a televisão, a imprensa e a publicidade.

As análises do marxista italiano Antonio Gramsci (falecido em 1937) provavelmente são as que mais marcaram a pesquisa de novas vias de apreensão da relação entre cultura e comunicação e, pela ótica do poder, a necessidade de considerar negociações, compromissos e mediações.

À margem deste bloco, que constitui o espaço de nosso interesse, há um mosaico de outras teorias da comunicação. Algumas oscilam entre os modelos clássicos; outras se definem de forma autônoma. Fazemos, aqui, apenas uma menção: Semiótica<sup>29</sup>, Estruturalismo<sup>30</sup>, Cultura de massa<sup>31</sup>, Teoria da Informação<sup>32</sup>, e a segunda etapa dos Estudos Culturais, após os anos 70, que será retomada no próximo capítulo, onde pretendemos pontuar, junto às novas teorias, a importância dessa corrente para os estudos de recepção na América Latina e, em particular, no Brasil.

---

<sup>29</sup> Segundo PEIRCE, a semiótica ou doutrina geral dos signos se constitui em três níveis distintos: *sinótico*, signos e suas relações com outros signos; *semântico*, signo e suas relações com o mundo exterior (designação), e *pragmático*, signos e suas relações com os “usadores”. Para BARTHES, a Semiologia tem por objeto qualquer sistema de signos, quaisquer que sejam seus limites: as imagens, os gestos, os sons melódicos, os objetos e o complexo destas substâncias que se encontram nos ritos, nos protocolos ou espetáculos constituem, senão *linguagens*, ao menos sistemas de significação”. KATZ, Samuel Shaim/ DORIA Antonio Francisco, In *Dicionário crítico de comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

<sup>30</sup> O Estruturalismo é uma modalidade de pensar e um método de análise praticado nas ciências do século XX, especialmente nas áreas das humanidades. Metodologicamente, analisa sistemas em grande escala, examinando as relações e as funções dos elementos que constituem tais sistemas, que são inúmeros, variando das línguas humanas e das práticas culturais aos contos folclóricos e aos textos literários. Partindo da Linguística e da Psicologia do princípio do século XX, alcançou o seu apogeu na época da Antropologia Estrutural, ao redor dos anos de 1960.

<sup>31</sup> “Em seu sentido literal, a expressão significa o conjunto de produtos culturais, industrialmente realizados, que visam ao consumo dos mais diversos segmentos sociais”. KATZ, Samuel Shaim/ DORIA Antonio Francisco, In *Dicionário crítico de comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971

<sup>32</sup> A Teoria da informação foi desenvolvida num ambiente de engenharia e serve para solucionar problemas técnicos de telecomunicação relativos à transmissão de informação.

#### 2. 2. 4 A corrente McLuhaniana

O teórico canadense Herbert Marshal McLuhan<sup>33</sup> merece destaque pela abordagem inovadora e polêmica sobre a comunicação. McLuhan elege como objeto de estudo o *meio*, ao contrário dos teóricos anteriores que privilegiam a *mensagem*, na análise dos processos comunicativos. Junto com outros pesquisadores como Harold Adams Innis – McLuhan funda a Escola Canadense:(...)

a qual defende aos extremos os meios de comunicação: televisão, rádio, cinema, e são contrários aos livros e jornais, a imprensa escrita em geral. É necessário notar que se referiam a esses meios não pelo que veiculavam, mas, pelas influências que estenderam ao público, desenvolvendo mais a cultura oral e do ouvido, do que a cultura dos olhos. Assim, defendiam uma, e não outra "cultura", como tentando explicar as transformações que ocorreram no mundo, tendo a tese que só ocorreram por causa das transformações que aconteceram aos meios de comunicação, assim como demonstrando que a evolução desses meios representa uma extensão do próprio corpo humano; "hoje - diz McLuhan - após mais de um século de tecnologia elétrica, prolongamos o nosso sistema nervoso central num braço global", e, para sintetizar o que essa escola pretendia, veremos outra frase de McLuhan "... o que verdadeiramente interessa não é o que a rádio ou a televisão dizem. O mais importante é o fato de existirem, trazendo transformações à sociedade."<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> Herbert Marshall McLuhan nasceu em 1911 em Edmonton, Canadá. Começou por estudar Engenharia, na Universidade de Manitoba, em 1932, mas acabou por se formar em Literatura Inglesa, em 1934. Ensinou na Universidade de Wisconsin, entre 1936 e 1937. Fez o mestrado em Cambridge, em 1939, e doutorou-se, em 1943, com uma tese sobre o autor satírico inglês Thomas Nashe. Entre 1944 e 1946, foi professor na Universidade de Assumption, em Ontário, e na Universidade de Toronto, entre 1946 e 1979. Das suas cerca de 15 obras fazem parte livros como *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects*, e *War and Peace in the Global Village*. **McLuhan** introduz as frases "o impacto sensorial", "o meio é a mensagem" e "aldeia global" como metáforas para a sociedade contemporânea, a ponto de se tornarem parte da nossa linguagem do dia-a-dia. Adquiriu proeminência internacional com idéias que têm estimulado milhares de artistas, intelectuais e jornalistas em todo o mundo, a ponto de a revista *Fortune* o nomear como "uma das principais influências intelectuais do nosso tempo". As suas publicações contribuíram para combater a inércia de um público tanto acadêmico como popular, numa altura em que o otimismo estava na moda. Segundo a revista *The New Yorker*, "o que continua importante é a postura global de **McLuhan** e a sua busca do novo. Ele deu o necessário impulso ao grande debate sobre o que está a acontecer ao homem nesta idade de rápida aceleração tecnológica". Morreu durante o sono a 31 de dezembro de 1980.

<sup>34</sup> Disponível in: <http://www.revistaautor.com.br/ensaios/39ext.htm> consultado em 27 de setembro de 2005

Vinicius Andrade Pereira sintetiza os principais significados de *meio* em McLuhan, numa ordem na qual podem variar ou mesmo aglutinar os seguintes sentidos: 1) como *maneira*, ou *modo*, *veículo* para a realização de diferentes operações; 2) daí o sentido que ganha, quando a operação em questão for a comunicação, de *veículo de comunicação*, que, por sua vez, se apresente, praticamente, como sinônimo das diferentes *mídias* (*media*, plural de *médium*, em latim e em inglês): TV, rádio, cinema, jornais, revistas, etc.; 3) como sinônimo de *extensões tecnológicas*, sentido que ganhou enorme divulgação no próprio *Understanding media*; 4) como ambiente, *substância envolvente*, no sentido em que se fala de meio ambiente – sem que isto signifique, necessariamente, *meio ambiente biológico*; 5) como sinônimo de *público*, oposto à idéia de *privado*, como explica McLuhan, em uma leitura muito peculiar da etimologia da palavra, quando fala da revolução que a imprensa vem causar no cotidiano dos homens *pós-Gutenberg*: **The Word “médium” was Latin for “public”. There not being any reading public before printing, men perhaps tended to think of readers at large as a kind of scattering of currency – a “médium” in that sense<sup>35</sup>.**

As teorias de McLuhan fazem história tentando explicar a evolução da sociedade pelos meios de comunicação, da mesma forma como Marx tenta explicá-la através do fator econômico e dos conflitos entre as classes sociais. Para o teórico dos conceitos, *aldeia global*, *galáxia de Gutenberg*; *meios quentes e meios frios*, *os meios são extensões dos sentidos humanos* e *o meio é a mensagem*, os ambientes tecnológicos não são recipientes puramente passivos de pessoas, mas ativos processos que remodelam pessoas e igualmente outras tecnologias. Com esse otimismo em relação aos meios de comunicação, as idéias de McLuhan conseguem o apoio popular e exercem influência na postura da Igreja no momento em que, durante um Concílio Ecumênico, se debruça sobre a comunicação.

---

<sup>35</sup> XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação INTERCOM 2004 - Tema central: Comunicação, acontecimento e memória - Porto Alegre - PUC do Rio Grande do Sul - 30 de agosto a 3 de setembro de 2004.

Entendemos que este nosso mapeamento das teorias da Comunicação é descritivo, mas também representativo, pois é sobre ele que se revela o cruzamento de discursos e pesquisas, por vezes divergentes, a respeito do capital teórico no campo da pesquisa científica em comunicação. Mauro Wolf, que na sua obra “Teorias da Comunicação” analisou os principais modelos teóricos de comunicação, nos relata a dificuldade que até os meados dos anos 70 a pesquisa científica tinha em definir o objeto de investigação devido à complexidade do mesmo objeto e à divergência de correntes a esse respeito:

(...) a crítica mais difundida referia-se à impossibilidade de se conseguir uma síntese significativa dos conhecimentos acumulados, uma sistematização dos conhecimentos da comunicação num conjunto coerente. Um crescimento quantitativamente relevante, mas desordenado, de análises e pesquisas não conseguia transformar-se num corpo homogêneo de hipóteses verificadas e de resultados conseqüentes.<sup>36</sup>

Os pesquisadores acadêmicos vêem o processo da comunicação como desordenado e heterogêneo, e a Igreja mantém resistências a respeito da hegemonia que os meios de comunicação vão assumindo.

### 2.3 Posicionamento da instituição católica em traços contextuais

Embora tenha procurado se ajustar às transformações sociais de um período de profundas e imprevisíveis conseqüências nos mais diversos setores da sociedade, a Igreja como instituição teve, e tem, dificuldades em abdicar dos padrões de comunicação vertical diante do protagonismo dos meios de comunicação de massa que se impõem, pelo fascínio da imagem e pela mediação de relações, sobre o discurso verbal ou escrito. Ao analisar o verticalismo da Igreja na dinâmica do culto, o professor José Marques de Melo constata que:

Esse comportamento verticalista, autoritário e inibidor marca igualmente a atitude da Igreja diante dos instrumentos de reprodução simbólica: a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, LDA. 1987, p. 10

<sup>37</sup> MELO José Marques de. *Comunicação Eclesial utopia e realidade*. São Paulo: Paulinas/SEPAC, 2005, p14



Dessa forma, enquanto a pesquisa científica da comunicação social prolifera e acolhe pesquisadores de correntes teóricas contraditórias, como Habermas e McLuhan, a Igreja adota uma postura neutra ou refratária sobre o tema. Não temos registro de contribuições significativas, no que diz respeito ao debate teórico da comunicação, no discurso oficial da Instituição. Os pronunciamentos dos papas permanecem à margem de qualquer investigação de caráter científico sobre a comunicação e privilegiam as atitudes de vigilância e censura sobre a arte, a ciência, a técnica e a indústria humana, especialmente o cinema, uma novidade que atrai e concentra massas. Esta é uma atitude que reproduz e reafirma a mesma prática moralizante prescrita para os meios impressos:

(...) fervidamente exortamos todas as pessoas de boa vontade, não só em nome da religião, mas também em nome do verdadeiro bem-estar moral e civil dos povos, para que se esforcem com todos os poderes e meios que têm a seu alcance, como precisamente a imprensa, a fim de que o cinema possa converter-se verdadeiramente num coeficiente precioso de instrução e educação, e não de destruição e de ruína para as almas (...).

Estas considerações adquirem muito maior importância, visto o cinema falar, não a cada um em particular, mas a multidões e em circunstâncias de tempo, de lugar, de ambiente sobretudo propícias a suscitar extraordinário entusiasmo para o bem, como para o mal, e conduzir àquela exaltação coletiva que pode atingir – como a experiência tristemente o ensina – formas absolutamente mórbidas.<sup>38</sup>

Só posteriormente, no Concílio Vaticano II, quando a igreja se abre ao diálogo com o mundo em franca secularização, é que ela manifesta, em seus documentos, inquietação tanto com a modernidade quanto com a industrialização.

A introdução do primeiro documento conciliar<sup>39</sup> reflete a preocupação da Igreja com o fenômeno que ela denomina de *mass media*. A reflexão descreve e

---

<sup>38</sup> DARIVA, Noemi (org). *Comunicação social na Igreja – documentos fundamentais*. Vigilante Cura, nº 5 a 26. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 21 a 26

<sup>39</sup> O engenho humano, usando as forças naturais, por disposição divina, alcançou maravilhosas conquistas técnicas nos dias de hoje. Sendo mãe, a Igreja se preocupa de maneira toda especial com o que se relaciona mais diretamente com a mente humana: a comunicação da maneira de ser e de pensar, que foi imensamente facilitada pelos caminhos jamais suspeitos que se abriram para transmitir toda a espécie de mensagem. Dentre esses, merecem especial atenção os meios que atingem não apenas indivíduos isolados, mas a multidão no seu conjunto, toda a sociedade

situa o processo tecnológico da comunicação sem atribuir-lhe um juízo de valor positivo ou negativo, tanto no que diz respeito aos meios, como ao progresso humano, mas inserindo-o entre as *conquistas técnicas* que, com a ajuda de Deus, podem contribuir para a comunicação social. Na versão original, a terminologia do documento é clara: “*meios, instrumentos, técnicas*<sup>40</sup> são possibilidades ampliadas de comunicação”. O mesmo otimismo da escola canadense quanto aos *mass media* é assumido pela Igreja, que os define como *dons de Deus*<sup>41</sup>. Porém, nas entrelinhas está, também, uma maturidade de consciência eclesial que nasce do mesmo contexto industrial: o risco de que as massas sejam envolvidas e arrastadas num ritmo funcional e de anonimato pelos *meios* que, segundo o documento, englobam todo o fenômeno da comunicação social, cujos fins primordiais, tanto da comunicação como de seus meios, são a comunhão e o progresso da sociedade humana<sup>42</sup>. As duas palavras: *comunhão e progresso* indicam as promessas, os limites e as incertezas da comunicação de massa, fazendo com que a reflexão eclesial vislumbre novos horizontes que a farão reposicionar-se, como veremos no próximo capítulo.

Na estreita interconexão dos processos midiáticos e convencionais da comunicação<sup>43</sup> e no conflito de interesses divergentes (econômicos, ideológicos, políticos, profissionais, estéticos, etc.), a instituição eclesial percebe-se despreparada para a formação de novas identidades que assumam uma dimensão de respeito crítico pela pluralidade e pela gestão de conflitos. Diante do

---

humana. Destacam-se, entre eles, a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e outros do mesmo gênero, que se denominam meios de comunicação social. idem, p. 70

<sup>40</sup> Technicae artis inventa, quae hodiernis praesertim temporibus, Deo favente, humanum ingenium e rebus creatis deprompsit, peculiari sollicitudine Mater Ecclesia ea excipit ac prosequitur quae hominis animum potissimum respiciunt, quaeque novas aperuerunt vias cuiusvis generis nuntios, cogitata ac praecepta facillime communicandi. E quibus vero inventis ea eminent instrumenta, quae non modo singulos homines, ed ipsas multitudines totamque humanam societatem, natura sua attingere ac movere valent, sicuti prelum, cinematographeum, radiophonia, televisio et alia huiusmodi, quae proinde instrumenta communicationis socialis merito vocari possunt+. CONCILIO ECUMENICO VATICANO II, *Decreto "Inter Mirifica" / Decreto sui mezzi della comunicazione sociale*, Città del Vaticano 1967, n° 1: \*INTER MIRIFICA

<sup>41</sup> DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação Social na Igreja*. Communio Et Progressio n°2 São Paulo: Paulinas, 2003, p. 82

<sup>42</sup> Idem, n° 1

<sup>43</sup> As Igrejas, tanto a católica como a protestante, mantêm no interior de seus espaços (família, escola, comunidades) um discurso ético diante da hegemonia dos meios eletrônicos.

cenário polifônico de novas expressões e comportamentos, a instituição agarra-se à rigidez de seu discurso moral na esperança de manter o rebanho sob sua tutela. Mas, como já tivemos a oportunidade de sublinhar, as intervenções vindas da base abrem brechas também nesse campo da pesquisa científica da comunicação. No período pós-conciliar, década de 60, religiosos e leigos católicos freqüentam ambientes acadêmicos próximos a pesquisadores da área, mergulham no debate teórico-crítico da comunicação na - e pela - Igreja. Conscientes de que a formação das lideranças da sociedade está ligada à vida acadêmica, entidades religiosas (salesianos, verbitas, paulinos, paulinas, jesuítas e outros) preparam-se na estufa da universidade para uma liderança junto às bases.

Nas palavras de Paulo VI, a igreja deu sua contribuição para “o ordenado progresso do mundo da comunicação” não com a pesquisa científica, mas com uma “contribuição de inspiração, de encorajamento, de exortação, de orientação e de colaboração”<sup>44</sup>. O Concílio Ecumênico vaticano II fez da comunicação objeto de estudo, e a instituição católica confirmou sua solicitude pela promoção de valores humanos assumidos pelo cristianismo.

Uma das mais providenciais conquistas do nosso tempo, no entanto, é o progresso da tecnologia e o grande passo à frente feito nas comunicações sociais. Hoje, como nunca antes havia acontecido, os valores espirituais podem ser afirmados e difundidos por todos os confins da terra.<sup>45</sup>

Na medida em que os instrumentos de comunicação afirmam e promovem os valores espirituais de uma humanidade sempre empenhada na pesquisa, contribuem para preparar o dia de uma nova criação.<sup>46</sup>

Outro cuidado que a Igreja sempre teve foi o de preservar o humanismo sobre a técnica. Paulo VI é enfático ao afirmar: “Nenhuma mensagem comunicada pode esquecer-se da pessoa humana ou impor-lhe um modo de pensar e de viver em contraste com a dignidade que lhe é própria”.<sup>47</sup>

No próximo capítulo, é nosso propósito mapear os novos contornos da comunicação a partir dos anos 70, que se dá em meio a um confuso mas decisivo

---

<sup>44</sup> DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação Social na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 292

<sup>45</sup> idem. P. 311

<sup>46</sup> Ibidem, p. 313

<sup>47</sup> Ide, ibidem p. 324

processo de mudança na sociedade. É nessa época que às mídias analógicas<sup>48</sup> juntam-se as mídias digitais<sup>49</sup>, revolucionando, flexibilizando e complexificando o cenário social. Concomitantemente, pontuaremos os avanços da prática eclesial nesse período de novas convergências.

---

<sup>48</sup> O analógico se dá por uma relação de semelhança entre duas partes, sejam elas coisas ou fatos. Os Meios analógicos são aqueles que reproduzem tecnicamente os sentidos humanos, por isso são chamados analógicos, porque fazem uma analogia da realidade. A fotografia, por exemplo, reproduz o olhar humano, assim como o cinema e, por extensão, o vídeo.

<sup>49</sup> O digital apresenta a relação não mais por semelhança, mas por um código binário, 0 e 1. Nascida a partir da comunicação por redes criada pela espionagem da 2ª Guerra Mundial, a tecnologia digital traz em seu cerne uma ruptura entre o "nós" e o mundo conhecido. Toda e qualquer informação, sejam números, imagens ou sons, pode ser traduzida por essa combinação de números. Os sons e as imagens digitalizadas promovem o fim do caráter indicial da comunicação. Trata-se de um método artificial, pois à medida que tudo vira informação (código binário), há uma desmaterialização da imagem. Com isso, o público deixa de ser o centro; os sentidos e as afetividades deixam de ser o ponto central. Tal processo, entretanto, não transforma a realidade em ficção, mas em simulação.

## CAPÍTULO 3

### UMA INTERCONEXÃO DE FLUXOS: DISTRIBUIR OS FIOS EM REDE

*“... nosso olhar enlouquece diante do espetáculo  
de uma cultura que se dissolve em citações,  
cópias, plágios, de uma identidade  
que se perde em imagens e reflexos,  
de uma história que a atualidade submerge  
e de uma atualidade indefinível  
(moderna/pós-moderna?),  
porque só a percebemos aos pedaços,  
sem que nenhum princípio organizador  
nos possibilite dar sentido  
à dispersão dos flashes, clichês e comentários  
que fazem às vezes de realidade”.*

**Marc Augé**

### 3. O “novo”<sup>1</sup> nos estudos da comunicação: teorias, tecnologias, linguagens

Pensar as mediações contemporâneas das práticas eclesiais em relação à comunicação da Igreja pelo viés de posturas divergentes e, por vezes, contraditórias, nos fez empreender um passeio pelas teorias e reflexões sobre o processo comunicativo. Esta seção é o início de uma nova etapa do percurso aqui trilhado, em que nos movimentaremos sobre o panorama do pensamento comunicacional contemporâneo, e constitui-se como o pano de fundo para a investigação do trabalho.

É inconteste que nas últimas décadas do século XX e neste início de milênio as sociedades ocidentais confrontam-se com novos desafios em escala global e local. Segundo Gil Giardelli<sup>2</sup>, “vivemos uma revolução a cada dia e não podemos usar mapas velhos para descobrir novas terras”. Para a compreensão deste momento histórico, onde a mídia adquire centralidade incontornável, as reflexões sistematizadas das diferentes teorias e novas formas de comunicação, paralelamente ao posicionamento da Igreja Católica, assim como fizemos no capítulo anterior, tornam-se indispensáveis para nossa pesquisa.

De acordo com teóricos modernos como David Harvey, Alvin Toffler, Nicolau Sevchenko, no final dos anos setenta inicia-se uma crise econômica mundial e a terceira revolução industrial<sup>3</sup>, baseada nas tecnologias da informação

---

<sup>1</sup> O termo “novo” aqui é empregado com o sentido de início de um ciclo que se modifica em relação aos anteriores.

<sup>2</sup> Gil Giardelli é conselheiro do Comitê Brasileiro Anti-Span e vice-presidente de Novos Negócios do Grupo e Centry. Colunista da Folha online- 24 de julho de 2004-19:17

<sup>3</sup> A primeira revolução tecnológica, na parte final do séc. XVIII, com novas tecnologias como a máquina a vapor, o tear mecânico, a metalurgia. *Esta revolução é caracterizada pela substituição de ferramentas manuais por máquinas.* A segunda revolução tecnológica, na parte final do séc. XIX, com novas tecnologias como produção, transporte e utilização da eletricidade, a química industrial, a laminagem e moldagem do aço, o motor de combustão interna, o telégrafo, o telefone. *Esta revolução é dominada pela eletricidade que basicamente tornou as outras tecnologias possíveis.* A terceira revolução tecnológica, com raízes na 2ª Guerra Mundial que levaram ao computador programável em 1946, ao transistor em 1947 e ao circuito integrado em 1957, mas que se afirmou com clareza por volta de 1970, com o interruptor digital e as redes de computadores em 1969, a fibra óptica de comunicação e o microprocessador em 1971, a interação com computadores baseada em ícones e no mouse em 1973, o protocolo TCP/IP que permitiu a conexão entre redes diferentes em 1974, o correio eletrônico organizado em 1977, a Internet em 1979, a "World Wide Web" em 1990, os telefones móveis nos anos 90. *Esta revolução é dominada pelas tecnologias da informação e comunicação.*

e comunicação. A partir desse ponto, tem início um processo de mudanças econômicas, políticas e sociais que desemboca na chamada *Sociedade da Informação*<sup>4</sup>. Nela, têm papel destacado os meios de comunicação, que, para se adaptarem a esse novo modelo de desenvolvimento e crescimento, têm sofrido alterações importantes, como a migração para a era digital.

A cultura das mídias configura o espaço e o fazer do dia-a-dia num fluxo e refluxo de conexões, numa teia de redes e sub-redes, no hibridismo das tecnologias e numa mescla de protocolos e infra-estruturas circulando nas infovias de um universo líquido, virtual, que nos obriga a redefinir e atualizar os conceitos da comunicação. Em face dessas transformações decorrentes da aceleração tecnológica, da re-configuração das noções de tempo e espaço e dos impactos provocados pela multiplicação de “tecno-interações” nas mídias, o professor e pesquisador Muniz Sodré propõe uma *revisão teórica da comunicação*.

Tempo real e espaço virtual estão operando um redimensionamento do espaço temporal clássico, da temporalidade clássica, o real e o virtual. Aí está um ponto de poder que dá a especificidade do objeto da comunicação, exigindo uma nova antropologia ético-política da comunicação ou uma nova teoria da comunicação (...). Redescrever o homem diante das novas tecnologias: esta é a questão da antropologia ético-política da comunicação. Redescrever como o homem, o indivíduo, o sujeito humano se situa diante de uma sociedade que é por inteira, mesmo nas suas zonas de pobreza, atravessada por tecnologias.<sup>5</sup>

Pretendemos costurar, com grossos fios, as novas abordagens no campo teórico da comunicação, para que - além de ampliar os horizontes de nossa pesquisa - resultem numa reflexão que encaminhe a novos enfoques solicitados pela evangelização, conforme nosso objeto de estudos, desafio a que lançamos o nosso objeto de estudo.

---

<sup>4</sup> Jean François Lyotard denomina de *pós-modernidade*; Anthony Giddens, de *modernidade tardia*; Daniel Bell, de *sociedade pós-industrial*; Marc Augé, de *sobremodernidade*; Rosnay e Lojkine, de *Revolução informacional*; Belluzo, de *Sociedade da aprendizagem*; Toffler, de *terceira onda*, entre outras expressões desta época, apenas para salientar que o debate se assenta sobre universos de referência distintos e de olhares diferenciados.

<sup>5</sup> “*Tempo real e espaço virtual exigem uma nova teoria da comunicação*” Entrevista concedida a Rosane da Conceição Pereira e Christiane Rangel Sauerbronn dos Santos. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/muniz1.htm> consultado em 29 de setembro de 2005

### 3.1 Por uma nova comunicação

Em nosso entender, a partir da segunda metade do século XX, as teorias da comunicação sofrem dois importantes deslocamentos. Um é geográfico, o outro, de enfoque. No primeiro os centros de pesquisa vão se estabelecer mais nos Estados Unidos que na Europa. No segundo, período do apogeu da era industrial, são a psicologia e a sociologia que nutrem as pesquisas, enquanto que, após os anos 50, são a matemática, a antropologia e a lingüística que revitalizam os estudos teóricos e empíricos da comunicação.

Sob esse prisma, os estudos da comunicação se reciclam e, no final dos anos 60, o termo “Nova Comunicação” começa circular nas publicações norte-americanas inspiradas nos trabalhos de Gregory Bateson (1904-1980). Ao lado de um grupo de psiquiatras e antropólogos, Bateson delineou os parâmetros de uma abordagem que pesquisadores na área não duvidam em denominar de “Nova Comunicação”. Nova não em substituição a velhos modelos, mas como analisa Yves Winkin ao comentar uma expressão do antropólogo Ray Birdwhisstell (*não nos comunicamos, participamos da comunicação*). O ator social participa dela não só com suas palavras, mas também com seus gestos, seus olhares, seus silêncios. A comunicação torna-se assim o desempenho permanente da cultura<sup>6</sup>. Winkin esclarece esta abordagem obrigando-nos a dar uma volta heliocêntrica para compreender que a comunicação, como ato individual, não está mais no centro do pensamento comunicacional e, sim, a gravitação acontece em torno da comunicação como instituição social.

O professor Etienne Samain, na apresentação do livro: “A Nova Comunicação”, faz uma interpretação significativa sobre o universo no qual vivemos enredados:

Neste universo humano, vivemos não apenas no meio de postes, de quilômetros de fios elétricos, no tear de uma multidão de fibras óticas ou nos interstícios de uma legião de satélites. Vivemos, sim, nos *balcões* dessa complexa teia comunicacional ou, melhor dizendo, nos *palcos* dessa rede planetária e somos sempre – de maneira solidária, institucional e orquestral – os atores

---

<sup>6</sup> WINKIN, Yves. *A Nova Comunicação* - Campinas/SP. Papyrus Editora, 1998, p.14



necessários de nossas apresentações e de nossas representações, de nossas idéias e de nossas contra-idéias, sem as quais não existiriam sociedades e muito menos dinâmicas sociais.<sup>7</sup>

A publicação das obras *Cybernetics*, elaborada pelo cientista americano Norbert Wiener (1948), e *The mathematical theory of communication* (1949), do aluno de Wiener, Claude Shannon, contribui para que o termo *comunicação*, sob certas perspectivas, rompesse com velhas concepções reducionistas da palavra e entrasse definitivamente no dicionário científico, com as seguintes definições: “Toda relação dinâmica que participa de um funcionamento. Teorias das comunicações e da regulação. *Cibernética*. Informação e comunicação”<sup>8</sup>.

Os experimentos de pilotagem do engenheiro Wiener, com o *princípio de retroação*, e a *teoria matemática da comunicação*, de seu ex-aluno Shannon<sup>9</sup>, são responsáveis por um desenvolvimento de pormenores técnicos que viriam melhorar a *transmissão*, dando origem à *teoria da informação*. Os trabalhos de Wiener e Shannon vão ter considerável repercussão na década de 50 quando surgem os primeiros robôs, e as ciências da sociologia, da psicologia e da lingüística se servem da teoria matemática da comunicação.

Bateson, que antes dos anos 50 *observa, filma e estuda* a comunicação oral de animais, durante os anos 60 e 70, congrega em torno de si psiquiatras (Jurgen Ruesch, Don D. Jackson, Paul Watzlawick, Albert E. Schefflen), e antropólogos (Erving Goffman, Edward T. Hall, Ray Birdwhistell), na chamada *Escola de Palo Alto*. Todos buscam repensar, numa perspectiva orquestral (inspirada pelos trabalhos de Norbert Wiener) e não meramente *telegráfica* (como fazia, na época, Claude Shannon), as questões relativas à *comunicação humana*. É a superação de uma concepção da comunicação de modelo Shannoniano para a descoberta de uma outra concepção ainda inexplorada pelas ciências tradicionais: a concepção orquestral da comunicação.

---

<sup>7</sup> Idem p. 10

<sup>8</sup> Ibidem p. 23

<sup>9</sup> Claude Elwood Shannon nasceu nos EUA em 1916. Formou-se em Matemática e Engenharia Elétrica na Universidade de Michigan, e fez mestrado e doutorado no MIT. É um dos maiores matemáticos do mundo, e considerado *o pai dos sistemas de informação*.

## Quem foi Gregory Bateson

Segundo Etienne Samain, Bateson “é um pensador e, ao mesmo tempo, um biólogo, um antropólogo, um psiquiatra e um amante da comunicação humana” que procurou equacionar melhor a vasta interrogação sobre a comunicação humana nos termos de uma estrutura que pudesse ligar os “seres vivos” entre si – a natureza e o pensamento, a comunicação e a antropologia. Afasta-se das velhas teorias para explicar, mais pela experiência do que pela retórica, como a comunicação se agarra ao movimento dos seres na dinâmica da vida. Em sua obra *the pattern which connects*, Bateson expressa sua busca:

Procuro a estrutura que liga os seres vivos. Qual a estrutura que liga o caranguejo do mar à lagosta e a orquídea à primula? E o que os liga, eles quatro, a mim? E o que me liga a vocês? E nós seis à ameba, por um lado, ao esquizofrênico que internamos, por outro lado? Qual a estrutura que “liga”, “coliga” o “espírito à natureza”, o mundo dos “vivos” ao mundo dos “mortos”? O que “liga” os homens aos anjos? <sup>10</sup>

Em estreita cooperação com Margaret Mead, de quem recebe uma riqueza metodológica e psicológica que vem robustecer sua vasta experiência epistemológica e teórica, estuda a questão da integração da cultura num trabalho de campo, na ilha de Bali, do qual resulta a obra *The Photographic analysis*. Trata-se de um ensaio original em seus métodos de pesquisa e de apresentação dos dados e dos processos de socialização cultural.

Ao lado de seus colegas psiquiatras e antropólogos, Bateson não somente delineou os parâmetros de uma *Nova Comunicação*, mas soube plantar os alicerces de uma *Antropologia da Comunicação* e de uma *Epistemologia da Comunicação*. Vai ser ele o primeiro a inserir a cibernética às ciências sociais, ou seja, a aplicação do conceito cibernético da mente aos sistemas vivos. Por essa ousadia, Bateson se consagra em quase um mito.

---

<sup>10</sup> SAMAIN, Etienne. Gregory Bateson: Rumo A Uma Epistemologia Da Comunicação. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/samain1.htm> consultado em 20 de setembro de 2005

Bateson desperta dentro de nós um novo *estado do olhar* sobre uma leitura comunicacional do mundo social (dos seres vivos). Uma comunicação encarada não mais e apenas como ato individual, e sim como um fato cultural, uma *instituição* e um *sistema social*. Uma comunicação refletida não mais e apenas como uma telegrafia relacional, mas, sim como uma orquestração ritual, eminentemente sensível e sensual.<sup>11</sup>

Quem o descobriu foi o pesquisador belga Yves Winkin, ao realizar sua tese de doutorado na University of Pennsylvania, Annenberg School for Communication, cujo foco é precisamente a chamada Escola de Palo Alto. Nesta época (1976-1979), Winkin tem a oportunidade de entrevistar quase todos os membros da Escola (Bateson, Birdwhistell, Goffman, Hall, Jackson, Schefflen, Sigman, Watzlawick). Desta pesquisa resulta o livro publicado na França, em 1981, sob o título de *La nouvelle communication* e, traduzido no Brasil em 1988 pela Papyrus Editora: *A nova Comunicação*.

### O Colégio Invisível<sup>12</sup>

Um grupo oriundo de pesquisas e estudos diferenciados, com conhecimento do *corpus* de estudos (*cibernética*) de Norbert Wiener, vêm, em seus calorosos debates, provocar um cruzamento de idéias e experimentos sobre a hipótese de uma comunicação de duplo vínculo: o da *retroação positiva* (o crescimento das divergências) e o da *retroação negativa* (a convergência para uma meta) fazendo analogias entre homens e máquinas. Winkin extrai da obra de Paul Watzlawick, Janet H. Beavin e Don Jackson, *Pragmatics of human communication*, a visão de comunicação que caracteriza todos os membros do colégio invisível: “A essência de nossa mensagem ao leitor é que a comunicação é a matriz em que estão engastadas todas as atividades humanas”<sup>13</sup>. Bateson realiza uma série de estudos sobre a natureza de relações entre os animais para captar as possíveis diferenças entre jogos lúdicos e jogos de combate. Após um persistente trabalho com um grupo de lontras, Bateson conclui: *elas se*

<sup>11</sup> Idem, <http://www.uff.br/mestcii/samain1.htm>

<sup>12</sup> Um leque de pesquisadores forma, desde 1950, um colégio invisível ao redor de Palo Alto e Filadélfia, pelo compartilhamento de diferentes pesquisas teóricas e empíricas, alinhados num mesmo objetivo, mesmo estando fisicamente separados.

<sup>13</sup> WINKIN, Yves. *A nova comunicação*. Campinas/SP. Papyrus Editora, 1998, p. 44-45

*comunicam sobre suas comunicações, elas 'metacomunicam'. Ou ainda, elas usam aspas, elas enquadram suas mensagens*<sup>14</sup>. Os estudos prosseguem com diferentes experimentos até a descoberta de que o duplo vínculo é um princípio abstrato aplicável a tantos outros fenômenos e gerador de múltiplos fenômenos criativos.

A este primeiro grupo junta-se uma nova geração, localizada ao redor da Filadélfia, cujo maior representante é o antropólogo Ray Birdwhistell. Professor na Universidade de Toronto, Birdwhistell acaba fascinando, com suas teorias, um de seus brilhantes alunos, Erving Goffman, com o qual compartilha os ensinamentos dos mesmos mestres sobre o comportamento humano na integração com a cultura.

Bailarino e ator na sua primeira juventude, Birdwhistell preocupa-se em explorar como se articula a relação do corpo com a sociedade. É neste interesse que vê suas idéias se cruzarem com as de Bateson. Mais tarde, em colaboração com Edward T. Hall, Birdwhistell é convidado a aplicar os princípios da lingüística à gestualidade do corpo, trabalho que se baseia na hipótese de uma seleção cultural de algumas posições corporais dentre as múltiplas que o corpo em movimento pode produzir.

Das teorias de Birdwhistell interessa-nos ainda salientar ser ele o primeiro a ver os sistemas da linguagem e da gestualidade intrinsecamente ligados um ao outro e procurar entender como é construído o código da interação social. Convidado a compor uma equipe de psiquiatras e lingüistas no centro de estudos avançados em Palo Alto, Birdwhistell, por sua vez, convida Bateson a integrar-se a essa equipe e apresentar seus estudos sobre o duplo vínculo.

Na ocasião, Bateson apresenta uma série de filmes sobre o comportamento de famílias em que um dos membros faz tratamento psiquiátrico, e a equipe se debruça sobre a análise de algumas seqüências dos filmes. É nesse período que Birdwhistell confronta suas idéias com as de Bateson e de outros pesquisadores eminentes. Depois desta experiência, Birdwhistell reúne-se com Albert Scheflen

---

<sup>14</sup> idem p. 45

na Filadélfia e juntos vão trabalhar vários projetos de pesquisa, em que Scheflen contribui com o novo método sobre a *análise contextual*<sup>15</sup>.

Deste trabalho conjunto resulta uma conclusão partilhada por todos: a comunicação é um processo de natureza essencialmente sistêmica na qual os interlocutores participam, pressupondo uma sintonia interacional à comunicação, enquanto o sistema tem prioridade sobre o sujeito que nela se inscreve.

Ao trabalho em curso junta-se uma terceira geração de pesquisadores sobre a comunicação, destacando-se, entre eles, Stuart Sigman, um dos líderes da chamada abordagem *social* da comunicação, que, como descreve Winkin:

(...) se caracteriza por sua insistência na necessidade de uma aliança entre pesquisa conceitual sobre a comunicação e trabalho etnográfico.<sup>16</sup>

Dentre os membros do Colégio, Winkin destaca ainda Goffman, que entra no grupo de Mead e Bateson, tem contato com Hall e Scheflen e crê, à semelhança de todos os seus colegas, que o comportamento se rege por códigos e regras e que lhe é o fundamento de um sistema geral de comunicação; a partilha invisível orquestra a interação, e Goffman pensa essas regras como determinantes da interação dos indivíduos. Essa *Nova Comunicação* processa-se com a virtualidade, marca expressiva de nosso tempo.

### 3.2 A interatividade virtual

A contribuição da escola de Palo Alto, com a idéia de comunicação como processo social que integra múltiplos modos de comportamento - a fala, o gesto, o olhar, o espaço interindividual -, interessa ao nosso estudo por se constituir a base de estudos sobre a interatividade virtual nos processos comunicativos.

É ponto pacífico o fato de que o termo interatividade possui uma infinidade de enfoques e perspectivas. No entanto, a riqueza de estudos e análises sobre o

---

<sup>15</sup> As unidades de um dado nível são integradas ao mesmo tempo horizontalmente, numa 'síntese diacrônica' ou processual, e verticalmente, numa 'síntese sincrônica' de unidades cada vez mais amplas. Cada unidade só tem significação neste *duplo contexto* Cf. *Ibidem*, p. 85.

<sup>16</sup> Etnografia, segundo Winkin, é uma arte, uma disciplina científica que consiste em primeiro lugar em saber ver (...) que exige saber estar com (...) e que se saiba escrever. *Op.cit.* p. 88

tema não é suficiente para dirimir os impasses e confusões que o termo vem gerando. De acordo com a passagem abaixo:

Mesmo que muito se tenha falado e escrito sobre as chamadas novas tecnologias de comunicação, ainda se está longe de qualquer certeza. Abundam textos sobre *interatividade*, mas persiste a confusão em torno do tema.<sup>17</sup>

Um fio condutor, entre os vários possíveis para se pensar sobre o amálgama conceitual a respeito da interatividade, é o desdobramento que o conceito adquiriu no interior das teorias da comunicação. O esquema clássico da comunicação, aqui já assinalado, o E-M-R, é um passo fundamental para os investimentos no aspecto interativo. De acordo com Ferreira:

(...) Como se sabe, Brecht já defendia, nos anos 30, que a radiodifusão deveria se transformar de aparelho de **distribuição** em aparelho de **comunicação**. Na década de 1970, Enzensberger advogava pela possibilidade de **influência recíproca** entre emissores e receptores na comunicação mediada.<sup>18</sup>

Nos embates que se sucederam em boa parte do século XX a respeito dos caminhos da comunicação, marcaram presença no rol das preocupações entre os pesquisadores aspectos como linearidade, mão única e comunicação vertical. Um sem-número de estudos e pesquisas realça a potência interativa da comunicação em seus diversos meios e veículos. As discussões sobre a mudança de poder apostam, de certa forma, nessa premissa. A comunicação mediada, segundo essa perspectiva, teria que dar voz a todos os envolvidos no seu processo. Para Ferreira, a defesa de Brecht para que “o ouvinte não se limitasse a escutar, mas também falasse, não ficasse isolado, mas relacionado” parecia que ganharia mais força com a chegada do computador. Contudo, o que mais se salienta hoje é a interação homem-máquina e a usabilidade das interfaces.

---

<sup>17</sup> PRIMO, Alex Fernando T. *Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo*. Texto apresentado ao Intercom, Recife, 1998.

<sup>18</sup> FERREIRA, Sérgio. *Interatividade baseada nas tecnologias digitais em ambientes presenciais*. Disponível em: [www.bibli.fae.unicamp.br/getic](http://www.bibli.fae.unicamp.br/getic). Consultado em 03 de outubro de 2005

Na trilha histórica da comunicação, como já tivemos oportunidade de ver, o paradigma do processo da comunicação no bojo da teoria da informação<sup>19</sup> era compreendido como um fluxo linear, de mão única. Da teoria da informação para teoria da comunicação, esse modelo passou a dar ênfase à *interação*. Na teoria da informação, importa a transmissão linear e consecutiva das informações, o papel do emissor enquanto fonte de todo o processo; já na teoria da comunicação, a tônica recai sobre a dinamicidade do processo e a valorização de todos os participantes.

Berlo pode ser evocado como outro teórico preocupado com a interação. Para ele, existe uma relação de interdependência na comunicação, onde cada sujeito depende do outro, e que varia de contexto para contexto. Este autor já joga algumas luzes sobre a abrangência do termo, pois para ele interação não é apenas ação e reação<sup>20</sup>.

A chamada escola do *Interacionismo Simbólico* vem na esteira dessas discussões, pois, segundo essa corrente, a linguagem<sup>21</sup> é um mecanismo básico que culmina na mente e no eu do indivíduo; a mente, o eu e a sociedade são processos de interação pessoal e interpessoal; os comportamentos são *construídos* pela pessoa *durante* o curso da ação.

De acordo com Primo, uma obra clássica que contribui para o estudo da interação é a *Pragmática da comunicação humana*, de Watzlawick, Beavin e Jackson. Os estudos pragmáticos pretendem investigar a relação *entre* os interagentes, mediada pela comunicação. A pragmática da comunicação valoriza a relação interdependente do indivíduo com seu meio e com seus pares, em que cada comportamento individual é afetado pelo comportamento dos outros<sup>22</sup>.

Embora exista um patrimônio de estudos que desde sempre destacaram a interatividade como característica marcante, existe, atualmente, um relativo consenso de associar interatividade com o potencial multimídia do computador. O tecnicismo parece ser o definidor do que vem a ser interatividade. Existem,

---

<sup>19</sup> Shannon e Weaver, 1962.

<sup>20</sup> Berlo, David. *O processo da comunicação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

<sup>21</sup> A linguagem é, antes de tudo, a instituição que funda as relações sociais.

<sup>22</sup> PRIMO, Alex Fernando T. *Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo*. Texto apresentado ao Intercom, Recife, 1998.

segundo Ferreira, alguns aspectos e dimensões associados à interatividade que a definem em termos de *hardware*: bidirecionalidade, resposta rápida do sistema, largura de banda, *feedback*, operações transparentes (que ocorrem sem obstruir o uso do sistema), inteligência artificial, entre outros<sup>23</sup>.

Não é raro encontrar-se referências à **bidirecionalidade** como característica fundamental da *interatividade*. No entanto, interação não se confunde com interatividade. Para Lemos,<sup>24</sup> interatividade é um caso específico de interação, a interatividade digital, compreendida como um tipo de relação tecno-social, ou seja, como um diálogo entre homem e máquina, através de interfaces gráficas, em tempo real. Entretanto, para Lévy 'a interatividade assinala muito mais um problema, a necessidade de um novo trabalho de observação, de concepção e de avaliação dos modos de comunicação, do que uma característica simples e unívoca atribuível a um sistema específico',<sup>25</sup> não se limitando, portanto, às tecnologias digitais.

Em face da preponderância das tecnologias virtuais, impõe-se uma indagação. Interatividade seria correlata de interação? Para alguns estudiosos, sim. Já para outros, interatividade significa simplesmente uma *troca*, um conceito muito superficial para todo o campo de significação que abrange, o que tem contribuído para que o termo seja usado em larga escala e, na maioria das vezes, de forma difusa. Os programas de TV em que os espectadores podem escolher entre duas ou três opções previamente definidas podem ser utilizados como exemplos, pois embora sejam apresentados como interatividade, alguns autores definem como reatividade<sup>26</sup>, uma vez que nada mais resta ao espectador senão reagir aos estímulos a partir das alternativas que lhe são oferecidas. Interatividade, sob esse ponto de vista, não está relacionada com a participação efetiva do outro, pois:

Se antes participação rimava com discussão, hoje participar rima com apontar-clicar. Nesse cenário, quanto mais "clicável" é um *site*, mais interativo ele será considerado, mesmo que todas as

---

<sup>23</sup> FERREIRA, Sérgio. Disponível em: [www.bibli.fae.unicamp.br/getic](http://www.bibli.fae.unicamp.br/getic)

<sup>24</sup> LEMOS, André. *Anjos interativos e retribalização do mundo*. Sobre interatividade e interfaces digitais. <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html>. disponível em julho de 2004.

<sup>25</sup> LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

<sup>26</sup> Machado, 1990.



reações dos *links* e botões já estejam determinados na programação.<sup>27</sup>

De acordo com Primo, Sfez tece críticas contundentes em relação a isso. Ele assevera que a *interatividade* cria apenas uma ilusão de expressão. O espetáculo midiático nos faz crentes dessa ilusão:

Mesmo que o emissor esteja longe, mediado pela eletrônica, já não se percebe mais uma sensação de artificialidade, senão a impressão de uma espontaneidade natural. A essa confusão, o autor dá o nome de “**tautismo**” (neologismo que combina tautologia, autismo e totalitarismo). A comunicação passa a ser uma repetição do mesmo: tautologia. O sujeito é morto ou surdo, encerrado em si mesmo: autismo. Ele é captado por um Todo, que o engloba e dissolve: totalitarismo.<sup>28</sup>

Para Sfez, a *interatividade* nesses moldes é artifício para venda, para o mercado. A falta do humano na definição do que seja interatividade é uma preocupação crescente, pois o que parece interessar na maioria dos casos é a sofisticação dos bancos de dados como símbolo máximo da interação em ambientes informáticos. Ora, se o que está em jogo são a comunicação (a ação compartilhada) e a interação (a ação entre) mediada, por que tantos estudos da interatividade se esquecem de tratar do diálogo mediado pelo computador? Quando o fazem, tratam do tema de forma metafórica: a máquina *dialogando* com o internauta.<sup>29</sup>

Tal situação se configura num paradoxo, pois a livre circulação de idéias, a cooperação, o debate ficam condicionados às linguagens de programação e aos *sites* ditos dinâmicos (que automaticamente preenchem as páginas com informações fornecidas por um banco de dados). Esta é uma questão aberta dentro da conceituação da interatividade que se tornou um dos pivôs dos estudos da virtualização tecnológica.

Primo destaca, ainda, o conceito de negociação como outro ponto importante que surgiu a partir dos estudos sobre a questão da interatividade como

---

<sup>27</sup> PRIMO, Alex Fernando T. *Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo*. Texto apresentado ao Intercom, Recife, 1998.

<sup>28</sup> Sfez apud Primo, .

<sup>29</sup> Id. Ibid.

meio de intercâmbio necessário entre emissor e receptor nos processos de comunicação.

A negociação é um processo de comunicação para a resolução de diferenças. As resoluções desses processos de negociação vão definindo a relação. (...) As *ofertas* colocadas na negociação não definem por si só a relação. Essa definição surge da qualidade da sincronização e reciprocidade na interação. Finalmente, nem sempre esses processos de negociação culminam com uma maior aproximação. Eles envolvem cooperação e competição; comunhão, diversidade e individualismo; integração e desintegração. Além disso, não se pode dizer que relações mais duradouras, que envolvem maior compromisso, alcancem um estágio final de desenvolvimento, à medida que estão continuamente em negociação e renegociação.<sup>30</sup>

A sofisticação das máquinas de comunicar vem substituindo, em muitas tarefas, a inteligência humana, especialmente na *web*, onde a convivência do homem com a máquina se torna cada vez mais complexa e corriqueira.

O sucesso alcançado na idealização e fabricação de equipamentos capazes de desenvolver tarefas cada vez mais complexas, substituindo a inteligência natural pela inteligência artificial, tem contribuído com a disseminação da idéia de que o futuro da humanidade seja um mundo virtual, ainda que este mundo não esteja ao alcance de todos.

Esta corrente de pensamento é abraçada por alguns pesquisadores, que vêm com otimismo a ascensão da técnica na parceria com o homem, e é questionada por outra corrente crítica, que vê essa hipótese como catastrófica e desumana. Polaridade que pode ser associada aos “apocalípticos e integrados”<sup>31</sup>, de Umberto Eco. Pesquisando no terreno movediço do ciberespaço, os novos cientistas não discutem mais a cultura de massa, e sim, as transformações e implicações da tecnologia digital.

---

<sup>30</sup> PRIMO, Alex Fernando T. *Interação mútua e interação reativa*: uma proposta de estudo. Texto apresentado ao Intercom, Recife, 1998.

<sup>31</sup> ECO, Umberto – *Apocalípticos e Integrados* – Coleção Debates, São Paulo: Editora Perspectiva, 1970<sup>31</sup> Expressão originalmente usada em "Neuromancer," uma novela de William Gibson, sobre "direct brain-computer networking", referindo-se ao domínio da comunicação auxiliada por computador. Espaço cibernético, o mundo virtual cuja porta de entrada é a rede Internet.

## Apocalípticos e integrados do “ciberespaço”<sup>32</sup>

O termo ciberespaço aparece cotidianamente na imprensa e nos debates sobre a nova cultura midiática. Entretanto, nada fácil de definir ou simplesmente de compreender. Lúcia Santaella revisita esse conceito em vários autores e fica com a interrogação de **Benedikt**:

Onde está o Ciberespaço? Não há uma resposta fácil para essa pergunta (...). De que se constitui isso que existe num lugar sem lugar e que é, ao mesmo tempo, uma miríade de lugares? Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração e acesso. Nessa realidade, na qual cada computador é uma janela, os objetos vistos e ouvidos não são nem físicos nem, necessariamente, representações de objetos físicos, mas têm a forma, o caráter e a ação de dados, informação pura. É certamente uma realidade que deriva em parte do funcionamento do mundo natural, físico, mas que se constitui em tráfego de informação produzida pelos empreendimentos humanos em todas as áreas: arte, ciência, negócios e cultura” (**Benedikt**, 1993:116).<sup>33</sup>

Próximo a esta concepção está Pierre Lévy<sup>34</sup> ao afirmar que ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão dos computadores e das memórias dos computadores. É o lugar onde estamos quando entramos num ambiente virtual (realidade virtual), e ao (em) conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta. É um espaço imaginário, intermediário, que nos conecta à realidade sem, contudo, constituir-se numa realidade física concreta. É elemento fundamental da cultura contemporânea.

Dentre os mais influentes estudiosos da tecnociência, da cibercultura e da filosofia da inteligência coletiva<sup>35</sup>, o mais aplaudido parece ser Pierre Lévy.

---

<sup>32</sup> Expressão originalmente usada em "Neuromancer," uma novela de William Gibson, sobre "direct brain-computer networking", referindo-se ao domínio da comunicação auxiliada por computador. Espaço cibernético, o mundo virtual cuja porta de entrada é a rede Internet.

<sup>33</sup> SANTAELLA, Lúcia, *Navegar no ciberespaço*. São Paulo: Editora Paulus, 2004, p. 40

<sup>34</sup> Filósofo, sociólogo e historiador, nascido na Tunísia (1956) e formado na França, Lévy é professor da Universidade de Paris VIII (departamento de hipermídia). Titular da cadeira de pesquisa em inteligência coletiva da Universidade de Ottawa e membro da Sociedade Real do Canadá (Academia Canadense de Ciências e Humanidades). De suas publicações traduzidas para o português, destacamos: *O que é virtual? As técnicas da inteligência e Cibercultura*.

<sup>35</sup> "Esse é um movimento que se iniciou no domínio científico, pois foi a comunidade científica que inventou a Internet e que se serviu primeiro dela para trocas de idéias, cooperações, etc. Podemos dizer que ela [a comunidade científica] é uma das mais antigas praticantes da inteligência coletiva com suas jornadas científicas, seminários, colóquios, onde cada um comenta o que faz e todos

Otimista em relação às Novas Tecnologias, em seus escritos e palestras, Lévy preocupa-se em ressaltar os benefícios que a revolução tecnológica traz para a vida moderna, defendendo a idéia de que as invenções eletrônicas já permitem ao homem viver uma realidade virtual<sup>36</sup>. No campo da comunicação, o filósofo francês vê uma diferença fundamental na rede mundial de computadores: ao contrário da tevê, rádio e mídia impressa – que realiza a comunicação de um para muitos, e do telefone (um para um), a Internet possibilita a comunicação de muitos para muitos. Isto proporcionaria o compartilhamento e a transmissão de uma memória social, gerando assim a já citada inteligência coletiva.

Lévy defende ainda que não se deve temer a comercialização da Internet, mas sim encontrar maneiras de preservar dentro dela as comunidades de troca de informação desinteressada. Lembra que a inteligência coletiva é discutida no mundo inteiro e uma das pioneiras é a comunidade científica, que é destacadamente responsável pela criação e desenvolvimento da Internet.

São inúmeras as contribuições de Lévy no campo da interatividade, da virtualização, da supremacia tecnológica e da construção de novas subjetividades. Temas abordados pelo autor abrangem um leque de diferentes enfoques, científicos, históricos, políticos e técnicos. Nosso interesse é destacar, apenas, que esse pensador é um dos renomados representantes de uma corrente que diverge da crítica apocalíptica. Como ele mesmo questiona ao comentar a compreensão de outros pesquisadores:

Deve-se temer uma desrealização geral? Uma espécie de desaparecimento universal, como sugere Jean Baudrillard? Estamos ameaçados por um apocalipse cultural? Por uma aterrorizante implosão do espaço-tempo, como Paul Virilio anuncia há vários anos? Este livro defende uma hipótese diferente, não catastrofista: entre as evoluções culturais em andamento nesta virada do terceiro milênio - e apesar de seus inegáveis aspectos sombrios e terríveis -, exprime-se uma busca de hominização.<sup>37</sup>

---

tentam construir juntos um saber comum, ao mesmo tempo em que têm liberdade de propor teorias diferentes”. Levy, em palestra proferida no SESC Vila Mariana, em SP.

<sup>36</sup> Virtual, aqui, é considerado uma força potencial, em constante criação.

<sup>37</sup> LEVY, Pierre, *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 2001, p. 11

O posicionamento cauteloso de Lévy torna claro que, para o autor, a virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra. Ela se apresenta como o movimento mesmo do *devenir outro* – heterogênesse – do humano.

Na Europa, algumas vozes têm se levantado para se contrapor às idéias consideradas delirantes, como as de Lévy. Paul Virilio e Jean Baudrillard - cujas idéias a respeito do virtual parecem encontrar eco – são as vozes que mais contrastam com a vertente defendida por Lévy, na medida em que enfatizam muito mais os *limites* e *perigos*, do que as *benesses* presentes no movimento geral de virtualização.

Paul Virilio<sup>38</sup> é o que mais tenta discutir os aspectos negativos que o progresso tecnológico traz para a maioria dos habitantes deste planeta e para a natureza. Ao lado de Baudrillard<sup>39</sup>, Paul Virilio é considerado o mais pessimista. No pensamento deste pesquisador, também, atravessa um conjunto de enfoques: espaço, tempo, velocidade, imagem, política, ciberespaço, acidente, desrealização; temas analisados por uma ótica acentuadamente apocalíptica que o torna um crítico entusiasta da virtualização.

Entre outros pensadores que tecem considerações a respeito da relação homem-máquina como combinação de elementos na qual há um investimento de perdas e ganhos, os nomes de Manuel Castells e Nicolas Negroponte<sup>40</sup> nos parece serem mais moderados do que catastróficos.

Imersos nesta cisura entre as fronteiras do real e do virtual, das relações homem-máquina, não é nosso propósito elucidar o processo em questão, mas apenas apontar para um discurso que contém crises e oportunidades e para uma

---

<sup>38</sup> Paul Virilio nasceu em Paris em 1932, de pai italiano refugiado político e mãe bretã. Arquiteto, urbanista, filósofo, ex-diretor da Escola de Arquitetura de Paris, especialista em questões estratégicas, tem se destacado como um dos principais ensaístas sobre os meios de comunicação, a "guerra da informação" e o mundo cibernético. Nos últimos anos, Paul Virilio vem se notabilizando como uma voz cética, quase uma nova dissidência, frente a uma sociedade desenfreadamente informatizada e em que o cidadão é vítima de um constante bombardeio (des)informativo.

<sup>39</sup> Baudrillard alerta para os perigos das novas tecnologias da informação, que podem proporcionar o fim da cultura, das artes, etc.

<sup>40</sup> Nicolas Negroponte é um dos gurus da nova sociedade virtual, professor do respeitado MIT (Massachusetts Institut of Technology), e tenta explicar a importância do novo espaço virtual (ciberespaço) na nossa vida cotidiana.

outra vertente de grande influência na América Latina e no Brasil: os Estudos de Recepção.

### 3.3 O foco sobre o receptor

Segundo pesquisadores como Lévy, Primo, Machado e outros, dentro do sistema de hipermídia<sup>41</sup>, a interatividade confere ao receptor o poder de escolha e a permissão para navegar pela informação. Nesse sentido, o receptor atua como co-autor de uma obra aberta, criando condições efetivas para o estabelecimento de uma comunicação interpessoal, negociada e redistribuída.

Interatividade implica, em primeiro lugar, reversibilidade das posições relativas de um “autor” e de um “usuário”, reconsideração da hierarquia de competências na relação homem-máquina (...). Longe de ser uma mera facilidade técnica, resolvida com um apertar de botões, a interatividade é uma promessa e uma utopia que as atuais sociedades tecnológicas estão ainda longe de fazer acontecer com todas as suas conseqüências.<sup>42</sup>

A mudança de paradigma que tiveram os estudos de comunicação, centrando-se sobre a figura do receptor e nos mecanismos simbólicos envolvidos no ato da recepção, na década de 70, ganha outros contornos. A complexidade atual da vida em sociedade e a revolução promovida pelas tecnologias de informação e da comunicação transformam o perfil dos receptores da comunicação midiática. O problema da recepção, já antes aflorado na teoria da indústria da cultura, merece uma consideração mais detalhada dada a sua importância no percurso de nossa pesquisa. Desta forma, o resgate do campo da comunicação como espaço de produção de sentido estaria atrelado a estudos e análises de novas experiências sobre a produção e recepção de mensagens aí veiculadas e dos atores envolvidos. Este pressuposto é especialmente útil para as nossas análises.

---

<sup>41</sup> Método de mostrar informações em unidades discretas, ou nós, que são conectadas por links. Usa-se uma variedade de métodos: textos, gráficos, áudio, vídeo, animação, imagens, documentação executável, etc.

<sup>42</sup> MACHADO, Arlindo - in: <http://www.ilhabrasil.net/texto.php?id=163> - *Alcance e Limites da Cultura da Interatividade*. Consultado em 10 de novembro de 2005

Ao abordar o assunto da migração para a era digital, Lorenzo Vilches<sup>43</sup> indica que no século XXI tem início uma nova ordem social e cultural que obrigará uma revisão nas teorias da recepção e da mediação. Para o autor, surge no bojo dessa ordem uma nova comunicação, com receptores e usuários que são menos dependentes da cultura tradicional e muito mais dependentes das relações interpessoais geradas na rede. Em síntese, nasce na era da comunicação global “uma nova raça de transumantes da comunicação”, que não se caracteriza pelo espectador passivo nem pelos usuários totalmente interativos<sup>44</sup>.

No começo do livro, o autor mostra a existência de duas versões sobre o desenvolvimento econômico e tecnológico da nossa sociedade: 1) a otimista e utópica, que prevê uma sociedade mais igualitária e livre; 2) a crítica radical. Trabalhando vários temas (tecnologia, linguagem, conhecimento, recepção e audiências, imagem), ele analisa os prós e contras da migração do analógico para o digital. Em seu livro, podemos nos aproximar de sua perplexidade logo na segunda página do texto:

*(...) somos todos emigrantes de uma nova economia criada pelas tecnologias do conhecimento, que supõe o deslocamento para um planeta altamente tecnificado. A indústria das tecnologias da informação está tornando possível um movimento contínuo de produtores e consumidores em direção a novas formas de comércio e de transações.*<sup>45</sup>

Um outro nome que lança luz sobre o desenvolvimento dos estudos de recepção é o do pesquisador internacionalmente consagrado Jesús Martín-Barbero<sup>46</sup>. As características marcantes na obra de Martín-Barbero estão mais vinculadas aos estudos culturais do que propriamente às pesquisas da cibercultura. No entanto, no livro *Dos meios às mediações*, que o consagrou, Martín-Barbero consegue liberar a comunicação estritamente ligada aos meios, para percebê-la no espaço da cultura, podendo assim dizer que as mediações

---

<sup>43</sup> VILCHES, Lorenzo é diretor do Master de Escritura para *cine y televisión* e docente da Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha. Interessa-nos o pensamento deste pesquisador por termos participado do seminário: **Imagem, Tecnologia e Sociedade**, na ECA/USP-2003.

<sup>44</sup> VILCHES, Lorenzo. *A migração digital*. São Paulo: Ed. PUC/Rio/Loyola, 2003, p. 37

<sup>45</sup> idem p. 10

<sup>46</sup> BARBERO Jesús Martín é um teórico colombiano, pesquisador da Comunicação e Cultura e um dos expoentes nos Estudos Culturais contemporâneos. É autor do livro *Dos Meios às Mediações* e professor do Departamento de Estudios Socioculturales, em Guadalajara, no México.

culturais se constituem num modelo de compreensão das relações entre cultura e meios de comunicação dentro da pesquisa da recepção.

Os estudos de recepção partem do pressuposto de que esta instância do processo comunicacional não pode ser vista como um objeto, mas como um lugar novo, onde o fluxo de mensagens e o envolvimento dos atores devem ser repensados em interação à cultura em que se inscrevem. Martin-Barbero propõe um mergulho nos modos de produção cultural que não vêm do centro, mas naqueles que tem na população sua esfera produtiva. O sujeito, aqui, é reposicionado no seio da cultura e da produção de sentido<sup>47</sup>.

O pensamento de Martin-Barbero sobre a imersão na cultura coincide com o pensamento sobre as transmissões culturais de Mikhail Bakhtin<sup>48</sup>. O sujeito está conectado, imerso ao aparato tecnológico. A relação entre autor, obra e recepção dá-se no âmbito da construção entre as partes.

Bakhtin esclarece que a primeira condição da intertextualidade é que as obras se dêem por inacabadas, que solicitem e permitam ser prosseguidas. O *inacabamento de princípio* e a *abertura dialógica* são sinônimos. E o desenvolvimento dos estudos de recepção parece compreender este novo e abrangente olhar sobre o receptor, as mediações culturais, as interações mediadas simbolicamente ou lingüisticamente e o lugar dos interlocutores.

Na era digital torna-se necessário compreender esses conceitos dentro do espaço social gerado por esta sociedade: o *ciberespaço*. É neste lugar, proporcionado pela comunicação em rede, que surgem os *ciberlugares*, os *territórios digitais*, as *comunidades virtuais*, lugares que abrigam tanto os sujeitos

---

<sup>47</sup> Por sentido, entendemos a produção ou os efeitos obtidos através da reflexão sobre determinado objeto ou realidade. O sentido não está, na realidade, de modo absolutizado, mas, ao contrário, se dá *sobre* ela e a partir de referenciais que este sujeito possui em sua trajetória de vida.

<sup>48</sup> Mikhail Bakhtin (1895-1975) é considerado um dos grandes pensadores do século XX. Nos últimos 25 anos, seus trabalhos têm gerado várias discussões e reformulações teóricas em diversas áreas como filosofia, ciências sociais, estudos lingüísticos e literários, artes e design. Formado em história e filologia pela Universidade de São Petesburgo, Bakhtin só conseguiu que suas obras realmente circulassem em seu país, ainda que de maneira lenta, depois de 1963. Antes disso, elas sofreram com a censura na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) durante quase 30 anos (1929 a 1963). Os trabalhos do pensador russo só começaram a chegar ao Ocidente por volta de 1968. Mas foi a partir dos anos 80 que os estudos “bakhtinianos” se espalharam pelo mundo.



simbólicos quanto os produtores de sentido na interconexão de fluxos, que pode se chamar de interatividade virtual.

As novas tecnologias comunicacionais exercem atualmente um papel determinante na dinâmica social enquanto instrumentos, técnicas que viabilizam essa interação entre produção e recepção. A propósito, essas duas esferas acabam se tornando flutuantes; a recepção pode ser produção e vice-versa. As noções de Bakhtin sobre emissor e destinatário apóiam a questão. Estabelece-se uma outra maneira de ver a esfera da recepção, não mais abordada apenas pela ótica da produção, mas como um campo tão falante e criativo quanto o primeiro. São dois universos de agentes que se unem para a negociação de sentido, mediada pela interface tecnológica.

No nosso entender, os dois campos – produção/recepção – constituem o grande cenário em que se entrelaçam micro e macro fluxos de interações. Isso significa que tanto no campo da oferta quanto no campo do usuário se encontram competências tais como: *poder, saber e dizer*<sup>49</sup>, resultantes de discursos e experiências de cada um. Por serem campos heterogêneos, podem gerar tensões que serão equilibradas mediante a negociação.

Embora Martin-Barbero use o termo *receptor*, ele o concebe como sujeito que interage num campo em que os processos de emissão e de recepção estruturam-se de modo relacional, não gozando, nenhum deles, de hegemonia sobre o outro, conceitos que assinalam para um entendimento de cultura, como um campo de disputas e conflitos acerca do sentido, isto é, a cultura tanto é uma arena do consentimento quanto da resistência:

*O desordenamento cultural que atravessamos se deve, em grande medida, ao entrelaçamento cada dia mais denso entre os modos de simbolização e ritualização do laço social com os modos de operar dos fluxos audiovisuais e das redes comunicacionais. O estouro das fronteiras espaciais e temporais que eles introduzem no campo cultural deslocaliza os saberes, deslegitimando as fronteiras entre razão e imaginação, saber especializado e experiência profana. O que modifica tanto o estatuto epistemológico como institucional das condições de*

---

<sup>49</sup> Esse conceito de poder é tratado aqui a partir da visão de Michael Foucault, o qual entende o poder como uma ação produtiva sobre outras ações - não como uma propriedade, uma sanção negativa, mas como uma estratégia das redes de relações sempre tensas, sempre em atividade.

*saber e das figuras de razão em sua conexão com as novas formas do sentir e as novas figuras da sociabilidade.*<sup>50</sup>

Tendo estabelecido a base dos Estudos de Recepção e tendo aproximado a figura do pesquisador colombiano, um dos nomes que mais contribuiu para o desenvolvimento da escola latino-americana, nos propomos a delinear os traços históricos e conceituais do pensamento comunicacional de nosso continente.

### 3.4 O foco sobre o espaço geográfico

Na América Latina, os projetos históricos de comunicação *popular* e *alternativa*, em busca de maior autonomia diante do poder hegemônico europeu e norte-americano, muito contribuíram para a elaboração de novas abordagens e fundamentação teórica de práticas significativas no campo comunicacional latino-americano. O professor José Marques de Melo<sup>51</sup>, que inventariou uma história do pensamento comunicacional latino-americano, resume este primeiro momento:

Configuram-se as primeiras análises e reflexões sobre fenômenos típicos de difusão simbólica, numa conjuntura em que os intelectuais começam a despontar como vanguardas em nossas sociedades nacionais. Tais incursões assumiam o caráter de estudos ecléticos ou polivalentes, como, por exemplo, a problematização feita pelo brasileiro FERNANDES PINHEIRO, em 1856, sobre as estratégias evangelizadoras dos jesuítas. Trata-se de investigação pioneira sobre a natureza da comunicação intercultural, dimensionando a interação grupal-religiosa entre os missionários ibéricos e os nativos aldeados. Esse mesmo autor faria em 1859 a primeira incursão analítica no terreno da comunicação massiva, questionando a primazia lusitana na introdução da imprensa em território brasileiro, a partir de

---

<sup>50</sup> BARBERO J. Martín & REY Germán. *Os exercícios do ver - hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 18

<sup>51</sup> MARQUES DE MELO, José - Jornalista com preocupação no ensino da Comunicação nas universidades brasileiras. Iniciou sua carreira acadêmica em 1959, como jornalista, no interior de Alagoas. Em 1964, recebeu o diploma em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Em 65, fez pós-graduação em Ciências da Informação Coletiva, como bolsista da Unesco, em Quito (Equador). Depois, ingressou no doutorado da USP, onde após cinco anos de estudos, tornou-se o primeiro Doutor em Jornalismo do Brasil. Mediante a defesa da tese "Fatores sócio-culturais (socioculturais) que retardaram a implantação da imprensa no Brasil", recebeu o diploma em 1973. Desde esse tempo, vem combinando teoria – na vida acadêmica – com a prática profissional. Publicou mais de 20 livros, organizou coletâneas, conferiu palestras no Brasil e no exterior e hoje é professor emérito da Universidade de São Paulo (USP) e professor na Metodista (UMESP).

evidências documentais que conferiam tal protagonismo aos invasores holandeses do século XVIII. Se revisarmos a historiografia de cada um dos nossos países, vamos encontrar estudos semelhantes que resgatam, interpretam, decifram ações comunicacionais, observadas sob o ângulo puramente retórico ou sob os prismas educativo, religioso, lúdico, comercial, legal.<sup>52</sup>

Até meados do século XX nosso continente pauta-se sobre modelos importados para o ensino da comunicação. Somente a partir dos anos 50 forma-se o embrião de um núcleo de pensadores da comunicação agregados numa instituição pioneira: o CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina). Mas é somente na década de 70 que se estabelece uma teoria crítica sobre os conhecimentos existentes e se define com maior nitidez o campo da comunicação. O marco desta nova etapa é o Seminário de La Catalina (1973), promovido pelo CIESPAL. Conforme testemunha o prof. José Marques de Melo, na ocasião, os participantes incitam os pesquisadores da região a buscarem *novas aberturas teóricas e metodológicas* na tentativa de obter *resultados ainda mais satisfatórios, compatíveis com as necessidades da América Latina*<sup>53</sup>. A existência de pesquisadores e críticos identificados com a nova área de conhecimento motivou a fundação de uma entidade associativa, destinada a reunir os cientistas da comunicação dos diferentes países de nossa região. Em Caracas, 1978, fundava-se a ALAIC (Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação).

Às contribuições advindas desta primeira reflexão plural agregaram-se outros avanços teóricos e empíricos até quando se realizou o *I Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação*, na cidade de São Paulo, Brasil. Neste evento, forma-se a Escola de Pensamento para a formação de uma Comunidade Científica, ou seja, a ELACOM (*Escola Latino-Americana de Comunicação*).

A construção de campo simultânea à cooperação de pesquisadores, comunicadores e estratégias de comunicação popular ou alternativa vem

---

<sup>52</sup> Disponível em : [http://www.infoamerica.org/CritiCom/art\\_melo\\_01.htm](http://www.infoamerica.org/CritiCom/art_melo_01.htm) consultado em 13 de outubro de 2005.

<sup>53</sup> Cf. MELO, José Marques - História do pensamento comunicacional , São Paulo: Editora Paulus, 2003, p. 41

produzindo relevantes conjuntos de pensamentos, teorias, que abordam o objeto da comunicação sob novos olhares visando às características próprias de nossos povos.

Nesse terreno pedregoso da pesquisa, interpretação e sistematização dos processos comunicacionais latino-americanos, destacamos alguns nomes que marcam até o momento a comunidade de comunicólogos em nosso continente: Jesus-Martin Barbero e o processo de *mediação*; Guillermo Orozco Gomes e as múltiplas *mediações* ligadas ao *processo educativo*; Nestor Gracia Canclini e o conceito de consumo/*hibridismo cultural*; o sociólogo Otávio Ianni e o fenômeno da *globalização*.

A América Latina é um continente jovem, e a pesquisa no campo da comunicação tem apenas algumas décadas de garimpagem neste solo. Consideramos uma ousadia querer extrair teorias específicas e consolidadas desta árdua e curta missão intelectual. Porém, o diálogo com alguns intelectuais da área não deixa dúvidas de que há um mosaico de abordagens, olhares, perplexidades que caminham para a construção de teorias autóctones.

Deixamos o horizonte latino-americano aberto para o futuro ainda em construção, em que olhares convergentes e pontos de vista por vezes divergentes se entrecruzam, para pontuar, a seguir, algumas contribuições brasileiras na evolução da investigação científica.

### 3.5 Destaques no pensamento comunicacional brasileiro

Nosso país, em geral, tem acompanhado as etapas de pesquisa da América Latina, exceto durante o período da ditadura militar, para ressurgir na década de 80. A pesquisadora Maria Immaculata Vassallo Lopes periodiza, assim, a pesquisa da comunicação no contexto brasileiro: a década de 50 é caracterizada por pesquisas funcionalistas, baseadas em métodos quantitativos (*conteúdo, audiência, efeitos*); e a década de 60, por pesquisas funcionalistas baseadas em métodos comparativos e de estudos de comunidades, na linha da comunicação e desenvolvimento. Nos anos 60 começam aparecer os primeiros estudos sobre indústria cultural, baseados na Escola de Frankfurt. Na década de 70, a

abordagem é política - pesquisa crítica sobre a Indústria Cultural com temáticas da manipulação, dependência e transnacionalização. Na década de 80, continua a característica da politização das pesquisas sob a influência de Gramsci, e as temáticas sobre novas tecnologias, transnacionalização, cultura e comunicação popular<sup>54</sup>. É uma época em que as pesquisas funcionalistas continuam na tradição de William, Hogart, Hall e Thompsom, sobre aspectos da produção retomando a problemática do sujeito e vendo a comunicação social como o *lócus* onde se dá a construção de sentidos.

No cenário de abertura política, nasce no Brasil a INTERCOM<sup>55</sup>, entidade cujo empenho, nesse último quarto de século, muito contribuiu para uma comunicação mestiça, e que se mantém aberta a toda a comunidade científica, incentivando a formação de núcleos de pesquisa em diversas universidades brasileiras. O alto nível dos trabalhos apresentados na INTERCOM ao longo de 20 anos demonstra a relevância dos estudos de comunicação no Brasil.

A reflexão pluralista sobre a comunicação no Brasil parece-nos estar centralizada no eixo São Paulo/Rio/Porto Alegre com núcleos de representação que, num primeiro momento, Marques De Melo denomina *geração dos inovadores*, pondo em relevo três nomes: Décio Pignatari, Muniz Sodré e Sérgio Caparelli. Num segundo momento, percebemos as tendências abrigarem-se sob as grandes vertentes, cada qual com seus desdobramentos, que alimentam o pensar teórico da comunicação em nosso país: os Estudos de Recepção e Mediação, a Semiótica e a vertente culturológica, incluindo a cultura digital. É, particularmente, sobre esta última que nos concentramos.

---

<sup>54</sup> LOPES, M.I.V.- *Pesquisa em comunicação, formulação de um modelo metodológico* - São Paulo, Ed.Loyola, 1990, p. 43-44

<sup>55</sup> A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom - é uma associação científica sem fins lucrativos, fundada em São Paulo, a 12 de dezembro de 1977. Instituição de utilidade pública reconhecida pela Lei Municipal nº 28.135/89, participa da rede nacional de sociedades científicas capitaneada pela SPBC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Está integrada às redes internacionais de ciências da comunicação como entidade associada à ALAIC - *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación*, à IAMCR - *International Association for Mass Communication Research* e à IFCA - *International Federation of Mass Communication Associations*.

## **Considerações sobre as Novas Tecnologias**

A partir da década de 90, vemos o surgimento do computador pessoal (PC), da conexão de vários computadores a um servidor (Intranets) e da rede mundial de computadores, a Internet, que, com a popularização da World Wide Web (WWW), ganha grande espaço em nossas vidas.

O mundo atual requer de todos nós a capacidade de se comunicar com um número cada vez maior de pessoas, de processar dados e informações em maior quantidade e com mais velocidade. O crescente acesso aos meios de comunicação também possibilita que a produção e a emissão das informações sejam feitas por mais atores. Vemos o crescimento de sites, portais corporativos, blogs, comunidades virtuais, cyber-coffee, orkut, etc, formando uma sociedade em comunicação acelerada e versátil onde o processo de formação de opinião torna-se cada vez mais autônomo, difuso, complexo e sofisticado.

E é neste ponto que a Internet vem facilitar, de forma extraordinária, o aumento da diversificação dos pontos emissores de informação. Hoje, já se observa que o pluralismo, a diversidade de olhares mostram-se eficazes na forma de criar significados para uma geração que convive com o paradigma da comunicação em rede.

Diríamos que se tornou impossível controlar as possibilidades de criar, informar, comercializar, distribuir, opinar e interagir dos cidadãos. A interatividade que a rede traz leva às tecnologias de colaboração, de compartilhamento, de produção de conteúdo, que dispensam a mediação instrumentalista, de mão única. Questionam e desregulam os modelos piramidais da família, escola, igreja, desfazendo qualquer “topo” para reorganizar os núcleos em nós de conexão. A expectativa é de que o sistema de comunicação em rede seja propício para a construção de um laço de confiança, fundamental no intercâmbio de valores significativos para a jornada humana.

Após a década de 80, cujo debate foi em torno da democratização da comunicação, a pesquisa acadêmica no Brasil voltou-se para a questão da interatividade, com investigadores atentos e envolvidos nesta outra comunicação,

a comunicação em rede. Arlindo Machado<sup>56</sup>, Gilbertto Prado<sup>57</sup> e Cristina Costa<sup>58</sup> são citados como pesquisadores que partilham um pensamento positivo em relação a este universo digital. Machado, cujo olhar está focado sobre a “imagem”, ao ser entrevistado sobre a importância da imagem no mundo de hoje, responde:

Nós estamos entrando na fase das chamadas imagens inteligentes. Hoje, você é capaz de fotografar o que ainda não ocorreu, o que ainda pode ocorrer. Você pode criar fotografias hipotéticas a partir de fotografias reais e outras coisas. Este é, portanto, um momento de virada muito grande em relação ao papel da imagem em nossa cultura.

Continua a entrevista opinando sobre as mediações pelas telas:

O contato entre pessoas é cada vez mais mediado por uma série de máquinas, o telefone, o computador, que se interpõem entre indivíduos. As relações diretas são cada vez mais adiadas, não que não existam, afinal, as relações afetivas humanas nunca desaparecerão, mas como a vida está ficando cada vez mais complexa, difícil, acho que se adia a relação humana através dessas máquinas. Acho que há um fato legal nisso, que é o fato de manterem os homens conectados.<sup>59</sup>

Arlindo Machado, em seu discurso, deixa transparecer também uma visão determinada sobre o horizonte humano que a máquina não pode subtrair, quando assinala que: “Apesar de as máquinas estarem cada vez mais intermediando a vida da gente, ainda assim o horizonte é o outro ser humano”<sup>60</sup>.

A professora e pesquisadora Cristina Costa, especialista em narrativas ficcionais e também defensora da humanização da técnica, ao escrever sobre

---

<sup>56</sup> Arlindo machado é doutor em Comunicações e professor da Universidade de São Paulo (USP) e da Pontifícia Universidade Católica (PUC). Dentre os seus livros publicados, pode-se citar: *A ilusão espetacular* (1984), *A Arte do vídeo* (1987), *Máquina e imaginário* (1993), e *Vídeo Cuadernos* (1995).

<sup>57</sup> Gilbertto Prado é um dos artistas brasileiros mais atuantes no campo da arte mídia. Sua tese de doutorado defendida em 1994 na Universidade de Paris I, Panthéon Sorbone, que teve por tema as experimentações artísticas telemáticas, é uma das primeiras realizadas abordando essas questões.

<sup>58</sup> Cristina Costa é doutora em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e livre-docente em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA). Autora de diversos livros e criadora do site: [www.eca.usp.br/narrativas](http://www.eca.usp.br/narrativas)

<sup>59</sup> disponível in: <http://www.ilhabrasil.net/texto.php?id=163> consultado em 11 de novembro de 2005

<sup>60</sup> Idem

questões colocadas à comunicação humana com a emergência das mídias digitais, observa:

Temem alguns críticos que nesse jogo de espelhos que produz a ficção midiática o leitor/ouvinte possa se perder pelas veredas desse bosque e não encontrar a saída, nem distinguir suas fronteiras. Reconhecer a existência desse perigo é imaginar que este texto que aqui apresentamos seja um esforço hercúleo de entendimento, quando na verdade as análises que aqui desenvolvo são fruto de uma observação sistemática e de pesquisa empírica tanto dos textos midiáticos como de seu público. E o que pudemos observar é que o público se torna cada vez mais sagaz e familiarizado com as mídias e logo perde a ingenuidade.<sup>61</sup>

No entanto, como refere Manuel Castells na reedição do ano 2000 do primeiro volume da sua trilogia "A Sociedade em Rede"<sup>62</sup>, a comunicação mediada pela Internet é ainda um fenômeno social muito recente para que tenha sido dada a oportunidade aos investigadores para estabelecer conclusões firmes quanto ao seu caráter.

### **A humanização da técnica**

As mudanças não podem ser analisadas somente pelo viés tecnológico, como uma evolução do maquinário e do poder científico humano. A cibercultura, na verdade, é um dos desdobramentos da cultura contemporânea. No máximo podemos admitir uma relação dialógica. É necessário analisar possíveis mudanças que ocorrem na esfera pública e privada, devendo-se aceitar contribuições de abordagens alternativas que vão contra a idéia do determinismo tecnológico.

A própria ONU intitulou seu relatório do Desenvolvimento Humano, divulgado em julho de 2001, da seguinte maneira: "Fazer com que as novas tecnologias trabalhem para o desenvolvimento humano". A relevância do tema é comprovada quando a entidade estabeleceu nesta última edição um novo indicador para o Desenvolvimento Humano: o Índice de Avanço Tecnológico

---

<sup>61</sup> COSTA, Cristina. *FICÇÃO, COMUNICAÇÃO E MÍDIAS* – São Paulo: Editora Senac, 2001, p 108

<sup>62</sup> CASTELLS, Manuel - *A Sociedade em Rede*. São paulo; Paz e Terra, 2000, p. 382



(IAT)<sup>63</sup>. Ele foi criado para avaliar a disseminação das novas tecnologias e, sobretudo, o seu aproveitamento pela população.

Ainda que as novas tecnologias sejam impressionantes, nós não devemos esquecer que a tecnologia em si mesma não determina mudança, é apenas um facilitador desta mudança. Como com qualquer outra tecnologia, é o contexto social no qual estas tecnologias estão inseridas e, o mais importante, implementadas, que determina seus usos e impactos, 19 (UIMONEN, 1997)

À guisa de conclusão a respeito do recorte teórico sobre as divergências e os avanços no campo da pesquisa científica em comunicação, ficamos com Mattelart:

As visões contrastantes das problemáticas da comunicação e de seus atores tendem, neste contexto, a desaparecer do horizonte teórico.

(...) Nesse trajeto, certas questões sobre a relação entre intelectuais e a sociedade se apagaram. A crise das utopias e das alternativas atingiu a noção de trabalho crítico. Todos os que trabalham com a mídia encontram-se hoje afetados pelo positivismo administrativo, por esse novo utilitarismo estimulador da pesquisa de ferramentas epistemológicas que permitam a neutralização das tensões via soluções técnicas. Os saberes sobre comunicação não escapam a essa tendência.<sup>64</sup>

### 3.6 Dos meios à comunicação global: novo cruzamento com a Igreja

Na segunda metade do século XX, a Igreja já integrava em sua linguagem os conceitos de *progresso humano* e *evolução da humanidade*. O horizonte do progresso científico e técnico não lhe parece mais tão catastrófico. Num contexto de abertura, se torna mais concordata diante das problemáticas colocadas pela Sociedade Industrial. Por outro lado, esse progresso trouxe mudanças de mentalidade, introduzindo uma fase de *secularização* e, no tocante aos temas e compromissos cristãos, torna a sociedade particularmente impermeável à mensagem evangélica formulada no estilo *simbólico e escatológico* da teologia tomista.

---

<sup>63</sup> Quatro são os componentes que formam o IAT: criação e capacidade de inovação em novas tecnologias, difusão das mais recentes conquistas, difusão das tecnologias mais antigas (aquelas que tornaram possível os avanços tecnológicos - eletricidade e telefonia, por exemplo), e habilidade intelectual, ou seja, a taxa de escolaridade.

<sup>64</sup> MATTELART, Armand e Michèle – *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Editora Loyola, 1999, p. 185-186

Mesmo assim, o juízo severo que a Igreja teve no século anterior a respeito da imprensa e sucessivamente do cinema transforma-se em uma interpretação mais benevolente para com essas *técnicas* que entram no plano *dos dons de Deus*; envolvendo *o homem todo e todos os homens*, discurso eclesial que João Paulo II resgata por ocasião do 15º Dia Mundial das Comunicações Sociais:

Justamente Pio XII, de venerável memória, na encíclica *Miranda Prosus*, de 8 de setembro de 1957, falava desses *meios*, classificando-os de *maravilhosas invenções de que os nossos tempos se gloriam*, e vendo neles um *dom de Deus*. O decreto *Inter Mirifica* do Concílio Ecumênico Vaticano II, reforçando este conceito, sublinhava a possibilidade destes *meios* que, *pela sua natureza, estão em condições de atingir e mover não só indivíduos, mas multidões inteiras e toda a sociedade humana*.<sup>65</sup>

A instrução pastoral sobre os meios de comunicação social: “*Communio et Progressio*” resgata a afirmação de Paulo VI na encíclica *Eclesiam Suam* de 1964: “seria impossível, hoje em dia, cumprir o mandato de Cristo sem utilizar as facilidades oferecidas por estes meios que permitem levar a mensagem a um número muito superior de homens”<sup>66</sup>.

Em todos os pronunciamentos oficiais da Igreja os papas têm como tônica principal a preservação dos valores humanos e cristãos como a paz, a justiça, a solidariedade, a verdade, etc. Em 1973, Paulo VI dedica o 7º dia mundial das Comunicações com o tema: *As comunicações sociais e a afirmação dos valores espirituais*:

O homem, durante séculos, correu atrás do que é verdadeiro, bom e belo. Através desta busca ele se esforçou para chegar ao Absoluto e para exprimir uma relação com seu criador. Com resultados alternados, concomitantemente, perseguiu a justiça e a liberdade, a solidariedade social e o amor fraterno. O homem desejou ardentemente a paz no seu coração, na sua família e na comunidade. Estes e outros valores espirituais da humanidade constituem um patrimônio herdado através das gerações, como um tesouro comum a todos.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> DARIVA, Noemi (org). Comunicação social na Igreja – documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 343

<sup>66</sup> Idem p. 121

<sup>67</sup> Ibidem p. 310

Paulo VI não foi apenas um papa preocupado com a modernidade, mas um homem que traz em si as perplexidades do mundo moderno. Seus discursos são sempre permeados de admiração diante do progresso e de angústia diante do crescente secularismo que permeia a sociedade em que vive. Tem uma atitude contemplativa diante das conquistas do nosso tempo e do avanço das comunicações sociais. Vê o momento atual privilegiado para a afirmação e divulgação dos valores espirituais: “A divina Providência generosamente reservou à nossa época esta maravilha”. E exorta os católicos, especialmente aqueles empenhados na comunicação social, para uma ação positiva a fim de “comunicar em toda a sua plenitude os valores da mensagem vivificante de Cristo e fazer com que estas convicções ressoem no mundo com a voz da própria fé e com a Palavra de Deus”. Todos os que estiverem em condições de servir-se dos meios de comunicação social, em suas diversas manifestações, são convocados a cumprir esse dever, pois “a linguagem da imagem, da palavra impressa, das cores, da música, dos sons deve facilitar a difusão da mensagem de bondade, de beleza e de verdade.” Atesta que na medida em que os instrumentos de comunicação social afirmam e promovem os valores espirituais da humanidade, sempre empenhada na pesquisa, contribuem para preparar o dia de uma nova criação<sup>68</sup>.

A nosso ver, Paulo VI foi o papa que mais entendeu e perscrutou os meandros da comunicação. Em 1972, falando aos comunicadores sobre o serviço à verdade, compara o trabalho cuidadoso e responsável que deve ter o formador de opinião pública à íngreme tarefa da pesquisa científica, “pela seriedade e dedicação que exige no controle e na avaliação crítica das fontes, na fidelidade aos dados observados, e na sua transmissão integral”.<sup>69</sup>

Em 1977, por ocasião do 11º Dia Mundial das Comunicações Sociais, constata que a Igreja está contribuindo para sensibilizar a consciência dos usuários das comunicações – leitor, ouvinte e telespectador - na escolha de tudo o que lêem, escutam e vêem através destas novas janelas pelas quais nos envolvemos com o mundo. Chama atenção para a complexidade do fenômeno

---

<sup>68</sup> Idem p. 310-313

<sup>69</sup> Ibidem p. 306

das comunicações, o qual exige deveres tanto dos produtores como dos receptores para “um melhoramento contínuo que brote do confronto com os verdadeiros valores da vida humana”.<sup>70</sup>

Responsabiliza o *receptor* a assumir parte ativa no processo formativo da comunicação. Espera que entre comunicadores e receptores se estabeleça um verdadeiro e autêntico relacionamento, ou diálogo. No amplo e complexo discurso da comunicação, em que se misturam o verdadeiro e o falso, o bem e o mal, o papa adverte que não há nada que não possa ser contestado:

Vós deveis, portanto, dar prova de uma atenta capacidade de discernimento e de confronto com os autênticos valores ético-religiosos, valorizando e acolhendo os elementos positivos e excluindo os negativos.<sup>71</sup>

No último quarto de século, a figura carismática e popular de João Paulo II concede visibilidade à Igreja, especialmente através dos meios de comunicação de massa. O novo papa mantém abertos os canais de comunicação, porém, coerente com seus princípios de formação conservadora, impede o crescimento das teologias autóctones e centraliza o poder outra vez na Cúria Romana.

As instituições nas bases são fragmentadas, dispersas, e as iniciativas pastorais esmorecem. É um período de crescimento para fora, para as multidões, por vezes de impacto sobre a sociedade, porém, ao nosso entender, de retorno a um discurso conservador, com formatos de atualidade emprestados pela mídia, que João Paulo II soube usar com sucesso. A Igreja, na representação de seu líder, continua defendendo os valores que fazem parte de seu patrimônio, mas não se ouve mais a *voz profética* das Conferências Episcopais do Terceiro Mundo, como foram Medelim e Puebla, nem, tão pouco, de teólogos preocupados com as realidades sociais.

O apoio hierárquico da Igreja encaminha-se para os movimentos carismáticos (*no Brasil: Associação do Senhor Bom Jesus, Canção Nova, Novo Milênio etc*) ou com os conservadores (*Opus Dei, Catecumenato, Milícia da Imaculada, etc*) que, se apropriando de redes radiofônicas e canais de TV de

---

<sup>70</sup> Ibidem p. 326

<sup>71</sup> Idem p. 332

ampla repercussão, esculpem na fisionomia da Igreja Católica, formas de uma igreja eletrônica.

Na comunidade acadêmica brasileira destacam-se uns poucos pesquisadores que se dedicam ao estudo da comunicação religiosa e à identidade entre Roma e o Brasil nas diferentes fases vividas pelo nosso sistema de comunicação católica. Ismar de Oliveira Soares é um teórico de vanguarda com sua tese de doutorado: *Do Santo Ofício à libertação*<sup>72</sup>, onde faz um inventário histórico e interpretativo da Igreja em relação ao processo de comunicação. Outra publicação fruto de uma pesquisa de doutorado é o livro de Joana Puntel, fsp: *A igreja e a democratização da comunicação*<sup>73</sup>, obra que traça a trajetória da Igreja na América Latina no esforço de configurar a doutrina da comunicação democrática e participativa da instituição. A estas pesquisas pioneiras sucedem-se outras sobre diferentes enfoques em diversos núcleos acadêmicos nacionais e internacionais.

À luz desta leitura a respeito dos reflexos que a Igreja Católica deixa, no tocante ao mundo da comunicação, nossa observação é de que a catolicidade atual acerte o olhar sobre o novo mundo empenhando-se para fazer a reviravolta heliocêntrica sugerida por Winkin, colocando a cultura no centro de seu discurso e de sua práxis ou, como propõe Martin-Barbero, desprender-se da visão estritamente ligada aos meios de comunicação, para contextualizar seus destinatários no espaço da cultura. Que ela aprenda a migrar do patrimônio de valores sobre o qual se constitui guardiã para as novas linguagens interativas e a soltar-se no espaço virtual para transitar nos diversos contextos do cenário atual com maior agilidade.

É esta a lição que a Igreja começa a receber e que pode aprender com as mudanças dessas últimas décadas. Os 10 anos do site [www.vatican.va](http://www.vatican.va) e de um sem número de sites e portais institucionais disponíveis em rede têm permitido à comunidade católica aprofundar-se no processo de aprendizagem. Mas com

---

<sup>72</sup> SOARES, de Oliveira Ismar – *Do Santo ofício à libertação* – Editora Paulus, São Paulo, 1988

<sup>73</sup> PUNTEL, Joana – *A Igreja e a democratização da comunicação* – Editora Paulinas, São Paulo, 1994.

certeza a Igreja, que foi mestra e detentora do código escrito, tem muito mais para aprender do que para ensinar nesta nova interface digital.

Assim, a tônica que nos norteou nesses primeiros capítulos e que, esperamos, esteja delineada para prosseguir em direção ao campo empírico, nos deixa as seguintes perguntas para a próxima etapa deste trabalho: Num cenário em que as próprias teorias da comunicação não conseguem um realinhamento equilibrado de tendências e onde o ingresso das novas tecnologias compõe o espaço da cibercultura, quais as possibilidades e os desafios para a instituição católica na ressignificação de seu patrimônio histórico-simbólico junto aos seus fiéis? Com o peso da instituição milenar que a configura teria a Igreja Católica a velocidade para adaptar-se aos novos tempos? Essa será, daqui pra frente, nossa hipótese de trabalho.

Perfizemos, até aqui, um longo e tortuoso percurso tentando delinear uma visão global que enfeixa a diversidade de enfoques que compõem o mapa de investigação sobre os desdobramentos da comunicação. O rol das tendências e pesquisas aqui assinaladas procurou refazer algumas trajetórias que pudessem abrir caminhos para a pesquisa.

No próximo capítulo, propomo-nos a situar a ação da Igreja na comunicação em rede para averiguar quais as possibilidades da comunidade católica se entrelaçar nos “nós” da teia digital com a cor de sua identidade e tecer uma plataforma de valores geradora de confiança e de postura ética entre as pessoas.

## CAPÍTULO 4

### UMA REDE INTERATIVA: ABERTA E A DISTÂNCIA

*A **palavra** caminha em todos os sentidos e direções como um líquido que escorre, anda, resvala e voa entre as pessoas e para dentro delas. Trata-se de uma espécie de sangue da vida social, que nos transforma em humanos e nos permite a vida em todos sentidos. No princípio era o verbo, e todos nos transformamos em seres humanos.*

*Luís Carlos Lopes*

#### 4. A comunicação digital: desafios e resistências

Os capítulos anteriores, uma tentativa de situar historicamente os estudos e as práticas da comunicação e da Igreja, ofereceram subsídios para alguns direcionamentos e tomadas de posição sobre o nosso trabalho. Esta seção procurará, à luz das reflexões já feitas, construir parâmetros para a pesquisa empírica. Mídias analógicas e mídias digitais são os dois eixos sobre os quais nossa pesquisa ganha sustentação. Como pensar na convergência dessas duas áreas? O que elas apontam para a comunicação religiosa? Quais os desafios e as propostas para a evangelização da Igreja Católica neste novo contexto?

Um dos fatores que fez com que a Igreja rompesse as resistências quanto aos meios de comunicação – abordadas nos capítulos anteriores deste trabalho – foi o surgimento da sociedade de massa. Com a urbanização, o desenvolvimento tecnológico e as migrações pelo planeta, a sociedade do século XX deixou de ser um espaço de relações personalizadas, individualizadas e face a face. No exercício do poder comunicacional, fragmentaram-se as velhas alianças, permitindo a outras crenças e ideologias disputarem o “espaço público”, campo de manifestação e de expressão da sociedade criado pelos meios de comunicação<sup>1</sup>. A Igreja Católica também criou suas redes radiofônicas e televisivas; instrumentalizou e profissionalizou sua comunicação, e vem conseguindo preservar um disputado espaço com outras instituições laicas e religiosas.

Se o avanço dos meios analógicos já causara estranhamento e constrangimento na Igreja, o que aconteceria com uma mídia de abrangência planetária? O novo quadro coloca inúmeros desafios a uma instituição que já deteve o poder da comunicação num primeiro momento, histórico, da palavra escrita. Mais do que conquistar “espaço público” como qualquer outra instituição, a Igreja Católica, sem dúvida, terá de abandonar uma postura hegemônica,

---

<sup>1</sup> O “espaço público” nas sociedades contemporâneas é considerado um lugar de concorrência, onde as instituições religiosas atuam como qualquer outro ator entre outros tantos. Complexo, observa-se que, nele, comportamentos individuais e coletivos conjugam, por vezes, o religioso, o cultural, o turístico, o político e o econômico, gerando tensões, confrontos e formas de integração bem como ruptura na estruturação da vida social. Um grande ícone dessa estrutura é o Santuário de Aparecida (Aparecida do Norte, SP).



detentora da verdade, e partir para uma comunicação horizontal, ou seja, compartilhada, que a coloque em posição de igualdade e de diálogo com outras entidades e fontes de valores transcendentais e humanísticos.

Acreditamos, porém, que os verdadeiros desafios para a missão da Igreja nesta nova ambiência comunicacional estejam num outro patamar. Como ajudar as subjetividades a entrar na dimensão do sagrado num mundo de excessivos apelos maximizados justamente pelos meios de comunicação? Como instigar seus adeptos, usuários dessa tecnologia, a serem partícipes dessa evangelização, com atitudes cooperativas, responsáveis e solidárias numa cultura tecnológica que os isola em telinhas personalizadas e, em muitos casos, é adversa a esses princípios? Se tudo nos chega ao clique de um mouse, por que nos sensibilizarmos com o outro a ponto de nos tornarmos agentes de transformação de suas vidas, crenças e valores, tais como prega o Evangelho cristão? A única finalidade aceitável das atividades humanas não seria a produção de uma subjetividade que auto-enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo? O diagnóstico de Nicolau Sevcenko, ao comentar o relato do artista Brian Eno, endossa a percepção de que algumas dessas realidades estão dissimuladas entre os fios da inusitada rede virtual.

As pessoas vão se fechando num “nós” cada vez mais exclusivo, tendendo a se restringir, no limite, a um “eu” conectado numa rede infinita de circuitos virtuais. Casais que se falam por meio de secretárias eletrônicas, pais que se comunicam com os filhos pela Internet, professores que ensinam por teleconferência a alunos que respondem por e-mail. Ao redor deles, um mar de gente relegada, sucateada como máquinas obsoletas, abandonada ao relento.<sup>2</sup>

Tentaremos, então, recolocar o processo da comunicação neste momento de mudança que, dificilmente, acontecerá sem resistência e sem desafios para indivíduos e instituições, religiosas ou não. Sem dúvida, exigirá, de todos, determinação e criatividade para ser um elo significativo nessa infinita rede de trocas. Por parte da Igreja Católica, será necessário empenho na reconstrução de

---

<sup>2</sup> SEVCENKO, Nicolau - *Virando Séculos - A corrida para o século XXI*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2001 p. 92

sua identidade para que ela exerça mais eficazmente seu papel de evangelizadora na cultura das mídias digitais.

#### 4.1 Uma rede híbrida de fios diferenciados

Quando se fala em cultura digital, o conceito de híbrido é recorrente. O termo é usado tanto para falar da mistura de linguagens, quanto das tecnologias. A cultura digital nos traz um caldo de saberes e artefatos que impedem se encontrem no híbrido a origem e a definição de todos os ingredientes que compõem essa nova realidade. A comunicação é hoje esse somatório de interações sociais e tecnológicas que resultam naquilo que chamamos de interatividade.

O conhecimento, a informação e o aprendizado migram para dentro de nossas vidas através de múltiplas janelas que se abrem de universos culturais os mais miscigenados em disputa de um único espaço - o espaço cotidiano da experiência humana. Junto com essa bagagem, porém, vem, nem sempre explícita, toda uma gama de contra-valores como violência, discriminação e apelo ao consumo e à sexualidade, entre outros. Como o telespectador ou o ouvinte do rádio, o internauta também tem acesso a todo um pacote pré-montado de ofertas – boas ou ruins. Cabe a ele a responsabilidade de filtrar os conteúdos e de interagir de forma crítica ao que lhe é gratuitamente oferecido. Ao estudar a mídia, Roger Silverstone abre a textura da experiência como pano de fundo, em que, mídia e vida se interligam:

É no mundo mundano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum. (...) A mídia nos deu palavras para dizer, idéias pra exprimir, não como uma força desencarnada operando contra nós enquanto nos ocupamos com nossos afazeres diários, mas como parte de uma realidade de que participamos, que dividimos e que sustentamos diariamente por meio de nossa fala diária, de nossas interações diárias.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> SILVERSTONE, Roger - *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Editora Loyola, 2002, p.20

A rede mundial se reabastece de forma acelerada, plural, descentralizada para responder a uma demanda crescente de inovações, de necessidade do ser diferente, conforme pesquisa do Ibope<sup>4</sup>. Com um outro formato de receber e transmitir informação, e com a busca insaciável de status, de estar *update*, as pessoas alimentam e respondem com muito mais rapidez que ontem aos apelos e ofertas da mídia, estabelecendo outros padrões de relacionamento e de comportamento social. A partir desse hibridismo e das novas formas de se relacionar e de se sentirem aceitas, as “gerações clique” acreditam até mesmo na possibilidade de começar outra vez, de reinventar a si e o mundo: Reiniciar. Reiniciar olhando o mundo pela janela da Internet que as insere, desde a mais tenra idade, na grande universidade virtual. Reiniciar não descartando tudo, mas com possibilidades de novos arranjos, de novos modelos e, porque não, de novos projetos de sociedade. Esta seria, sem dúvida, oportunidade ímpar de a Igreja marcar posição, entrar para incutir seus valores, reacender suas crenças e intensificar sua presença nos lares cristãos. O grande senão é que no hipertexto da tela mundial, onde pessoas se predispõem a esse “recomeçar”, se misturam crenças e valores já contaminados pelo consumismo, erotismo e hedonismo.

Vivemos esse momento de migração das mídias analógicas para as digitais. Adequar-se às sutis diferenciações entre umas e outras nos parece ser um dos impasses para a agilização da inserção e da prática da Igreja na cultura digital. Há uma diferenciação, sobretudo no que tange à forma de organizar o tempo, o espaço, a linguagem e a maneira de se relacionar com o outro, que vai exigir da prática eclesial, mais do que investimento, coragem e determinação para repensar conceitos e metodologias, não apenas no sentido teológico, mas no âmbito de técnicas de produção, design, linguagem, programação e persuasão.

---

<sup>4</sup> Essa necessidade de ser aceito pelos pares, muito característica dos pré-adolescentes, adolescentes e jovens adultos, ajuda a explicar por que blogs, fotologs, comunidades e comunicadores instantâneos fazem tanto sucesso em nosso país. Por aqui, essa tendência de estar junto aos amigos é mais acentuada do que em outros lugares, pois o brasileiro tem um prazer extra em comunicar-se. E é engraçado como algo, que antes era restrito aos usuários mais novos, hoje é comum a todas as idades, pois todas as faixas etárias adotaram as comunidades e os comunicadores instantâneos. [www.ibope.com.br](http://www.ibope.com.br) – *O que esperar da Internet nos próximos anos?* Acessado em 16 de janeiro de 2006

Como tudo, também as mídias digitais têm o reverso da medalha. Por um lado, são interativas, multimidiáticas, de magnetismo para as gerações jovens, capazes de criar sentimento de comunidade, de sustentar relações de grupos com identidade e valores afins, conferir autonomia e possibilitar a criação e a transação de conteúdos a distância e construir um saber comunitário, coletivo. Por outro, não foram pensadas para ser afetivas, não reproduzem o ambiente do espectador, como a TV e o cinema, não falam diretamente ao ouvinte, como o rádio, e exigem concentração e esforço do usuário. Ao contrário do cinema, que permite o devaneio, a Internet, por exemplo, exige conhecimento técnico e atitude participativa do indivíduo.

Obter o domínio dessas técnicas pode significar, para a Igreja, uma ruptura em relação à forma com a qual ela utiliza as mídias analógicas e, mais do que isso, atingir os adeptos com novas propostas, por exemplo, de educação a distância. Com as mídias digitais, poderia ter acesso ao *Grande Areópago* e se dirigir “*URBI et ORBI*” sem que para isso tenha que montar uma estrutura física de comunicação, como exigiria a televisão. Com todas as suas limitações, o rádio é hoje o único veículo de massa que transmite para o mundo a voz oficial da suprema autoridade da Igreja, por intermédio da Rádio Vaticano.

Como uma mídia autônoma, global e descentralizada, a Internet, mais do que permitir a disseminação da mensagem cristã pode provocar uma revolução na forma de a Igreja produzir e partilhar significados, provenientes não apenas de uma fonte credenciada, mas da consciência de cristãos comprometidos na tarefa da evangelização e que estão em sintonia com os princípios e valores defendidos e promovidos pelo Evangelho, estejam onde estiverem, em qualquer ponto do planeta. Caberá à fonte credenciada - leia-se Vaticano - não mais o controle das produções e a divulgação unilateral da mensagem cristã, mas o estímulo para a construção do diálogo, da justiça, da solidariedade e da partilha nessa grande rede universal.

## 4.2 As práticas religiosas e o ciberespaço

A Internet promete provocar mudanças em práticas institucionalizadas. A atuação da Igreja nas mídias analógicas, por exemplo, depende em grande medida da intervenção das instituições mantenedoras. São elas que determinam a filosofia dos programas religiosos, o lugar do comunicador, a grade de programação e a elaboração da mensagem que querem passar para seus públicos.

Por seu formato e estrutura, a Internet permitirá a construção de novos modelos para as práticas celebrativas, para a propagação da fé e para os rituais da Igreja que, assim, poderá ganhar a adesão das novas gerações que não se adaptam mais a esse *modus operandi* estanque, em que as celebrações religiosas (missas, sacramentos, bênçãos) se fixam em horários, locais e ritos estabelecidos pela instituição. Na mídia eletrônica, a postura do ministro ou de quem exerce a função da proclamação da palavra é semelhante à fala em público, face a face, num relacionamento de mão única, que a cultura atual tem dificuldade de aceitar. Entretanto, a comunicação presencial, com uma autoridade credenciada para mediar o rito, os simbolismos, os gestos e as emoções coletivas, facilita as representações simbólicas do sagrado e o ler e interpretar para a comunidade códigos de transcendência.<sup>5</sup> Já na Internet, essa mediação é prejudicada, obrigando a se achar formas, linguagens e ferramentas interativas que permitam, entretanto, manter certas vantagens do presencial.

A Igreja reconhece que a mídia pode mascarar a proximidade, falsificar situações, disfarçar identidades e reduzir a visibilidade, a vividez e o calor humano, mas sabe que é imperativo não ficar à margem da cultura digital. Assim, afirma:

A Igreja, hoje, coloca seu empenho para cumprir sua missão de proclamar a Palavra de Deus, e enfrenta o grande desafio de evangelizar esta nova cultura, expressando a imutável verdade do Evangelho nesta linguagem. Uma vez que todos os crentes estão envolvidos nestas mudanças, cada um de nós é chamado a

---

<sup>5</sup> A interpretação não é apenas um simples gesto que decodifica e apreende os sentidos. Na verdade, o ato de interpretar é a tentativa de explicar os significados de uma representação simbólica.

adaptar-se às situações que mudam e a descobrir modos eficazes e responsáveis de usar os meios de comunicação social.<sup>6</sup>

O conjunto das relações sociais e tecnológicas se apresenta em constante mutação, como um caleidoscópio, do qual a Igreja participa configurando e sendo configurada por esta dinâmica. Como tivemos a oportunidade de analisar, o catolicismo se identificou - e só por isso se desenvolveu – com os diferentes modos de produção da cultura ocidental. Dessa cultura, fizeram parte sempre, de forma dominante, a tecnologia e a indústria. Enfrentar os desafios do desenvolvimento tecnológico foi no passado - e é hoje - uma prioridade.

Sob certas formas, a Igreja Católica sempre se modernizou, abrindo mão de alguns elementos, agregando outros e prosseguindo na sociedade em uma relação de “dupla troca”, com elementos autônomos e outros francamente assumidos como exigência do desenvolvimento histórico e cultural. Nas bases da instituição, em sintonia com os modernos meios de comunicação, a Igreja tem estado pronta em suas atividades educacionais e de evangelização para utilizar o potencial de divulgação e conscientização no auxílio às populações em mudança, carentes ou motivadas para o engajamento social.

Diante de uma sociedade sem referências e desestruturada de valores, há uma expectativa por parte de cristãos, católicos ou não, de que a Igreja institucional assuma uma postura mais agressiva e contributiva para uma transformação social urgente.

Uma das características de qualquer tradição é justamente sua capacidade de encontrar em si mesma os referenciais simbólicos para a explicação do presente, atualizando-se a cada época em sua explicação. Épocas rápidas e sem sentido, como a atual, demandam respostas igualmente velozes, e as religiões mais e mais se oferecem para este ofício.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> In DARIVA, Noemi (Org.) *Comunicação Social na Igreja* - Documentos fundamentais - São Paulo: Editora Paulinas, 2003, p. 399

<sup>7</sup> CARVALHO, J.J. “Religião, mídia e os predicamentos de uma ciência pluralista”, in: A. Moreira (org.), *Sociedade global, cultura e religião*, Petrópolis, Vozes, 1988, p. 104

Esse conjunto de questões nos reenvia para a articulação dos modos discursivos: de que forma a Igreja enseja processos comunicacionais levando-se em conta o espírito do tempo? Na seção seguinte, esboçaremos essa possibilidade.

### 4.3 Do face a face à interface

A comunicação interpessoal, face a face, promove a troca de informações entre duas ou mais pessoas próximas pelo intercâmbio. Quando uma presença física se distancia e se utilizam tecnologias para unir os interlocutores, instaura-se a comunicação midiática e o sistema de comunicação a distância. Ou seja, o conceito de presencialidade, elemento antes imprescindível para a troca comunicativa, se altera na medida em que avançam as tecnologias de comunicação digital, como a Internet, Skype, videoconferências, webcams, etc., que conectam pessoas que estão distantes em termos presenciais.

A comunicação digital se produz sobre os mais variados matizes: próxima e a distância, de forma individual e coletiva, por vezes anônima e simulada, alterando nossa percepção da realidade, do tempo e do espaço. Longe já é um lugar que não existe diante dela. O atual curso dos acontecimentos se expressa numa revolução intensa e descortina-se como precursor de transformações que afetam e afetarão, de maneira singular e definitiva, todas as formas de comunicação, pensamento e trabalho da sociedade. Novas janelas estão abertas e os conceitos de tempo e espaço são reformulados em termos virtuais.

Os alicerces desta revolução estão fundamentados na digitalização da cultura, do pensamento e da economia e numa maneira inédita de comunicar-se. Estamos pensando, sentindo, comercializando, expressando-nos por uma nova via e *on-line*. A comunicação entre as pessoas se apresenta mais elástica e múltipla. O volume de informações e os meios de que se valem tornam o público mais exigente e impaciente. Surge um certo desgaste e, muitas vezes, também pela falta de referência do público e de credibilidade das fontes.

Diante disso, um novo desafio se abre para a Igreja e para quem, a partir dela, se dispuser a usar a mídia digital na evangelização e catequese. Muitas das

características dos ritos e das práticas religiosas precisam ser mantidas por serem imprescindíveis para o real significado da oração, da fé, enfim, da transcendência e comunhão do espírito com o sagrado. Não se pode perder a apreciação contemplativa, a capacidade de meditar, vitais para o aprendizado na vida e o enriquecimento espiritual. Segundo André Lemos, "na cibercultura, o equilíbrio entre o clique e a contemplação está longe de ser alcançado".<sup>8</sup>

O processo de transmitir sinais, sejam eles verbais, sonoros ou visuais, está sempre sendo reformulado. Usamos novos caminhos de comunicação – dos sinais de fumaça, ao pombo correio, ou ao som dos tambores, sucederam-se as telecomunicações, os códigos binários e a digitalização. Outros sinais em outras estradas, numa via informatizada. A infovia apresentando novos caminhos desregulamentadores e questionadores das regras estabelecidas e das práticas normatizadas. A infovia é um caminho de desinstitucionalização, pelo qual a interatividade e a conectividade criam novas formas de expressão, negociação, comunicação.

O convívio social, as discussões sobre os mais variados temas, o consumo, o sentido de pertencimento, tudo pode isso é afetado por essa rede híbrida e fluída que nos envolve. O número de trocas de mensagens eletrônicas, por exemplo, cresce a uma média de 20% a 45% ao ano nos países industrializados. A adoção do e-mail foi tão rápida quanto revolucionária: em 1999, as 280 bilhões de mensagens de e-mail enviadas nos EUA superaram o número de cartas entregues pelo Serviço postal americano<sup>9</sup>. Outra febre, mais recente, os weblog, conhecidos como blogs, uma espécie de diário na rede, já reunia, no final de 2005, cerca de 14,4 milhões de usuários no mundo, segundo estimativas do site americano Technorati ([www.technorati.com](http://www.technorati.com)), divulgadas pela Revista da Folha em 7 de agosto de 2005. Levantamento brasileiro do Ibope/Net Ratings, também citado na reportagem, traça um perfil do blogueiro: (49%) tem nível superior e pós-graduação, mais de 72% têm acima de 17 anos e 55% são homens. Esses blogs

---

<sup>8</sup> Disponível in [www.itaucultural.org.br/index.cfm?Cd\\_página=2014&cd\\_materia=578](http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?Cd_página=2014&cd_materia=578) acessado em 09 de janeiro de 2006

<sup>9</sup> Disponível in <http://www.messagingonline.net/> acessado em 03 de janeiro de 2006



têm dado vazões a manifestações, inclusive religiosas. Importante, porém, é o potencial que se abre para os católicos que, de suas casas, podem promover discussões de cunho religioso, cultural e social que antes ficavam quase que restritas a espaços tradicionais: família, escola, igreja. Relatório divulgado pela ONU no final de 2005 coloca o Brasil em décimo lugar no mundo em número de usuários de Internet e o primeiro em acesso à Internet na América Latina. O país encerrou 2004 com uma base de mais de 22 milhões de internautas, conforme divulgado no site do IDG ([idgnow.com.br](http://idgnow.com.br)) em novembro de 2005.<sup>10</sup>

No que tange à linguagem, as mídias analógicas estão presas à representação visual do mundo que nos cerca. As imagens assim produzidas prendem-se ao nosso cotidiano e o reforçam. Nas mídias digitais, essa referência visual sob a forma de representação é abandonada. A comunicação manipula signos mais voláteis, fogem do cotidiano e o desafiam. Ao perceber esta realidade, Silverstone comenta:

As representações da mídia, as comunicações que executamos, que transcendem os limites do face a face, as que rompem a proximidade têm conseqüência para a maneira como vemos e vivemos no mundo. Elas exigem uma resposta ética, mas, aparentemente, não nos fornecem muitos recursos para esta resposta ética. As tecnologias que possibilitam e sustentam as sociedades tardo-modernas em toda sua complexidade e, sobretudo, as tecnologias de nossa mídia parecem ter mudado o universo ético, que ao menos tradicionalmente era contido no tempo e no espaço e nos permitia enfrentar as conseqüências da ação; confrontando o mundo enquanto nos confrontava.<sup>11</sup>

A revolução virtual altera radicalmente a estrutura orgânica dos agrupamentos humanos. Revoluciona as relações, modifica os paradigmas, minimiza questões de fundo, hiperdimensiona fatos e realidades. Portanto, é preciso um olhar mais cuidadoso, mais acurado das benesses da mudança, e capacidade, rapidez para captar e explorar suas vantagens.

O computador possibilita a construção de uma comunicação híbrida capaz de incorporar e articular diferentes informações por meio de um único processo: a

---

<sup>10</sup> Disponível in: [http://idgnow.uol.com.br/adportalv5/InternetInterna2\\_111105.html](http://idgnow.uol.com.br/adportalv5/InternetInterna2_111105.html). Acessado em 17/01/06.

<sup>11</sup> SILVERSTONE, Roger - *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Editora Loyola, 2002 p. 254

numeralização. A Internet, por seu caráter multimídia e global, está na vanguarda deste processo por permitir que textos, imagens e sons atravessem distâncias e cheguem a diferentes públicos em tempo real. Nos múltiplos cruzamentos da tecnologia digital podem se encontrar a voz de um, o texto de outro, a imagem de um terceiro, construindo uma rede de telecomunicações bidirecional e fluída. Com isso, as mídias digitais e a Internet tornam-se suporte a uma produção coletiva do conhecimento e do relacionamento via rede.

#### **4. 4 Reafirmação da fé religiosa**

A partir dos cenários oriundos da revolução tecnológica e dos novos papéis exigidos aos atores sociais e à prática educativa, a utilização destas tecnologias se faz imperativa para a evangelização católica. Avaliar o conteúdo da Internet, aferindo propostas éticas e humanísticas, é tarefa de grande responsabilidade para os católicos deste novo tempo.

Nesse sentido, como produtora e receptora de meios de comunicação, a instituição católica se vê diante de outros incontáveis desafios, entre eles a qualidade, a quantidade e a diversidade de conteúdos a serem oferecidos na rede. A Igreja tem que estar atenta a essas mudanças e às suas implicações e apta a dialogar com um público moldado por novos paradigmas de comunicação, cognição e sensibilidade.

A comunicação atual demanda um espaço no qual os interlocutores sejam ativos e participantes do processo, exige uma comunicação na qual são permitidas a participação, a co-autoria, uma formação baseada numa rede de relações, pressupondo, portanto, novas possibilidades de interação.

Na cibercultura, o usuário necessita tomar iniciativas, buscar informação, enfim, ser mais pró-ativo do que o é na mídia analógica. Isso o levará a uma mudança de hábito e, mais do que isso, a uma mudança de cultura, de comportamento. Como se vê, a interatividade se impõe como estratégia de formação, como estratégia educativa. Essa consciência é necessária à teoria e à prática da Igreja Católica que, como tivemos oportunidade de mostrar, tem por hábito tutelar seus fiéis, dando-lhe respostas prontas e decisões fechadas. Mudar

essa cultura só será possível se velhas estruturas e antigas concepções de formação cristã forem substituídas por outras que privilegiem a participação aberta, o diálogo, o respeito à pluralidade. A Igreja deve abrir a reflexão teológica a outros olhares sobre as questões que hoje desafiam a sociedade e podem ressignificar o cotidiano das pessoas. Questões amplamente discutidas na mídia global, como aborto, homossexualismo e divórcio merecem um olhar mais solidário por parte dos detentores do poder de comunicação da Igreja. Quando da produção da mensagem religiosa, faz-se necessário estar mais perto da realidade em mutação. A fé não está desligada da vida. Pelo contrário, ela nasce a partir das experiências vividas. Mas, freqüentemente, há um conflito de consciência entre o que o interlocutor acredita e o que a Igreja lhe impõe.

#### 4.5 A diáspora no ciberespaço

Desde os primórdios, pelos mais variados motivos, a Igreja nunca deixou de reagir à dispersão de seu público. Sempre buscou ir ao seu encontro e reconquistá-los por meio de estratégias de comunicação que garantissem a comunhão na fé e na doutrina do Evangelho e da instituição. Alguns pensadores como Landim<sup>12</sup> sugerem que as mensagens trocadas pelos cristãos para difundir a mensagem do Evangelho são as primeiras experiências de comunicação a distância. As cartas dos primeiros apóstolos tinham o objetivo de propiciar aprendizado a discípulos fisicamente distantes.

São incontáveis as iniciativas cristãs empreendidas com o objetivo de assistir e angariar novos membros e novos espaços, como a conquista e catequização dos povos, através de pactos sociais, decretos políticos e instruções pedagógicas, que sempre contaram com a mobilização de um enorme contingente humano. Assim, a Igreja se expandiu em todo o mundo num movimento contínuo de adeptos, comunidades, paróquias e organismos.

A idéia de propaganda parece ter nascido na Igreja. Foi a partir da “*Congregatio Propagare Fide*” que a ação da Igreja teve um caráter fortemente

---

<sup>12</sup> LANDIM, Claudia Maria Ferreira. *Educação a distância: algumas considerações*. Rio de Janeiro: s/n, 1997

propagandista, de difusão, mais do que de formação ou de educação da fé. Instituída em 1633 pelo Papa Urbano VIII, e também conhecida como “Congregação da propaganda” ou simplesmente “Propaganda da fé”<sup>13</sup>, consiste até hoje em uma comissão de membros encarregados das missões estrangeiras.

Não cabe aqui a análise de como a Igreja buscou seus fiéis a distância, mas é incontestável o fato de que seu braço missionário foi, na sua longa trajetória, sempre aberto e laborioso nesse sentido. Não deveria ser diferente agora, pois, mais do que nunca, tem à sua disposição toda uma estrutura de mídia e um contingente humano de agentes capacitados e dispostos, em qualquer ponto do planeta, a ajudá-la a cumprir sua principal meta: levar o evangelho cristão a todos os povos.

Para avaliar as possibilidades de sucesso desta missão evangelizadora através das mídias digitais criamos um curso a distância: [www.comunicacaoefe.pro.br](http://www.comunicacaoefe.pro.br), adotando o método de pesquisa-ação. A proposta é experimentar empiricamente uma comunicação capaz de criar a relação contemplativa e inspirar os sentimentos de fé, ao mesmo tempo compartilhando idéias, trabalhando valores, valendo-se dessa nova ferramenta tecnológica. A produção, a execução e os resultados dessa experiência compõem o próximo capítulo.

---

<sup>13</sup> Agenzia Fides “Palazzo di Propaganda Fide” – 00120 Città Del Vaticano – [www.fides.org](http://www.fides.org) e-mail: [fides@fides.va](mailto:fides@fides.va)

## **CAPÍTULO 5**

### **UM APRENDIZADO ON-LINE: NA TEORIA E NA PRÁTICA**

*Não são as idéias que transformam o mundo.  
O que transforma o mundo são as idéias executadas.*

**Carlos Ghosn**

*O mais difícil mesmo é a decisão de começar  
esse “mergulho” ousado, desafiador e corajoso,  
nas águas universais da Internet.*

**Theresa Catharina**

## 5 O lugar da pesquisa: experiências de interatividade na comunicação em rede

O caminho percorrido até aqui levou em conta as significativas mudanças e desafios pelos quais estamos passando, motivados, fundamentalmente, pela razão técnica. Nesse contexto, preocupamo-nos com o trabalho evangelizador da Igreja que, para nós, está conectado, direta ou indiretamente, a essas transformações, mas nem sempre em sintonia com elas.

A despeito da timidez para projetos mais interativos e globais, a instituição católica tem promovido diferentes experiências religiosas e uma aproximação da comunicação em rede. Já existem sites de diversas entidades católicas que divulgam a fé, informam sobre atividades como missas, bênçãos, preces, trabalhos comunitários, promovem cursos, divulgam e vendem material religioso. Contudo, como catequista envolvida com pais e educadores preocupados com a educação na fé das novas gerações, tinha interesse em saber se conseguiríamos utilizar uma comunicação *on-line* mais corajosa, transformadora, que fosse capaz de estabelecer contatos para **reafirmar atitudes e valores religiosos de forma mais interativa na sociedade e promover um vínculo com o transcendente que tocasse a emoção e a sensibilidade dos internautas.**

Percebemos que o formato desse experimento se aproximaria da estrutura do modelo da Educação a Distância (EAD), que sempre teve como objetivo, antes mesmo da mídia digital, disseminar informações e conhecimento – como o tradicional ensino por correspondência – sem a presença física dos interessados. Agora, com o advento da mídia digital, aumentaram as possibilidades desse tipo de comunicação através de trocas de experiências, construção coletiva do saber, criação de comunidades com interesses afins, ainda que por curto espaço de tempo e, mais importante, em tempo real e sem sair de casa.

Do ponto de vista metodológico, nossa experiência se aproxima do conceito de pesquisa-ação de Thiollent a proposta é desencadear uma ação coletiva orientada para a resolução de problemas ou transformação de uma realidade:

Uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação.<sup>1</sup>

Assim, nesta pesquisa, associamos à metodologia de pesquisa-ação uma estrutura de curso desenvolvida e realizada totalmente *on-line* com uma proposta de **educação da fé**, ou seja, a construção específica de valores e promoção da espiritualidade. Tínhamos, com essa experiência, os seguintes objetivos:

- verificar a validade e o alcance desse tipo de intervenção;
- observar o trabalho feito em espaço virtual, suas características e potencialidades na comunicação religiosa e na reafirmação da fé;
- analisar o impacto da metodologia e do conteúdo de uma iniciativa nesses moldes;
- perceber a capacidade de autonomia dos participantes para produção de discurso e novos significados;
- estudar a possibilidade de autonomia na educação da fé sem a mediação de uma autoridade hierárquica.

É importante esclarecer que a metodologia da pesquisa-ação se configura como adequada para esse tipo de investigação porque:

(...) os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo.<sup>2</sup>

Vale também destacar que, justamente pelo caráter participativo, na pesquisa-ação, como forma de experimentação em situação real, a intervenção do pesquisador é consciente:

Os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo. Além disso, na pesquisa em situação real, as

---

<sup>1</sup> THIOLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. Coleção temas básicos de pesquisa-ação. São Paulo. Cortez, 2003 p 16

<sup>2</sup> Idem p. 15

variáveis não são isoláveis. Todas elas interferem no que está sendo observado. Apesar disso, trata-se de uma forma de experimentação na qual os indivíduos ou grupos mudam alguns aspectos da situação pelas ações que decidiram aplicar. Da observação e da avaliação dessas ações, e também pela evidenciação dos obstáculos encontrados no caminho, há um ganho de informação a ser captado e restituído como elemento de conhecimento.<sup>3</sup>

### 5.1 Produção

Por ocasião do Grande Jubileu de 2000, fui convidada a compor a equipe internacional<sup>4</sup> encarregada da construção do site [www.jubil2000.org](http://www.jubil2000.org), uma iniciativa do Vaticano no momento em que a rede global incitava as instituições – religiosas ou não – a mergulhar no ciberespaço, oferecendo possibilidades de trocas, não só de bens materiais e culturais, mas de relacionamentos. A proposta foi, sem dúvida, irresistível.

Com a experiência no trabalho do Jubileu, observamos que a Igreja estava sujeita a descompassos entre a infra-estrutura tecnológica disponível e a capacidade de usá-la. Tanto que, dos vários países católicos que dispunham de infra-estrutura para participar da teleconferência, apenas Alemanha e França conseguiram êxito. Essa dificuldade tornou-se um desafio em nossa prática evangelizadora: como utilizar com eficácia e de forma adequada a rede mundial de conexão? Como criar uma comunicação interativa, de teor religioso, via Internet?

Percebemos, ainda, que uma série de obstáculos dificulta o cultivo da fé no contexto atual. A Igreja vem deixando de ocupar papel evangelizador porque não tem sido capaz de responder aos desafios impostos à sociedade moderna. Outras instituições e sujeitos disputam simbolicamente esse papel e se instituem como instâncias que respondem às expectativas subjetivas das pessoas. Fazer uma catequese *on-line* pode significar uma oportunidade de reconquista desse papel, indo de encontro aos anseios de fiéis interessados em crescer na fé, mas que hoje

---

<sup>3</sup> Idem p.22

<sup>4</sup> O Vaticano convocou 15 pessoas voluntárias com domínio em alguns idiomas, como inglês, francês, italiano, espanhol, alemão, português, polonês, chinês e coreano, para a tradução e administração do site [www.jubil2000.org](http://www.jubil2000.org) e realização de um primeiro experimento em teleconferências com os países onde o vaticano tem representação.



se vêem limitados pela falta de tempo, dificuldades de locomoção, exposição à violência urbana, especialmente em horários noturnos, longos períodos de ausência do lar, etc.

A comunicação em rede poderia atenuar essas dificuldades e apoiar pais, educadores e catequistas na tarefa de educar para a fé. Assim, com o objetivo de testar as mídias digitais em atividades de comunicação a distância na divulgação e reforço da fé cristã, realizamos uma pesquisa-ação tendo por estrutura os avanços obtidos com as experiências de EAD.

Suspeitávamos que a Internet, um pólo de atração dos jovens, poderia ser um excelente apoio para a troca de informações relativas aos valores da fé cristã, estimulando o diálogo sobre questões religiosas – uma das dificuldades centrais apontadas por pais, educadores e catequistas.

### **Pré-teste**

Antes de projetarmos o curso propriamente dito foi feito um pré-teste junto aos paroquianos da Igreja Nossa Senhora da Salete, na região norte da cidade de São Paulo.

Convictos de que, geralmente, a formação religiosa tem suas raízes na família, começamos nossa pesquisa junto aos casais da catequese familiar da Paróquia. Acreditávamos que a Internet poderia reunir a família, como têm feito as narrativas bíblicas ou a reza do terço.

Em contato com paroquianos que se mostraram interessados em participar do projeto, procuramos obter resposta à seguinte pergunta: *O interesse de seus filhos, no que diz respeito aos meios de comunicação, é maior pela TV ou pela Internet?*

Das 20 famílias contatadas apenas uma apontou a TV como a mídia de preferência dos filhos. Esses casais tornaram-se o núcleo do projeto, os quais se dispuseram a encontrar outros interessados. No total conseguimos, em duas semanas, 128 famílias dispostas a participar do experimento. Posteriormente, perguntamos a esses casais se teriam, além do interesse, disponibilidade e

recursos técnicos adequados, como computador, e-mail, acesso à Internet, linha discada ou banda larga.

Aderiram 60 famílias, com as quais fizemos dois encontros com a presença do vigário para o início de um projeto ligado à paróquia. Em 20 de outubro de 2003, publicamos uma página na Internet, dando largada à experiência embrionária.

Criamos uma página-web usando como suporte técnico uma ferramenta<sup>5</sup> oferecida gratuitamente na Internet. O curso durou 5 semanas e motivou as famílias a uma catequese via *on-line*.

O sucesso dessa iniciativa mostrou que estávamos no caminho certo e demos continuidade à experiência alargando o campo de ação e usando ferramentas para maior interatividade.

Saímos da instituição paroquial para o ambiente virtual. Procuramos pessoas que, a princípio, estivessem interessadas nas trocas via Internet e executamos o curso em uma plataforma própria: a Linux-MySQL-PHP, conforme veremos na apresentação da experiência.

### **Escolha da sede**

Estar na rede supõe laços reais, vínculos institucionais. Assim, a despeito de nossa experiência se tratar de comunicação a distância, consideramos fundamental a vinculação da pesquisa à instituição da qual fazemos parte. Entendemos que um trabalho dessa natureza requereria um lastro social e histórico, pois caso atuasse apenas nas fronteiras do virtual estaria fadado à dispersão na rede. Sob esse ponto de vista, o curso esteve associado ao portal da “Paulinas online” ([www.paulinas.org.br](http://www.paulinas.org.br)), que nos deu infra-estrutura e legitimidade necessárias. Sabe-se que um trabalho como esse depende, também, da confiança do interator que, ao acessar um site com essa proposta, procura estabelecer vínculos baseados na transparência e seriedade de quem o propõe. A explicitação da sede, do lugar físico onde o site procurou sustentação foi um dos motivos pelos quais as pessoas aderiram sem grandes restrições.

---

<sup>5</sup> Na plataforma ASP.NET

O curso está publicado no site [www.comunicacaoefe.pro.br](http://www.comunicacaoefe.pro.br).<sup>6</sup> (Uma cópia, com a execução das atividades próprias do curso, encontra-se disponível no CD-ROM anexo na contracapa - **Anexos**). As páginas foram construídas especificamente para este fim em plataforma Linux-MySQL-PHP. Conforme figura abaixo:



Figura 1 Home page do site

### Simulação: o curso como viagem

Para o *design gráfico*, escolhemos a metáfora de uma estação de trem, com a intenção de oferecer um leque de possibilidades para a interatividade tecnológica e motivar o imaginário dos participantes. Era nossa intenção que eles se sentissem em viagem enquanto nós provávamos utilizar as ferramentas de simulação.

Assim como a ferrovia dinamizou as trocas, foi um marcador importante para o tempo cronológico do trabalho, aproximou povos e culturas, a Internet também oferece semelhantes possibilidades. O trem-bala, monitorado via satélite, substituto tecnológico do trem elétrico, nos situa no “*trem da história*”, na dinâmica

<sup>6</sup> O curso permanece disponível no portal Paulinas *on-line* no ícone cursos (cf. [www.paulinas.org.br](http://www.paulinas.org.br)).

da vida, em que o trem que vai é o mesmo que volta, num intercâmbio ininterrupto. Pelas conexões e semelhanças, a metáfora do trem mostrou-se para nós como sugestiva e oportuna.

### Divulgação da proposta

O site foi publicado no dia 13 de setembro de 2004 através de um *full banner* no portal [www.paulinas.org.br](http://www.paulinas.org.br) e no menu **cursos**. Para a divulgação, **Paulinas online** cedeu um cadastro de 1.850 endereços selecionados. Dia 16 de setembro, foi enviado para esses endereços eletrônicos o informe com um questionário cujas respostas nos permitiriam classificar o perfil dos internautas que considerávamos ideal para a participação do curso:

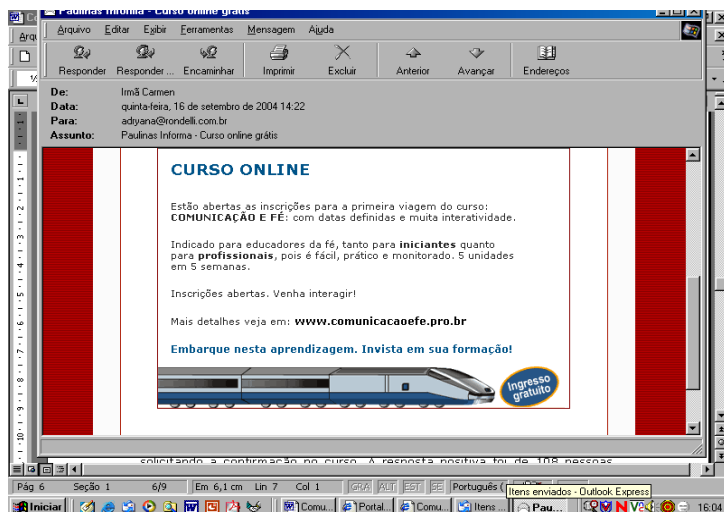


Figura 2 Full banner

### Seleção dos participantes

Com o retorno do questionário, tínhamos como avaliar o grau de interesse e adequação às exigências mínimas do curso (acesso à Internet e endereço eletrônico). A partir desse primeiro filtro, avaliamos o grau de curiosidade pela evangelização *on-line* e a predisposição desses interessados em multiplicar o conhecimento construído, tornando-se agentes capazes da multiplicação nos

núcleos onde estavam estabelecidos. Na seção de análise dos resultados, exploraremos esse item com mais dados e informações.

No período de 13 a 23 de setembro de 2004, contávamos com 135 inscritos, entre os quais membros de comunidades paroquiais e outros agentes sociais, como professores e profissionais liberais, inclusive do exterior. Solicitamos dos cadastrados a confirmação da inscrição, preenchendo novos campos no formulário. Tivemos como resultado 108 confirmações. No entanto, a aula demonstrativa antes de o curso começar despertou interesse de outras pessoas e forçou-nos a abrir algumas exceções antes de encerrarmos as vagas. Um dos motivos desse êxito, certamente, deve ser creditado à linguagem verbal, reconhecida pelos internautas como de caráter religioso mesmo antes de o curso começar. Com isso, nossa estimativa inicial de números de participantes foi superada.

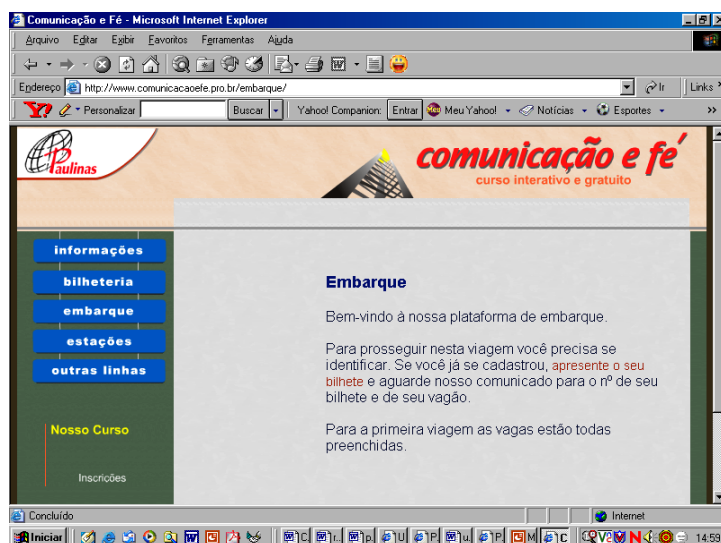


Figura 3 Inscrições

Pela própria estrutura do curso, havia um tempo de espera de cerca de 20 dias entre o momento da inscrição e o início do curso. Para manter, nesse

intervalo, a conexão com os usuários já inscritos, criamos uma área no site<sup>7</sup> onde estes aguardavam até a chamada final. Dia 11 de outubro, data estabelecida para iniciar o curso, 102 pessoas embarcaram com login e senha de acesso exclusivo ao curso. Para certificarmos-nos desses requisitos, foi feito um contato individualizado, por e-mail e/ou telefone.

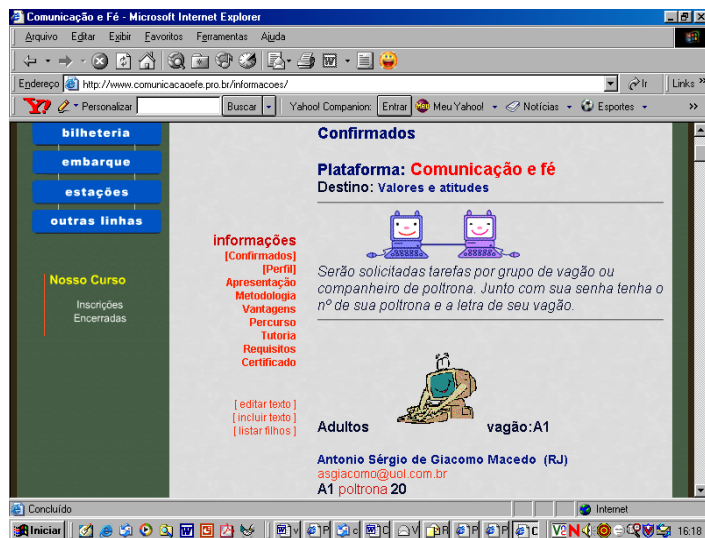


Figura 4 Confirmação

## 5.2 Estrutura do curso

O Curso Interativo “Comunicação e fé” procurou explorar a novidade de ser executado totalmente em rede. Mas vale lembrar que não se trata de um curso formal ou informal, mas de um experimento que buscou sua estrutura no formato de cursos a distância. Para executá-lo, passamos pelas seguintes etapas:

- **Formato do curso;**
- **Preparação de um conteúdo provocativo**
- **Gerenciamento do ambiente virtual;**
- **Atividades interativas**

<sup>7</sup> Chamamos essa área de Sala VIP, os usuários inscritos podiam conferir vagão e poltrona onde estariam acomodados e conhecer quem iria viajar com eles, permitindo até mesmo um contato prévio entre eles.

- **Avaliação**
- **Conclusão**

**Formato do curso:**

*Idioma:* Língua portuguesa.

*Inscrições:* Individuais pela Internet.

*Requisitos técnicos (mínimos):* computador com acesso à Internet e endereço eletrônico.

*Custo:* Gratuito.

*Metodologia:* interativa.

*Aulas:* Conteúdo, análise, discussão, transmissão de valores ético-religiosos a partir da fé cristã. Assim, nos cinco **pontos de encontro** que se seguirem, foram abordados temas como diálogo, diversidade e tolerância, bondade, convivência e solidariedade e consciência crítica, extraídos da nossa prática adquirida de outros meios, presenciais ou através do rádio e TV.

1. Primeiro ponto de encontro: **Diálogo construtivo** (01 a 11 de setembro)
2. Segundo ponto de encontro: **Diversidade e tolerância** (12 a 22 de setembro)
3. Terceiro ponto de encontro: **Bondade consciente** (23 a 30 de setembro)
4. Quarto ponto de encontro: **Convivência solidária** (01 a 11 de outubro)
5. Quinto ponto de encontro: **Consciência crítica** (12 a 20 de outubro)

**Ementa:** Curso de evangelização a distância que, pelo uso de mídias interativas, propõe uma abordagem dialógica da fé. Com isso, prevemos o uso da bagagem cultural e religiosa do participante, despertando sua sensibilidade e percepção para a realidade que o cerca. Antecipamos ainda a possibilidade de aprendizado em grupo ou coletivo nos domicílios, unindo usuários de diferentes gerações e tipos de atividades na evangelização.

**Justificativa:** Com a chegada das mídias digitais, em especial a Internet, percebemos uma oportunidade ímpar de chegar às famílias com uma metodologia interativa da fé e superar a evangelização doutrinária e dogmática que alicerçou a

prática da Igreja Católica, sobretudo a partir do Concílio de Trento (1545-1563) ao Vaticano II (1963).

### **Objetivos**

- Qualificar os educadores da fé (catequistas, professores de ensino religioso e pais) para o uso de uma metodologia interativa entre fé e vida.
- Familiarizar esses profissionais para o uso da Internet como interface para a comunicação, agregando novos referenciais para o repertório e capital religioso-cultural.
- Conscientizar profissionais e pessoas interessadas no assunto da importância que o processo de educação da fé tem de transformar os valores ético-religiosos em atitudes de vida.
- Compartilhar conhecimentos e experiências, enriquecendo a prática cristã com a troca de outros tantos significados possíveis sobre a temática em reflexão.

### **Metodologia de cada encontro<sup>8</sup>**

Os cinco encontros, que enumeramos de 1 a 5 **pontos de encontro**, seguem uma estrutura única:

- 1. História/lenda**
- 2. Dinâmica**
- 3. Reflexão**
- 4. Compromisso de fé e vida**
- 5. Prece**
- 6. Palavra de Deus**
- 7. Posto de abastecimento**
- 8. Fórum**

- 1. História ou lenda**, apresentada com desenhos animados (texto-áudio-imagem), construídos em sintonia com o conteúdo, tem o objetivo de captar a atenção e criar envolvimento para uma interatividade com a técnica e com a

---

<sup>8</sup> Optamos pelo uso de “ponto de encontro”, em lugar de “aula”; “usuário”, em lugar de “aluno” justamente para desvincular a linguagem do formato dos cursos de educação formal, afinal esta é uma experiência que apenas se vale do formato desse conceito.



mensagem. O usuário pode se movimentar dentro da história, fazendo paradas ou retrocedendo sobre partes que lhe interessam.

2. **A dinâmica** consiste numa interatividade sem a qual o usuário não pode prosseguir na tela. Às vezes, ela se insere no formato da história; outras vezes, apresenta-se como uma atividade dinâmica na plataforma *on-line*, como provocação para a reflexão.
3. **Reflexão** é o momento de parada para confrontar outras experiências similares àquela apresentada e entrar na dinâmica da própria vida.
4. **O compromisso** pretende motivar o usuário para a percepção da realidade e para atuar sobre ela.
5. **A oração** apresenta um ambiente comunitário em que os usuários são convidados à participação coletiva, a uma oração solidária, superando um estado intimista, individualizado, em que escapa um olhar para os demais.
6. **A palavra de Deus** consiste em passagens bíblicas que buscam sensibilizar o interator.
7. **O posto de abastecimento** oferece uma série de textos, apresentados de forma aleatória, para que o usuário selecionasse, na ordem que lhe convinha, textos sobre o mesmo tema proposto no ponto de encontro, ampliando a visão e o conteúdo sobre o assunto em pauta.
8. **Fórum**, uma plataforma para debate das idéias e questões, apresentadas nos encontros ou propostas pela tutoria, teve o propósito de apoiar as discussões levantadas pelos participantes, proporcionando troca de mensagens sem a necessidade de os autores estarem simultaneamente usando a ferramenta.

### **Preparação de um conteúdo provocativo**

Programar e construir o conteúdo informacional (imagens, sons, textos, interatividade) para estimular a construção de novos textos, por mais simples que pudessem parecer, foram tarefas das mais árduas.

Junto com o *web-master*, montamos um roteiro sobre cada encontro, testando as possibilidades de animação, manipulação por parte dos usuários, mantendo-nos vigilantes sobre a ementa, objetivos e calendário do curso.

O conteúdo foi organizado de maneira a proporcionar:

- Informação
- Introspecção
- Olhar do interator sobre si mesmo
- Análise e posicionamento crítico em relação a questões e valores considerados importantes para a fé
- Reflexão
- Oração
- Leitura e divulgação da mensagem bíblica
- Interatividade entre os participantes

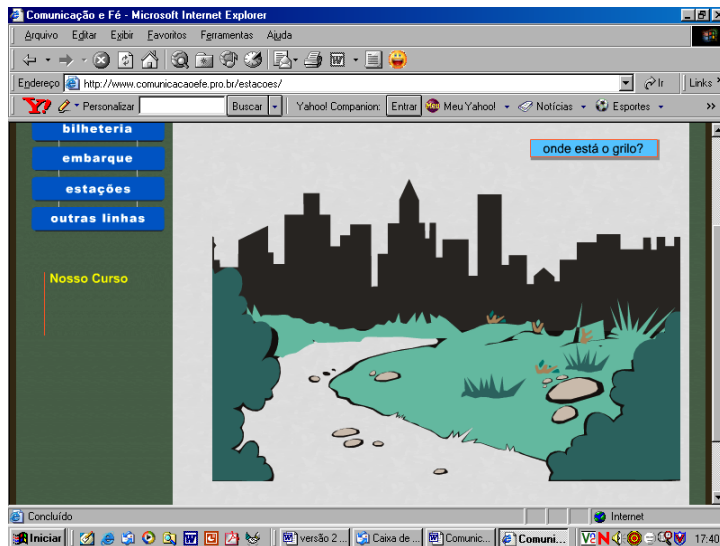
### **Gerenciamento do ambiente virtual**

Tecnicamente preparados para dar a partida, persistia o receio de não respondermos às expectativas dos contatos virtuais com essas pessoas, muitas das quais na sua primeira viagem *on-line*. Tínhamos consciência de que o trem estava superlotado, mesmo assim, nos arriscamos, motivados pelo entusiasmo dos participantes. Procuramos não oferecer interfaces mais complexas, como o *bate-papo*, ou atividades que exigissem presença conjunta em horário fixo. O ambiente virtual nos dá justamente a flexibilidade do tempo e espaço. Colocamos à disposição dois endereços eletrônicos: [carmen@paulinas.org.br](mailto:carmen@paulinas.org.br) e um link: *fale conosco*, [carmen@comunicacaoefe.pro.br](http://carmen@comunicacaoefe.pro.br), para eventuais problemas na viagem.

Isso porque, ao personalizarmos os contatos, teríamos certeza de que todos seriam atendidos segundo suas necessidades. Por outro lado, não queríamos ser demais diretivos. Havíamos esclarecido aos participantes que a direção do trem estava sob seu controle. Portanto, procuramos ficar na retaguarda, assegurando a participação e prontos para eventuais solicitações. Usamos uma linguagem coloquial, cuidamos da relação pessoal e afetiva, lembrando os aniversariantes, enviando flores virtuais personalizadas, dando atenção ao menor sinal de *help!* No período de outubro e novembro, trocamos com os inscritos 1.321 *e-mails* para a sustentação das relações.

### Atividades interativas

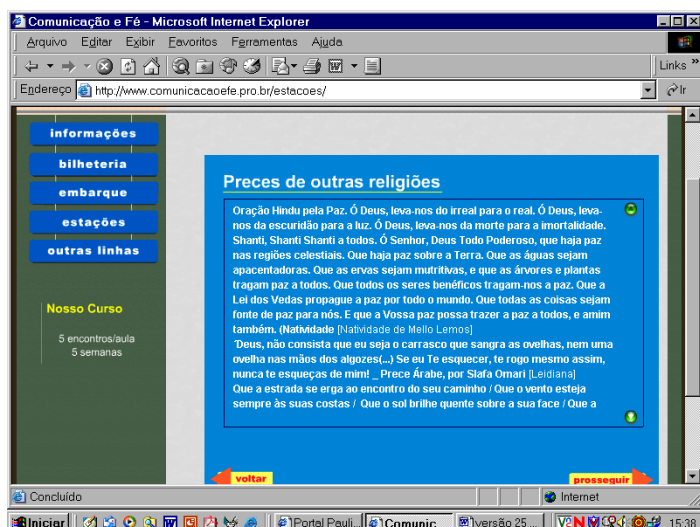
No decorrer das atividades, freqüentemente convidamos os participantes à interatividade, propondo-lhes tarefas diversas, como a descrita na figura abaixo:



**Figura 5 Interatividade:**

Nesta atividade, o usuário, antes de prosseguir, deveria encontrar o grilo. Localizado, ele saltava na tela, acessando a página seguinte.

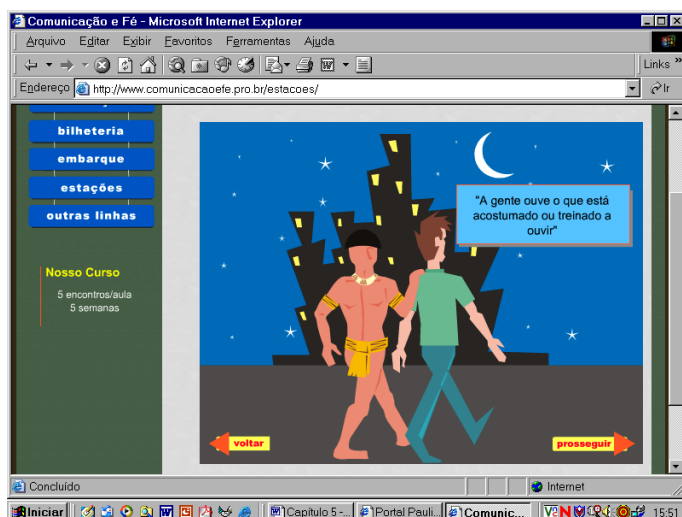
Procuramos criar uma surpresa, uma reflexão, uma atividade a cada encontro semanal. No terceiro encontro, “Diversidade e Tolerância”, o locutor da rádio CBN, Laerte Vieira, em participação especial, conta a lenda do Samurai. Como atividade, deveriam procurar preces de outras religiões que também evidenciassem a bondade de um ser superior. Ao final, cada participante recebe um ramalhete de flores virtuais personalizado.



**Figura 6 Participação**

Os interatores são convidados a buscar preces de outras religiões que expressem os mesmos sentimentos religiosos das preces católicas

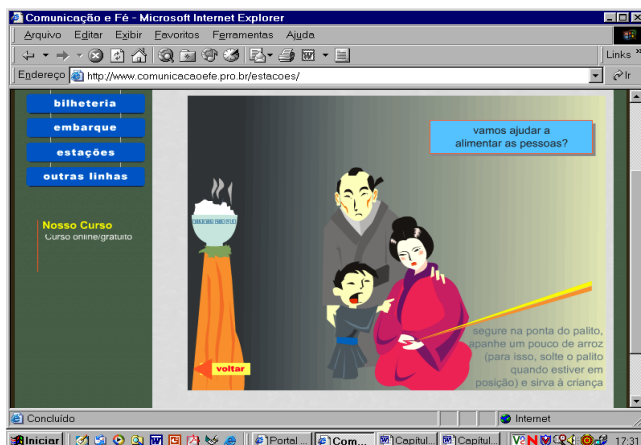
Os desafios uniram tecnologia e criatividade, sempre provocando a interação, a reflexão do tema proposto e, ao mesmo tempo, permitindo a continuidade no curso. Entre os de maior destaque está o primeiro encontro, Diálogo Construtivo, que conta a história do índio na cidade grande que, mesmo atordoado com o som de buzinas de carros, consegue ouvir o cantar de um grilo, para surpresa de um empresário. Na fase seguinte, ele, propositalmente, joga algumas moedas no chão, despertando a atenção de todos os que estão por perto, o que ressalta aí o interesse dos homens pelo dinheiro. Conclusão: cada um escuta o que lhe interessa. Como propostas de trabalho, os participantes foram convidados, naquela semana, a prestar mais atenção à realidade ao seu redor, aos meios de comunicação, tentar perceber quando Deus lhes fala por intermédio dos fatos e, assim, a se expressar por meio de preces e outras atividades e atitudes.



**Figura 7 Lenda**

Detalhe onde o índio dialoga com o empresário.

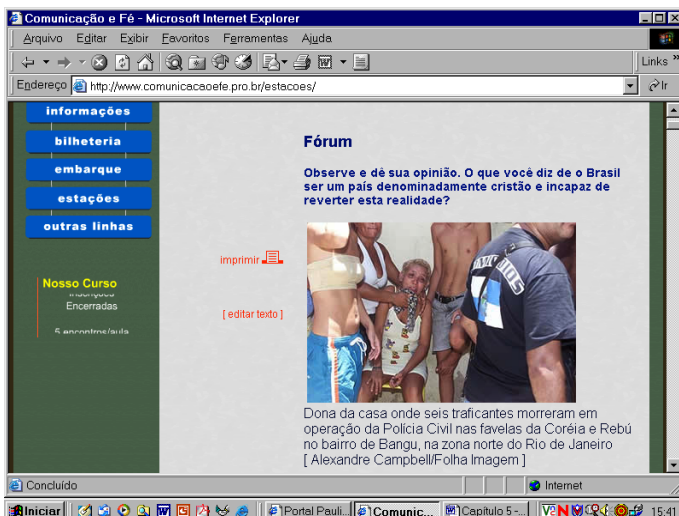
Destaque, ainda, para o quarto encontro, “Convivência solidária”, em que um mestre explica ao seu discípulo a diferença entre o céu e o inferno. “Muito pequena, contudo com grandes conseqüências”, ele diz, contando a história de uma tigela de arroz cozido, afastada de pessoas famintas por um abismo de dois metros. Todos tentavam puxar um pouco da comida com um palito também de dois metros de comprimento, mas não conseguiam colocá-la em suas bocas por si mesmos, pois o palito era muito longo. “Era o inferno diante da fartura”, ponderou o mestre. Só conseguiram saciar a fome quando passaram a alimentar uns aos outros, ao invés de alimentar a si próprio. “Todos comeram e ficaram satisfeitos. Agiram de forma fraterna e solidária. Este é o céu”, conclui o mestre. Como interatividade, os participantes foram convocados a ‘alimentar o outro’ – no desenho animado, tinham de levar o longo palito até uma panela de arroz e colocar uma porção de arroz na boca do menino da figura, antes de seguir para a próxima fase. Nesse ponto, precisavam citar exemplos de solidariedade e de egoísmo encontrados no seu dia-a-dia, na mídia, no ambiente que os cercam.



**Figura 8 Interação**

Os participantes são convidados a interagir alimentando a criança.

O **fórum** foi uma interface que necessitou de gerenciamento e criatividade para oferecer conteúdos provocativos (textos e imagens). Foi preciso acompanhar todos os comentários, mas com o cuidado de não intervir se o pensar estivesse unísono.



**Figura 9 Fórum**

Os participantes são convidados a observar uma série de imagens do cotidiano e a opinar sobre a realidade social.

## **Avaliação**

Antes do término do curso, pedimos que os participantes avaliassem o “retorno” da viagem. Foram 16 perguntas abertas, declaradamente de cunho avaliativo, como parte das tarefas do último encontro. A sondagem levou em conta aspectos técnicos, metodológicos e de conteúdo.

Seguem, abaixo, as perguntas do formulário de avaliação, cujas respostas formarão o conteúdo de análise do próximo item e se encontram na íntegra no CD **anexo**.

1. **O que o curso mudou em sua vida?**
2. **Você sentiu que tocou sua espiritualidade? Quanto e em que momento? O que acrescentou à sua fé?**
3. **Mencione o que você apreendeu de novo.**
4. **Em comparação com outras atividades de evangelização, como você avalia este curso (distante, impessoal, adequado)?**
5. **Sentiu falta de uma mediação oficial da hierarquia da igreja?**
6. **O que você achou mais fácil, mais difícil?**
7. **Qual atividade você mais gostou?**
8. **A metodologia foi adequada?**
9. **Teve dificuldades técnicas? Sentiu-se assistido(a)?**
10. **Quais valores você achou mais pertinentes?  
Teria sugestão de outros?**
11. **Você teria sugestões para outros cursos?**
12. **Para que pessoas você indicaria este curso?**
13. **Como você gerenciou o tempo?**
14. **Sentiu falta de outros materiais de apoio (vídeo, bibliografia, etc)?**
15. **Teria alguma sugestão para encontros presenciais frente à distância física de um grupo? Como realizar um encontro que favoreça a todos?**
16. **Outras colocações que julgar oportunas...**

## **Conclusão**

O curso foi encerrado conforme a programação, no dia 19 de novembro de 2004. O último ponto de encontro de nossa viagem se deu na Basílica de São Pedro (Vaticano), às 14h30 (horário de Brasília), com a Celebração Eucarística,

por Dom Paolo Marzilli, e a Bênção Pontifícia do então papa João Paulo II.

### **Anexo 1**

A seguir, apresentaremos uma análise dos resultados obtidos. Será um momento importante, pois confrontaremos tais resultados com as premissas inicialmente construídas para a execução dessa pesquisa.

### **5.3 Análises dos processos e dos resultados**

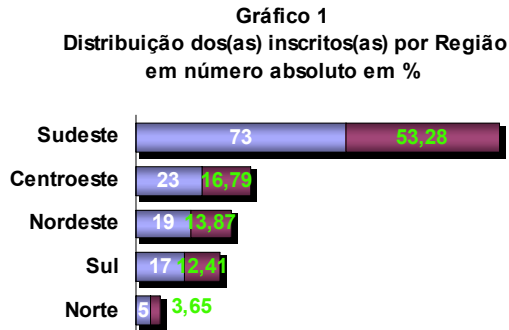
O que os resultados obtidos nesta pesquisa-ação por meio da comunicação a distância sinalizam para as questões aqui levantadas? Que benefícios podemos vislumbrar para a Igreja com as novas tecnologias? Consideramos que o curso, em seus desdobramentos diários, ofereceu ferramentas de análise com as quais podemos (re) traçar estratégias de orientação para a atuação da Igreja na Internet. Algumas dessas estratégias foram elaboradas a partir do que se apreendeu da experiência dos participantes. Assim, procuraremos ler os dados obtidos, levando em conta as hipóteses e inquietações que o trabalho levantou.

Preliminarmente, apresentaremos o perfil dos cursistas (procedência, faixa etária, estado civil, etc); em seguida, faremos um apanhado gráfico das respostas aos formulários e, por último, nossa análise recairá sobre o próprio curso (dinâmicas, atividades em geral, construção de textos na plataforma, etc.).

#### **Sobre os participantes**

**Proveniência:** Apresentamos o perfil regional dos inscritos, realçando a concentração em algumas regiões. Uma das características de um curso a distância é que ele não possui limites geográficos rigidamente demarcados, pois o participante, por definição, é alguém multilocalizado e disperso. Atingimos 18 Estados brasileiros e duas cidades estrangeiras: Almada (Portugal) e Chicago (Estados Unidos).





A concentração de usuários no Sudeste confirma as estatísticas: esta é a região que possui maior número de internautas no País, com uma concentração acentuada nas metrópoles. Contudo, segundo os dados do Universo Online, UOL, na busca por assinantes, os provedores de acesso à Internet no Brasil já apresentam uma forte presença em cidades além das grandes capitais, sobretudo no interior do Estado de São Paulo. ([www.uol.com.br](http://www.uol.com.br). Último acesso em julho de 2004). Mesmo dentro da região Sudeste, há Estados que avançam mais. De acordo com o jornal Folha de São Paulo, “o plano de conexão de 1Mbps da Brasil Telecom custa R\$ 226,34 mensais em Estados como o Paraná. Um pacote similar para a capital paulista pode sair por aproximadamente R\$ 120,00”<sup>9</sup>. Isso também ajuda a explicar por que o maior avanço se dá na metrópole.

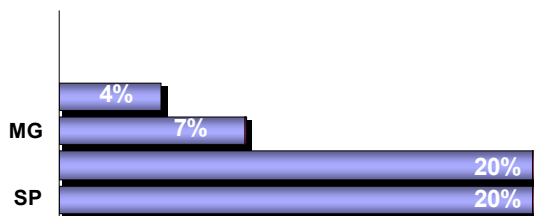
Além de questões econômicas, há que se levar em conta nessa busca de democratização da rede que viabiliza cursos a distância – no nosso caso, os religiosos – o desafio da pulverização da Internet rápida. “Quem mora em apartamento tem a vida facilitada pela estrutura das antenas coletivas, mas quem mora em casa pode encontrar dificuldades para transferir os cabos da rua”<sup>10</sup>, diz o Jornal.

Essas dificuldades foram evidenciadas quando se avalia a capilaridade do curso. A região Norte, onde o número de adeptos da banda larga é significativamente baixo, apresentou o menor percentual de inscritos.

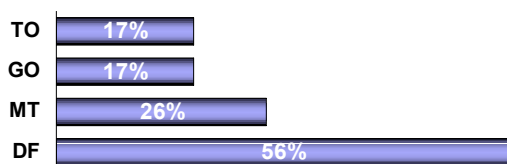
<sup>9</sup> Folha de São Paulo. 2006. Conexão doméstica alcança até 8Mbps, 18 de janeiro, p. F1.

<sup>10</sup> Idem, p. F2.

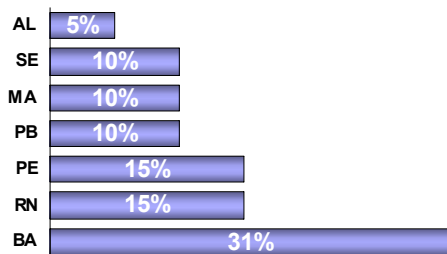
**Gráfico 2**  
**Distribuição por Estado**  
**Região Sudeste sobre 73 inscritos**



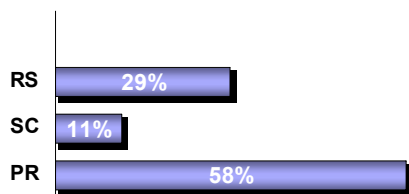
**Gráfico 3**  
**Distribuição por Estado**  
**Região Centro Oeste sobre 23 inscritos**



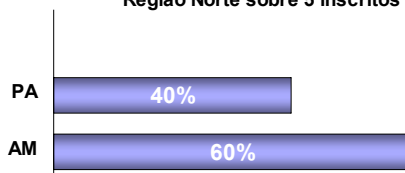
**Gráfico 4**  
**Distribuição por Estado**  
**Região Nordeste sobre 19 inscritos**



**Gráfico 5**  
**Distribuição por Estado**  
**Região Sul sobre 17 inscritos**



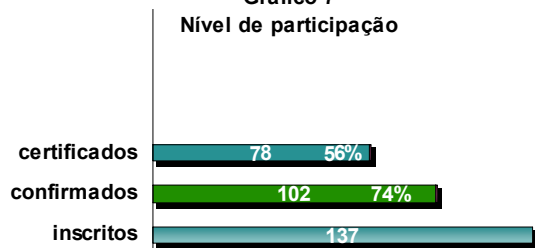
**Gráfico 6**  
**Distribuição por Estado**  
**Região Norte sobre 5 inscritos**



• **Participação**

De um total de 134 interessados, 77% confirmaram a inscrição e 58% concluíram o curso. Em sendo uma experiência inaugural, esse valor representa uma participação significativa de internautas, além do que geralmente cursos assim enfrentam problemas de desistência.

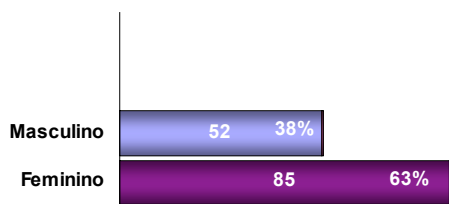
**Gráfico 7**  
**Nível de participação**



- **Gênero**

O curso confirmou o forte interesse das mulheres pela formação religiosa. A mulher já há muito tem sido uma presença marcante, constante e crescente na Igreja, apesar de a instituição ainda manter, em suas práticas de culto e administração dos sacramentos, resistência à participação feminina. Por ser uma experiência pioneira nesse sentido, talvez esse público tenha percebido a Internet como uma metáfora do espaço sagrado, onde poderá exercer uma ação menos controlada, diferentemente do ambiente de autoridade e poder de comunicação da Igreja tradicional, predominantemente masculino. Soma-se a isso o fato de o curso ter uma proposta de caráter pedagógico o que pode ter atraído o segmento feminino em função de seu papel na família, escola ou comunidade onde atua através da catequese, pastorais e ensino religioso.

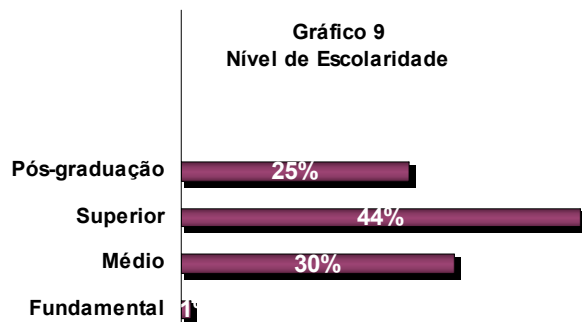
**Gráfico 8**  
Tabulação por gênero



- **Escolaridade**

Notamos que 69% dos participantes do curso tinham alto nível de escolaridade, o que não significa, todavia, que os temas propostos tenham merecido uma atenção maior por parte de um público mais intelectualizado. Há de se levar em conta, aqui, que a maioria dos lares ainda não dispõe de computador, sendo sua presença mais restrita nos lares de menor poder aquisitivo. Explica, ainda, o fato de que indivíduos com maior nível de escolaridade tenham maior acesso à tecnologia e disponibilidade de navegar por sites que fogem à rotina das necessidades básicas. Além disso, o curso foi publicado no portal Paulinas, normalmente acessado por pessoas em busca de conhecimento e

aprofundamento de questões religiosas. Notamos, assim, que a mídia é ainda seletiva, ou seja, a exclusão digital é realmente um fato, uma questão, sem dúvida, merecedora de discussão também por parte da Igreja, mas que não cabe no mérito desta pesquisa.



- **Faixa etária dos confirmados (por década de nascimento)**

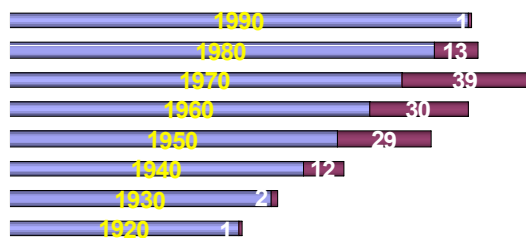
Registramos a predominância de um público com idade mais avançada do que as pesquisas costumam identificar. Trinta por cento dos participantes estão na faixa etária de 30 - 40 anos de idade. Segundo dados do Ibope, a Internet brasileira possui um perfil jovem se comparada a outros países. “Apesar de 36% dos internautas residenciais terem mais de 35 anos de idade, 46% de nossos usuários domésticos estão abaixo dos 25 anos. A formação de tribos e comunidades é própria desse segmento<sup>11</sup>”.

No entanto, nossa plataforma registrou presença majoritária do segmento adulto, comprometido com projetos pastorais e sociais, o que comprova que experiências como esta pressupõem a adesão de pessoas decididas sobre o que buscar na Internet. Tivemos um percentual de apenas 10% de jovens na faixa etária entre 13-25 anos (1980-90) e, por outro lado, de 10% do segmento mais adulto (1920-40), 60 anos para cima, faixa etária que interage em menor grau com

<sup>11</sup> [www.ibope.com.br](http://www.ibope.com.br). último acesso 19 de janeiro de 2006.

as novas tecnologias, particularmente a Internet. Nos extremos etários, o curso teve a participação de um adolescente de 13 anos e um idoso de 84 anos.

**Gráfico 10**  
Distribuição por faixa etária por década



- **Estado civil dos inscritos**

Como podemos observar, um curso de comunicação a distância assentado em valores e reflexão sobre a fé cristã circunscreve os seus participantes em diversos aspectos. O estado civil nos dá indícios de que a família procura na Internet referências para a educação da fé a fim de partilhar no espaço coletivo da casa os desafios relativos aos valores. Embora direcionássemos o projeto para famílias, apenas 38% do público eram de casados. Surpreendeu-nos, ainda, o fato de que apenas 28% eram solteiros e descasados, afinal, em outros casos de interação via Internet, como MSN, ICQ, Orkut, sites de amizades e namoros, é este o segmento que predomina.

Embora não tenhamos perguntado a religião de cada participante, pois não era nossa intenção restringir a pesquisa para uma determinada crença, pela linguagem uníssona nas atividades dos encontros, é possível perceber que os internautas que aderiram eram católicos. Mesmo assim, inicialmente, já podemos afirmar que uma iniciativa *on-line* de reafirmação da fé nos coloca diante de um público de características diversas do tradicional encontrado nas igrejas. Na rede, a unidade de ação ou participação não é a família, o grupo ou a comunidade, mas o indivíduo. Além do mais, trata-se de uma mídia atrativa por si mesma e pode fisgar pessoas dos mais diversos segmentos. Estar na rede ainda confere uma

espécie de “status” num mundo em constantes e profundas transformações, que exige estar “atenado” com as novas tecnologias.

Colocar gráfico

Livraria Virtual 1/31/06 10:08 AM

Deleted: -

### Sobre os discursos: uma análise das falas

Assim como as pesquisas presenciais, este trabalho também manteve vínculos com os seus interatores para além da aplicação *stricto sensu* do curso. No lugar do questionário aplicado face a face, o trabalho de investigação contou com uma seção de avaliação a distância, oportunidade de os participantes se posicionarem sobre o curso e os temas nele tratados. As respostas fizeram notar a importância de um trabalho nesses moldes para a recriação de outras formas de mediação e métodos de ressignificação da fé.

Os discursos são oriundos de diversas atividades: tarefas, dinâmicas, avaliações. É sobre esse *corpus* que iremos discorrer a seguir.

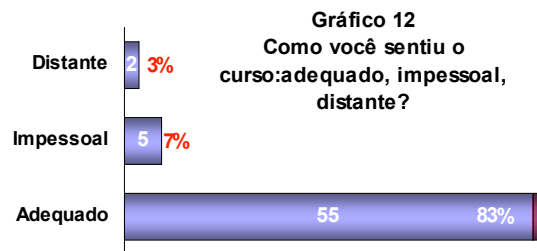
Durante a realização do curso, de outubro a dezembro de 2004, construímos, pesquisadora e cursistas, vínculos que deram dinamicidade ao curso, ou seja, permitiram participação em tarefas diárias e semanais. Todos os trabalhos executados no curso encontram-se no CD **anexo**.

A participação de 102 pessoas (77%) suscita a pergunta: o que faz com que um grupo, aparentemente díspar, se perfile no interesse comum de fazer um curso de educação da fé a distância? Como os temas tratados despertaram o interesse a ponto de fazer com que as pessoas permanecessem ligadas na rede com vistas à conclusão do referido curso? O que mais foi recorrente no depoimento delas?

A análise que segue procura refletir sobre essas questões, levando em conta as possibilidades das mediações tecnológicas virtuais para a ressignificação do mundo, pela produção de novos significados compartilhados a partir da reflexão sobre valores humanos, éticos e cristãos. Faremos o cruzamento de análise qualitativa e quantitativa conforme o conteúdo das respostas.

### Questões suscitadas pelo questionário: uma abordagem dos dados quantitativos

Para a avaliação das falas dos participantes, esquematizamos a análise em duas categorias: quantitativa (adequação do curso, mediação, sugestão de temas, indicação do curso, gerenciamento do tempo e material de apoio - questões 10 a 15) e qualitativa, que abordou questões como a importância do curso na vida dos participantes, a espiritualidade, a interatividade, o aprendizado e a metodologia. Faz-se importante ressaltar que todas as atividades foram programadas para uma comunicação assíncrona, em que cada participante determinava o momento e o tempo para a reflexão e execução da tarefa.



A aceitação do curso pela maioria dos respondentes (dos 78 participantes que concluíram, 62 responderam à avaliação, ou seja, 79%) comprova que conseguimos atingir o objetivo inicialmente proposto: oferecer elementos para a reflexão da fé, dos valores e da realidade. Alguns depoimentos evidenciam isso:

*É possível passar um conteúdo rico, de forma dinâmica e criativa através da Internet (Participante 1 - DATA: 9/11/2004 13:17:14).*

*Repleto de bons textos e de tanta gente boa (Participante 10 - DATA: 10/11/2004 14:42:20)..*

*Gostei muito, embora não tenha sido presencial me senti muito próxima das outras pessoas que o fizeram, através das leituras, das reflexões de cada um(a). Adequado. Acredito que atingiu o objetivo a que se propôs. Eficaz e repleto de bons textos e de tanta gente boa (Participante 11 - DATA: 10/11/2004 14:58:9)*

*Foi muito frutuoso, de acordo com o tempo em que estamos vivendo. Em meio a tantas mudanças, é preciso parar para refletir e agir (Participante 12 - DATA: 10/11/2004 16:54:57).*



*Adequado, foi um bom percurso de Evangelização (Participante 15 - DATA: 10/11/2004 21:40:57).*

*Adorável. A distância existe, mas demonstra que estamos juntos na esperança de um Brasil melhor, mais cheio de fé (Participante 19 - DATA: 11/11/2004 15:21:9.)*

*Longe dos olhos físicos, mas perto do coração do espírito, com certeza. Impessoal talvez pela ausência física, mas pessoal pela identificação da fé, da vontade de aprender cada vez mais e ampliar o meu conhecimento. Os frutos colhidos foram muitos e já estão sendo postos em prática na catequese e na minha vida (Participante 26 - DATA: 12/11/2004 17:35:16).*

*Apesar de não ser um encontro presencial existem muitas vantagens, como, por exemplo, facilitar a vida de quem tem dificuldade de locomoção de tempo. Apesar de não contar com o contato pessoal, não faltou palavras de carinho e de atenção (Participante 29 - DATA: 12/11/2004 20:39:52).*

*É interessante, pois a net não foi criada para ser afetuosa, próxima, unida. Mas foram estes os sentimentos que senti. Só pode ser por DEUS!! (Participante 33 - DATA: 14/11/2004 12:24:10).*

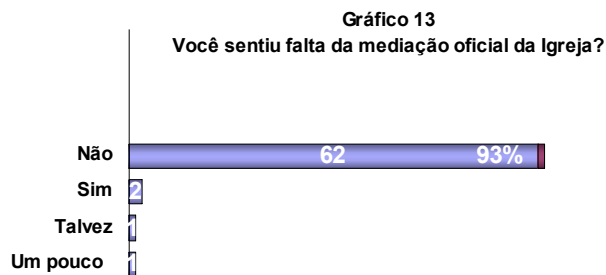
*Muito frutuoso, pois com os meios de comunicação que temos hoje nada mais se torna distante, pois a todo momento podemos em questão de minutos tirar nossas dúvidas como se estivéssemos frente a frente. Este curso foi muito bom mesmo ( Participante 34 - DATA: 15/11/2004 9:24:48).*

*Uma dádiva, um espaço que venho preencher uma necessidade interior e exterior de crescimento na Fé... Um curso que me tocou profundamente, abrindo novos horizontes de Evangelização (Participante 38 - DATA: 15/11/2004 21:7:30)*

*Adequado, hoje a internet é utilizada para inúmeras coisas e considero que a Igreja deve tentar acompanhar essa modernidade. Se recebo e-mails para conversar com os outros porque não receber reflexões que proporcionam um momento de alegria e um aumento da minha espiritualidade (Participante 40 DATA: 16/11/2004 9:3:39).*

*Muito corajoso. Fez-nos refletir e ajudou na formação de uma consciência crítica. Participante 45 DATA: 16/11/2004 23:15:44)*

*Descontraído e sem muitas cobranças (Participante 46 -17/11/2004 10:29:39)*



Como dissemos no capítulo 4, os processos mediadores contemporâneos não se efetuam apenas horizontalmente. Antes autorizada por instituições e sujeitos legítimos - da Igreja para os fiéis, dos pais para os filhos, dos catequistas para catequizandos, e assim por diante, - a educação da fé pode ser exercida de várias maneiras e de diferentes procedências. Com as renovadas possibilidades da comunicação associadas a contextos políticos, podemos exercer vínculos mediadores, consagrando a comunicação orquestral, da qual nos falava Bateson, como citado no capítulo 3. Algumas falas dos cursistas são expressivas nesse sentido:

*Não. Afinal, a Igreja somos todos nós e, portanto, creio que essa presença se fez de modo suave e carinhoso.*

*Não foi necessária. Passagens bíblicas foram usadas e isso foi o suficiente.*

*Não. Senti-me muito unida a Igreja, mesmo ela não sendo mediadora.*

*Não, pois sempre me senti presente de espírito, meditando dentro da comunidade. Pois a igreja somos nós.*

*Não. A igreja somos nós, e por isso penso que ele esteve o tempo todo mediado.*

*De maneira nenhuma, pois os ensinamentos, em momento algum, se desvirtuaram dos ensinamentos da igreja.*

*Não. O próprio pessoal concordou, discordou. A posição da Igreja está nos textos.*

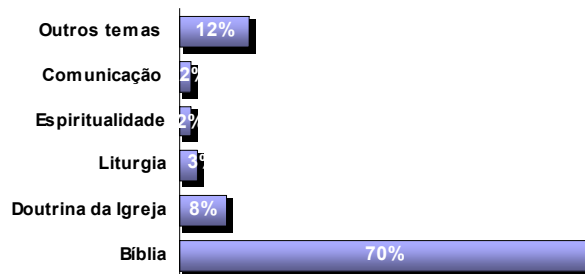
*Não, ao contrário. Senti-me mais livre, menos bitolada.*

*Não. Aliás, senti-me bem mais confortável, livre e responsável para refletir e poder encontrar pistas.*

*Não, afinal na tutoria do curso contamos com uma religiosa, e como tal catequista.*

*Não. Pois tentava adequar os ensinamentos deste curso com as normas da Igreja que frequento, juntando o útil ao agradável.*

**Grafico 14**  
Quais temas você sugeriria para outros cursos?



A preponderância da Bíblia como sugestão de temas para serem explorados confirma a hipótese de que a aplicação de um curso dessa natureza no espaço virtual não se constitui em ameaça aos valores fundantes da Igreja Católica. A manifestação dos cursistas demonstra que é possível, sim, desenvolver atividades de estudo e meditação, apoiados nas novas tecnologias. Novas linguagens e metodologias, se adequadamente aplicadas, não suprimem os princípios norteadores do Evangelho.

*Um curso sobre a Sagrada Bíblia.*

*Sim. Creio que podemos fazer um nível II do curso com estudo aprofundado da Bíblia ou alguma outra necessidade percebida pelos cursandos mais avançados.*

*Sem dúvida o leque de temas para outros cursos pode ser ampliado, como na área de comunicação, da cultura, da Bíblia e outros.*

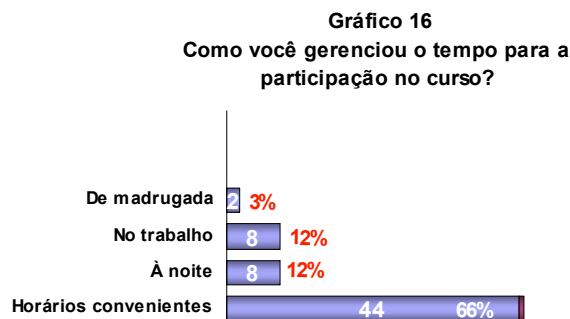
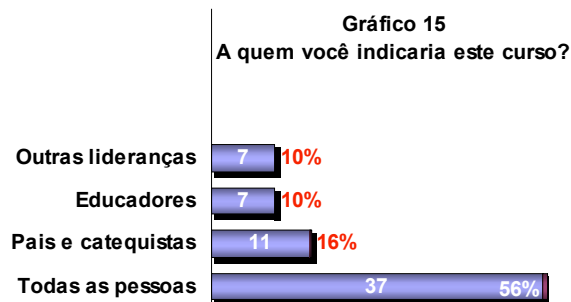
*Sim. Acho pertinente, neste momento histórico, algo sobre a Doutrina Social da Igreja e sua participação concreta na construção da sociedade. Sim, conhecimento e aprofundamento da fé.*

*Doutrina da igreja, teologia moral e algo mais profundo na área do ecumenismo, de planejamento e metodologia para a evangelização. Talvez um curso que nos ensinasse a utilizar melhor a Bíblia na catequese de forma mais dinâmica.*

*Gostaria de participar de um curso sobre os Evangelhos, ou sobre o Novo Testamento, ou sobre a Bíblia.*

*Sim, Círculo Bíblico Virtual e/ou Estudo Bíblico Virtual, programas muito difundidos nas paróquias. O círculo que eu faço parte é o São José na Paróquia Imaculada Conceição do Recreio dos Bandeirantes. Desenvolver um trabalho deste pela Internet seria gratificante, pois estaríamos levando a Palavra além de nossas fronteiras.*

*Poderíamos ter um aprofundamento bíblico; liturgia; como fazer as crianças que fizeram a primeira Eucaristia perseverar.*



Em relação ao primeiro gráfico desse bloco, os interatores indicaram que o curso, a despeito de congregar pessoas ligadas à Igreja e à família, pode ser aplicado para quaisquer grupos ou indivíduos. Sessenta por cento das respostas consideram que o curso pode ser aplicado em diversos contextos. De fato, procuramos apresentar uma proposta que deixasse as pessoas à vontade, sem o

pré-requisito de vinculação à prática religiosa católica. Os relatos abaixo são reveladores:

*Para as pessoas que têm dificuldade de locomoção, têm interesse em aprofundar a fé e não dispõem de muito tempo.*

*Qualquer pessoa, não só para educadores ou catequistas.*

*Para qualquer pessoa que se disponha a crescer na fé.*

*Desde jovens até os adultos de qualquer nível escolar que usem o computador, pois as interatividades fazem crescer e amadurecer a fé.*

*Para todos os párocos cujas paróquias tenham condições de acesso à Internet. Para que eles motivem catequistas e agentes de pastoral.*

*Para educadores como eu, somos agentes de mudança e precisamos estar afinados com o Espírito Santo.*

*Todas as pessoas, desejosas de aprender.*

*Especialmente os que vivenciam a fé e desejam ter consciência crítica da fé.*

*Indico a todos sem distinção.*

Uma das facilidades da Internet é a flexibilidade de horário e local. Ao contrário, nas atividades presenciais, o espaço virtual pode ser utilizado dispensando a participação física em horários fixos, determinados. O segundo gráfico desse bloco demonstra que o curso foi feito em locais de trabalho, em casa, de acordo com a disponibilidade dos participantes.

*Escolhi preferencialmente à noite, quando podia ter maior tranquilidade para ler e responder as questões sem maiores interrupções.*

*Como uso o computador do meu escritório, precisava esperar terminar o horário do expediente para poder utilizá-lo, uma vez que outras pessoas também utilizam este computador. Às vezes precisei usar às pressas para não ficar até tarde aqui, ou então terminava em outros dias as tarefas propostas.*

*O tempo para mim sempre é muito corrido, mas aprendi a separar os horários do meu almoço no serviço e após o trabalho para realizá-los, pois utilizei o computador da empresa.*

*Bem, durante a madrugada!*

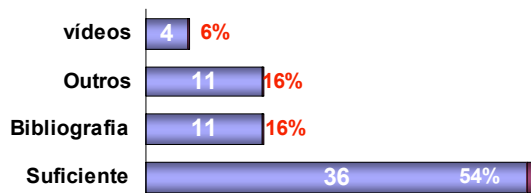
*Foi fácil fazer durante o dia, a noite e certa semana foi de madrugada, temos todas as opções possíveis para participar*

*No princípio, pensei dedicar determinado espaço do meu dia para cuidar do curso, mas não deu certo. Sou mãe (e avó) aposentada. Dessa forma, minha família se acostumou a me ter disponível para atender emergências como levar/buscar crianças na escola, por exemplo. Gosto disso. Com meu marido por perto, também aposentado, a coisa fica mais difícil ainda, porque ele é maravilhoso, mas um eterno carente. Nesse meio tempo, viajei: passei uma semana em Salvador, com minha filha caçula, e foi preciso remanejar minhas outras atividades para gerenciar o tempo de modo eficiente. Assim, com flexibilidade, acabou tudo bem.*

*À medida que eu trabalhava, aos pouco imprimia os textos, lia e depois retornava ao site para concluir as respostas.*

*Foi tudo tranqüilo. Mesmo tarde da noite eu não sentia cansaço porque quando eu estava conectada no curso as horas passavam sem eu perceber.*

**Gráfico 17**  
**Sugere outros materias de apoio?**



Recursos didáticos e pedagógicos são de fundamental importância para que os cursos, presenciais ou a distância, atinjam seus objetivos. Uma proposta que se pretende educacional deve, igualmente, levar em conta esse princípio. Colocamos à disposição materiais diversos, a fim de subsidiar as discussões durante e depois dos encontros virtuais.

A esse respeito, a maioria dos cursistas, 58%, considerou que o material fornecido foi suficiente; 18% sugeriram mais bibliografia; e 24% indicaram a inclusão de outros recursos, como vídeo, webcam, midiateca. De acordo com os relatos abaixo:

*Não. O material foi mais do que suficiente*

*Gostaria de ter as reflexões usadas (as animações).*

*Vídeo. Gostaria de conhecer o rosto daqueles que sonharam com este projeto e dos feitos.*

*Gostaria de ter acesso a mais bibliografias de educação em valores humanos.*

*Não senti falta de nada, tudo foi ótimo.*

*Sim. De mais informações bibliográficas que nos possibilitassem avançar um pouco mais no estudo sobre os temas.*

*Esta pergunta me lembrou um curso on-line onde tínhamos a disposição uma MEDIATECA, com sugestão de textos, livros (com resenha ou trecho do mesmo), sites, vídeos... e demais matérias pertinentes ao curso, além de um espaço onde cada participante poderia colocar o material que tinha para partilha com o grupo (é claro, que qualquer material colocado neste espaço era antes aprovado pelo tutor. Mas, o Posto de Abastecimento estava muito rico (gostei da oportunidade de conhecer o conteúdo do livro: Educar em Valores)*

Este primeiro agrupamento de respostas procurou mostrar os dados quantitativos, que se prestaram à análise. O próximo item, também um momento de avaliação, ater-se-á aos resultados da pesquisa qualitativa. Senão, vejamos.

### **Questões suscitadas pelo questionário: uma abordagem dos dados qualitativos**

#### ***O que o curso mudou em sua vida?***

Esta primeira questão remete para duas motivações importantes, sem as quais a continuidade do curso seria impossível. Segundo o relato da maioria dos participantes, o curso descortinou o universo da Internet e a possibilidade de exploração dessa mídia para o crescimento humano do indivíduo e da comunidade.

Do ponto de vista do conteúdo do curso, os depoimentos sinalizam para a reflexão sobre o modo de vida de cada um – mudança no modo de *ver e ouvir* o mundo, a vida, a Igreja. Ampliou a visão de fé, a percepção de detalhes da realidade e o modo de conceituar os valores. Houve mudança de atitudes, de reflexão sobre as práticas de diálogo, tolerância e solidariedade. Abertura ao outro, ao diferente e às novas formas de relacionamento foi a tônica das trocas que se estabeleceram.

Do ponto de vista técnico, os depoimentos confirmam que a Internet, mesmo sendo uma mídia nova, se constitui num canal de trocas afetivas, de construção de novas teias de relacionamento. Além do aprendizado com o novo meio, as respostas apontam para a humanização da técnica, a construção de novas amizades por intermédio do virtual, acentuando a possibilidade de interação que esta plataforma oferece.

Do ponto de vista pedagógico/metodológico, aparecem traços de crescimento na “forma de expressar a comunicação”, na disciplina para a reflexão, na criatividade metodológica e na pedagogia da fé. As respostas a essa primeira pergunta caminharam por esses vieses. De acordo com os depoimentos abaixo:

*Mudou na maneira de ver cada situação, me colocou numa visão mais ampla diante da realidade do mundo. Como missionário muitas vezes a gente fica fixado somente no trabalho sem visão de mundo, o curso me possibilitou esse olhar mais longe e mais crítico. A opinião de cada participante em cada etapa do curso também me ajudou muito para uma visão participativa.*

*Aprendi à interagir com os demais, por meio da comunicação à distância.*

*Mudou muito na maneira de pensar e ver cada situação do dia-a-dia,*

*Mudou no relacionamento com as pessoas. Eu era e ainda sou um pouco fechado, calado e isso está mudando.*

*Mudou muitas coisas, sobretudo o ato reflexivo.*

*Hoje sei que há outras pessoas, pelo Brasil, que buscam e trabalham por uma sociedade de valores. Tenho irmãos de caminhada.*

*.A capacidade de poder interagir com pessoas que não conheci pessoalmente. Bem como a alegria de saber que há pessoas com o desejo de humanizar as relações através da Internet.*

*Mostrou-me uma possibilidade diferente do uso da educação a distância e, principalmente, a possibilidade de um trabalho de primeira qualidade num nicho de atuação que ainda não tinha percebido.*

*Ajudou-me a me pôr mais do outro lado da mesa.*

*Mudou a concepção que eu tinha de religião. Agora a vejo como uma mediação e não como um fim em si mesma.*



**Você sentiu que tocou sua espiritualidade? Quanto e em que momento? O que acrescentou à sua fé?**

**Mencione o que você aprendeu de novo?**

Noventa e oito por cento das respostas foram explícitas em relação a esses questionamentos. A quase totalidade dos participantes respondeu positivamente: em muitas respostas, notamos o uso de expressões e verbos, como “o curso fortaleceu”, “avivou”, “robusteceu”, “alimentou”, “ajudou”, “firmou”, “aumentou a fé”.

De acordo com algumas manifestações:

*A todo momento a espiritualidade esteve à flor da pele - acho que não somente da minha. Sentia isso ao ler os temas, as historinhas animadas, a mensagem com o buquê de flores virtuais, a lembrança de enviar parabéns e rezar pelos aniversariantes do mês, as orações, o conteúdo dos postos de abastecimento, a partilha de preces e opiniões. Minha fé se fortaleceu, certamente, principalmente quando recebia e-mails dos passageiros do meu vagão A1. Antonio Sérgio pediu preces para sua mãe Siléa - que coisa bonita! Quanta ternura encontrei na aflição que ele deveria estar sentindo e se apegando a nós, que nem conhece, sabendo que a força oculta da fé não precisa de presença física para produzir milagres! Tudo isso é riqueza que só se encontra na espiritualidade, na fé.*

*Sim. Quando passei por uma crise em família a dias, senti a presença de Pai maravilhoso que tenho(temos) e não nos abandona. Se nos deixarmos envolver por Ele, com certeza, tudo será melhor.*

*Estou num momento de grandes mudanças interiores, grandes decisões. Com o curso minha espiritualidade fica mais abrangente, não tanto fixada como era antes. Desde o início do curso com os textos estudados e comentário dos colegas de vagão, foi mudando minha maneira de ver as coisas e de viver a fé. Muito me ajudou. Muito obrigado*

*Tocou-me muito, principalmente quando nos foram mostradas fotos do que a desigualdade humana fez com os pequenos, na aula 4ª, creio eu. Fez-me enxergar melhor os frutos da injustiça mundial.*

*A minha fé teve seus horizontes alargados e passei a perceber o quanto Deus fala também aos seus filhos de outras crenças.*

*Sim. A minha vida foi reestruturada a partir de reflexões feitas pelos outros passageiros.*

*Sim, pois a vontade incessante de se alimentar de Deus, de leva-lo as pessoas e de estar sempre em sintonia está explodindo em meu coração. Os momentos de prece me levaram muitas vezes a ter momentos de profunda oração, acrescentando um maior crescimento e conhecimento sobre a fé que nos move.*

*Sim, tocou a minha espiritualidade. No momento em que tínhamos que dizer umas palavras sobre figuras de violência, e li o de uma colega, que*

*dizia: Perdoa-nos Senhor. Percebi que a responsabilidade da sociedade é nossa, e que Deus, nos ajuda a sermos mais parecido com Jesus, mas para isso, temos que querer.*

*Cresceu o desejo de uma fé inteligente e firme na rocha que é Cristo.*

*Cada tópico havia um tema especial ou uma frase que me tocava. Nestes momentos eu tirava um tempo para refletir sobre a minha fé e podia perceber como ela é pequena. Mas com estas reflexões eu podia também pedir para Jesus que aumentasse a minha fé. Acredito que houve avanço neste sentido. (pergunta 2)*

*A presença de um Deus Uno que acompanha a cada ser humano e o quer feliz. (pergunta 3)*

*Além do conteúdo rico aprendi a lidar com a Internet apesar das dificuldades técnicas.*

*A importância do diálogo construtivo e da criticidade no trabalho pastoral de maneira mais contundente.*

*Aprendi a observar mais as opiniões das pessoas e a dialogar de maneira consciente.*

*Resgatou em minha pessoa a sensibilidade para com a vida, especialmente na agitação da vida moderna...*

*Mostrou-me aspectos que me levaram a reformular conceitos.*

Durante um mês, os participantes puderam trocar informações, liame pelo qual estabeleceram novos contatos e agregaram às suas práticas cotidianas aspectos importantes para a vivência, do ponto de vista individual e social: o uso da Internet para a evangelização, mudanças de comportamento, aprofundamento da comunicação e da fé, o repensar a prática religiosa, ampliação de visão de mundo e posicionamento crítico diante da realidade, a convivência com as diferenças, num ambiente plural.

Ainda que relativamente curto, sob esse ponto de vista, o curso atingiu seus objetivos, pois trabalhou de maneira integrada com a informação, a razão e a sensibilidade – tripé fundamental para a humanização no espaço virtual.

### **O que você achou mais fácil ou mais difícil?**

Esse questionamento está intrinsecamente ligado à estrutura e ao funcionamento do curso. Em sendo uma primeira experiência, procuramos dissecar o máximo de informações a fim de que pudéssemos, em etapas subseqüentes, refinar a proposta do curso. A técnica aparece, na maioria das respostas, como o principal empecilho para a interação plena entre cursista e plataforma. De acordo com os relatos abaixo:

*Achei mais fácil a compreensão dos conteúdos. Mais difícil lidar com a técnica.*

*Mais fácil as preces .Mais difícil o fórum*

*Não encontrei muitas dificuldades, somente na área técnica que muitas vezes tive dificuldade para finalizar as tarefas, do mais foi muito bom e fácil viajar nesse trem.*

*Interagir com o grupo, mesmo sabendo que estamos oculto, foi bom, e o mais difícil foi opinar sobre espiritualidade e religiosidade.*

*Achei fácil as dinâmicas, achei mais difícil a maneira de como os encontros se desenvolvia, por ser pela Internet e também as leituras, posto de abastecimento, pois tenho pouco tempo e não tinha como imprimir para ler mais a fundo.*

*Tudo foi relativamente fácil. Pra mim o mais difícil foi apenas o tempo, pois utilizo o computador do meu escritório e outras pessoas também utilizam este mesmo computador. E também o tempo de uso das páginas, às vezes me demorava e tinha que efetuar o login .*

*As preces foram as mais fáceis. O mais difícil foi poder responder em 15 minutos. Antes da senha acabar sua validade e usar o computador no trabalho. Mas valeu a pena.*

*Não encontrei dificuldade no conteúdo, apenas técnicas.*

*Em termos de aprendizado, achei alguns textos muito extensos,mas nada que fosse muito prolixo.*

*Fácil, tudo pois foi feito com amor. Difícil, manter a conexão, pois agora, por exemplo, estou escrevendo tudo de novo, pois na última questão a conexão caiu.*

*Dificuldade só no início, quando percebi que a conexão tem tempo para sair do ar, mas isso foi esclarecido via e-mail pela Ir. Carmem. A lista das atividades, colocada a partir do segundo (ou terceiro) encontro, também facilitou bastante os acessos posteriores à mesma estação.*

*O mais fácil foi a comunicação que o curso desenvolveu, pois foi de altíssima qualidade, e o mais difícil para mim é responder essa enquete.*

*Mais difícil foi o acesso a Internet, pois meu conhecimento em informática era muito pequeno,*

*Achei fácil expor meus pensamentos, pois estava fazendo-o na frente de um computador, porém, foi difícil encarar as pessoas e colocar o que pensava em prática.*

A fala dos participantes confirma o que foi, fundamentalmente, o principal problema para a produção da plataforma: os meandros da técnica. Pelo relato que fizemos anteriormente, enfrentamos problemas de várias ordens no processo de implantação dessa experiência: passamos por sites comerciais, o que não se mostrou produtor para os nossos objetivos, para depois, assessorados por especialistas, chegarmos a um formato mais adequado.

Uma vez equacionadas algumas questões estruturais, com a plataforma no ar, notamos que, mesmo com as adequações, mudanças e exigências, ela padecia de problemas exógenos à sua estrutura, ou seja, alguns participantes não possuíam banda larga e acessavam em locais de trabalho (que, se por um lado, traz vantagens para o acesso, em casos em que o interator precisa de um compromisso na rede e ambiente específico, por outro, traz algumas implicações para os desdobramentos das atividades). Além disso, a permanência na página expirava em 15 minutos<sup>12</sup>, o que para muitos foi um problema.

Ressalte-se que os processos interativos mostraram-se desafiadores para muitos dos participantes que inauguraram essa ferramenta.

Quando perguntados sobre a assessoria em torno dessas dificuldades, alguns disseram se sentir atendidos:

*Creio que houve grande esforço para solucionar o problema, mas demorou em ser solucionado e, isso me deixou insatisfeita, mas não impossibilitada de fazer o trabalho, pois com a ajuda da Ir. Carmen prossegui e concluí o curso. Agradeço, muito por isso.*

*Tive dificuldades, mas a assistência pessoal me encantou.*

---

<sup>12</sup> Por orientação do *webmaster* da plataforma, estipulamos o prazo de 15 minutos, visto que a permanência na rede da página com seu respectivo *login* está suscetível a invasões e interferências de terceiros. O tempo restrito diminui essa possibilidade.

### **A metodologia foi adequada?**

A metodologia é um complexo em que estão envolvidos técnica, conteúdo e procedimentos. As bases metodológicas de qualquer trabalho definem e são definidas para esses tópicos. A esse modo, procuramos construir uma plataforma que fosse tecnicamente viável, assentada em uma metodologia que facilitasse a navegação. Um dos princípios ordenadores das trocas virtuais, a interatividade, foi a chave pela qual construímos modos de agir na *web*. A esse respeito, os participantes se posicionaram do seguinte modo:

*Parabéns mais uma vez pela metodologia. Eu nem via o tempo passar quando estava conectada no curso.*

*Sim; em nenhum momento o curso foi cansativo ou monótono. Perfeitamente. E foi agradável.*

*Foi excelente, sem ser cansativa e exaustiva passou o conteúdo de forma agradável e reflexiva*

*Faltou uma mediação mais presente.*

*Já me manifestei sobre isso. Se após a primeira parada os passageiros fossem motivados a se deterem um pouco mais cuidadosamente nos textos oferecidos para leitura (historinhas e postos de abastecimento, por exemplo), creio que as opiniões seriam melhor formadas e não fugiriam tanto do eixo da reflexão, como freqüentemente aconteceu*

*Sim, em especial a utilização de histórias em Flash, o que tornou o curso muito mais leve, atrativo e compreensivo.*

*Como já havia dito na questão nº 4, a metodologia foi adequada. Acrescento aqui que ela proporcionou aos cursistas a oportunidade de exercitar a sua criatividade.*

### **Quais valores achou mais pertinentes? Teria sugestão de outros?**

Todos os participantes assinalaram para o fato de que os valores abordados foram sugestivos e pertinentes. Uma vez que os conteúdos foram previamente definidos à luz de valores considerados essenciais para a reflexão sobre si mesmo, o outro e o transcendente, procuramos sentir como eles eram vistos e vivenciados pela sociedade. Segundo os depoimentos:

*O que foi abordado é de suma importância para nossa caminhada.*

*Todos foram importantes, poderíamos até aprofundá-los mais. Acredito que os valores se complementam e se imbricam. Gostaria que fosse trabalhado de um modo mais direto a questão do respeito humano.*

*Gostei de todos, Poderia sugerir trabalhar os valores da sociedade consumista pós-moderna, da desagregação familiar, da violência (Mais vezes), das drogas, da adolescência, da velhice.*

*Todos são importantes, eles se relacionam entre si*

*A escolha dos valores foi, sem dúvida alguma, muito bem feita. Fica até difícil apontar os mais pertinentes, uma vez que todos eles formam um conjunto, em que cada um tem um peso muito grande na formação de uma cidadania plena, que todo cristão deve ter. Sugeriria a ESPERANÇA e CARIDADE e ARREPENDIMENTO e PERDÃO.*

Para uma próxima etapa, os participantes sugeriram temas como violência, sexualidade, honestidade, esperança, coragem.

**Você teria alguma sugestão para encontros presenciais frente à distância física de um grupo? Como se encontrar favorecendo a todos?**

A despeito dos processos virtuais a abolirem, a presença física é fator fundamental para os participantes. Com efeito, ao executarmos um curso a distância totalmente *on-line* não pretendemos eliminar os “vínculos reais”. O que propusemos foi a possibilidade de o exercício de reflexão da fé também se exercer nos fios da rede, já que ela é um dos símbolos importantes da contemporaneidade. (Avaliamos, inclusive, que, se essa experiência contasse com um encontro físico, outras contribuições poderiam ser acrescentadas).

O vínculo no espaço virtual mostrou-se efetivo, porém ele não recobre todas as expectativas que um relacionamento exige. Nesse sentido, os participantes, malgrado os laços construídos na plataforma, também sinalizaram para intercâmbios reais:

*Talvez fazer encontros regionais.*

*Talvez. Quem sabe quem mora na mesma cidade poderia se encontrar nas edições paulinas.*

*Penso que seria muito difícil, até porque há pessoas de fora do Brasil. Uma possibilidade seria através de vídeo-conferência.*

*Um seminário ou até um retiro espiritual.*

*Talvez um encontro por Estado ou por cidades mais próximas.*

*Não. A não ser que redividissem os grupos por cidade, facilitando assim um encontro. mesmo assim acho difícil, mas não impossível.*

*Uma difícil opinião, isso por questões geográficas, etc.. mais seria maravilhoso...*

*Marcar um sábado de manhã na Paulinas, em São Paulo, ou nas cidades onde estejam e irradiar o encontro para os demais via Internet .*

*Nós estamos muito espalhados. Eu toparia de participar de curso presencial, sem precisar viajar muito.*

*Talvez marcar encontro físico com as pessoas da mesmas cidades, para aprofundar um dos encontros que vivenciamos no curso.*

*Sim, em cidades que podem servir de polos.*

O conjunto de análises, tanto quantitativo quanto qualitativo, reforça a pesquisa nas questões que delineamos inicialmente. Os resultados relacionam-se, direta ou indiretamente, com as indagações que traçamos e que orientaram a execução da investigação. No próximo item, faremos algumas conexões com os resultados obtidos e as premissas sobre os quais esta dissertação está assentada.

### 5.3 Um diálogo com os resultados

De que modo um curso de comunicação a distância totalmente *on-line* voltado para a reflexão da fé e de valores pode suscitar questionamentos a respeito da re-significação da prática da evangelização na contemporaneidade? Sob que aspectos podemos, a partir dessa experiência, esboçar algumas inferências provisórias sobre a Igreja em meio à aparente prevalência da razão técnica?

Para fixar idéias e delimitar terrenos, retomamos aqui a nossa hipótese: o uso da comunicação *on-line*, na divulgação dos valores com os quais a Igreja católica ressignifica o mundo aos seus fiéis, pode ser uma alternativa de reposicionamento da identidade católica no espaço da *web*.

O curso, em seus limites e possibilidades, demonstrou que é possível, sim, extrair de mecanismos efetivos de formação para a fé, realizados em outros contextos que não os do espaço da Igreja, a composição reflexiva, orientada por valores cristãos e éticos, de que se servem. Por entre a intrincada rede de discursos, ações e situações diárias que compõe o espaço virtual, consideramos que esses mecanismos são também facilitadores da missão da Igreja.

O Documento *Igreja e Internet*, produzido pelo Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, declara que:

O interesse da Igreja pela Internet constitui uma particular expressão do seu antigo interesse pelos meios de comunicação social. Considerando os meios de comunicação como o resultado do processo histórico-científico, mediante o qual a humanidade foi « progredindo cada vez mais na descoberta dos recursos e dos valores contidos em tudo aquilo que foi criado », <sup>1</sup> a Igreja tem declarado com freqüência a sua convicção de que eles são, em conformidade com as palavras do Concílio Vaticano II, “maravilhosas invenções técnicas” que já contribuem em grande medida para ir ao encontro das necessidades humanas e podem fazê-lo ainda mais. <sup>13</sup>

Foi esse o princípio que norteou a execução da pesquisa, cuja matéria-prima foi uma plataforma *on-line* sobre a comunicação para a fé. Inspirados em Jesus Cristo, entendemos que a missão da Igreja deve se expandir, possuir vocação transfronteiriça (sob essa perspectiva, conseguimos a participação de pessoas até de outros países, como pudemos notar na pesquisa).

O suposto de que os laços sociais hoje são amarrados, sobretudo, com os fios da rede nos fez acrescentar à experiência de evangelização dos indivíduos outros modos de contato consigo mesmo, com o outro e o transcendente.

*Com o curso minha espiritualidade fica mais abrangente não tanto fixada como era antes. Desde o início do curso com os textos estudados e comentário dos colegas de vagão, foi mudando minha maneira de ver as coisas e de viver a fé. Muito me ajudou. Muito obrigado.*

*Uma melhora significativa na comunicação. Saber conversar, ouvir, respeitar, compreender”.*

---

<sup>13</sup> In DARIVA, Noemi (Org.) *Comunicação Social na Igreja - Documentos fundamentais –Igreja e Internet nº 1* São Paulo: Editora Paulinas, 2003, p 253



*Embora não tenha sido presencial me senti muito próxima das outras pessoas que o fizeram, através das leituras das reflexões de cada um(a). Foi muito frutuoso, de acordo com o tempo em que estamos vivendo. Em meio a tantas mudanças, é preciso parar para refletir e agir.*

*Resgatou em minha pessoa a sensibilidade para com a vida, especialmente na agitação da vida moderna.*

*A capacidade de poder interagir com pessoas que não conheci pessoalmente. A alegria de saber que muitas pessoas com o desejo de humanizar as relações através da Internet. A minha vida foi reestruturada a partir de reflexões feitas pelos outros passageiros. Aprendi a ter mais paciência para com aquilo que não depende somente de mim.*

*Mostro-me uma possibilidade diferente do uso da educação a distância e, principalmente, a possibilidade de um trabalho de primeira qualidade num nicho de atuação que ainda não tinha percebido.*

*Fortaleceu minha fé. Cresci no embasamento didático/pedagógico. Estrutura e métodos, que posso utilizar em cursos presenciais.*

*Novos métodos, dinâmicas e forma de conduzir a educação da fé.*

*Ajudou-me a me pôr mais do outro lado da mesa. A ver mais o outro. Sair cada vez mais de mim mesmo e me ver nos meus alunos, nos meus filhos, na minha esposa, em todos os que me cercam.*

*Uma nova experiência na pedagogia da fé, on-line, com sugestões e conteúdo muito interessante.*

*Entendendo, agora, a espiritualidade como sendo tudo aquilo que provoca uma mudança interior.*

A nossa iniciativa não pretendeu, simplesmente, fazer a migração do trabalho de evangelização dos espaços presenciais para o virtual (os dois coexistem, um não exclui o outro). Ao apostarmos que a Internet seria mais um espaço, entre os vários outros possíveis para o exercício da fé, empreendemos um trabalho em que a técnica e as diretrizes do evangelizar estavam essencialmente imbricadas. Não bastava apenas a confecção de um curso tecnicamente qualificado, fazia-se mister que ele estivesse alinhado aos propósitos que lhe deram origem.

É importante também que as pessoas, em todos os âmbitos da Igreja, lancem mão da Internet de maneira criativa, para assumirem as responsabilidades que lhes cabem e para ajudarem a Igreja a cumprir a sua missão. Na perspectiva das inúmeras

possibilidades positivas apresentadas pela Internet, não é aceitável hesitar timidamente, por medo da tecnologia ou por algum outro motivo. «Os métodos de melhoramento das comunicações e do diálogo entre os seus membros podem reforçar os vínculos de unidade entre eles. O acesso imediato à informação torna-lhe [para a Igreja] possível aprofundar o seu diálogo com o mundo contemporâneo {...}; a Igreja pode mais prontamente informar o mundo sobre o seu credo e explicar as razões da sua posição sobre cada problema ou acontecimento. Ela pode escutar mais claramente a voz da opinião pública e estabelecer uma discussão contínua com o mundo em seu redor, “para assim se envolver mais imediatamente” na busca comum da solução dos problemas mais urgentes da humanidade. (cf. *Communio et progressio*, n° 114)”<sup>14</sup>

Na sua tarefa secular de propagar sua crença, de procurar estabelecer e aprofundar o diálogo contemporâneo, como salienta o excerto acima, a Igreja reconhece iniciativas assim como ações importantes para a melhoria da comunicação e o conseqüente reforço dos vínculos.

### **Contribuições ao estudo da comunicação *on-line***

O resultado desse projeto de pesquisa traz dois tipos diferentes de conhecimento – um relativo à Igreja e às possibilidades reais de uso da comunicação em rede para estreitar as relações com os fiéis ou com os candidatos a fiéis. Nossa experiência mostrou que seja para propagar a doutrina, seja para reforçar as convicções religiosas dos que assim desejarem, seja para discutir questões de fé, a Internet é um meio que não pode mais ser desprezado nem temido. A amplitude do público que se distribui pelo ciberespaço exige que a Igreja desenvolva mecanismos cada vez mais eficientes em relação à rede. Se, com poucos recursos e quase sem experiência precedente, obtivemos êxito em nosso intento, o que dirão as futuras iniciativas que poderão ser mais completamente planejadas e mais adequadamente executadas.

O outro conhecimento que nosso estudo permitiu foi em relação à comunicação em rede propriamente dita. Mesmo voltada principalmente para a possibilidade de interlocução religiosa, o método desenvolvido elucidou como se comportam as pessoas quando conectadas à rede e diante de uma possibilidade de

---

<sup>14</sup> idem p 262

comunicação tão específica como a que levamos a efeito. E, para evidenciar essa contribuição que este trabalho traz ao conhecimento da comunicação *on-line*, vamos fazer um breve relatório de nossas descobertas a esse respeito:

- **Público** – Conforme pode ser visto nos gráficos, o público atingido pelo curso não foi o mesmo que caracteriza a Internet como um todo – jovens, entre 20 e 25 anos, predominantemente do sexo masculino, solteiros. Atingimos, portanto, um segmento desse público que se aproxima daquele que costuma freqüentar a Igreja e os cursos convencionais de catequese – predominantemente feminino e mais idoso, em média. Isso significa que no ciberespaço os públicos já se organizam em função de seus interesses particulares. Por outro lado, não foi um público exatamente com as mesmas características do público a que estamos acostumados, o que nos mostra que a rede abre espaço para novos relacionamentos. Pessoas que, certamente, não freqüentariam o curso em locais convencionais o fazem pela Internet. Assim, atuar na rede significa ampliar o espectro de nossos públicos.
- **Seletividade** – Se o público é maior e diferente daquele que costumamos atrair para os cursos realizados em locais convencionais, por outro lado, é um público seletivo do ponto de vista tecnológico. Há uma elitização desse público, pois exige-se que os cursistas tenham acesso à rede, possuam equipamentos adequados e saibam manejá-los. Nesse sentido, embora a rede seja um meio facilitador, ele é excludente. Ao desenvolver atividades na Internet, estamos nos relacionando com um seletivo público do ponto de vista de poder econômico, instrução e conhecimento, com tudo que isso tem de positivo e negativo.
- **Atratividade** – Pela análise das respostas dadas à Avaliação, pudemos perceber que as pessoas se sentem especialmente atraídas para os relacionamentos e a interlocução através da rede. Mais do que apenas possibilitar a comunicação a distância, a rede desperta curiosidade e interesse. Assim sendo, trabalhar pela Internet é fazer uso de um elemento a mais para obter a atenção do interlocutor.

- **Impessoalidade** – Apesar das vantagens da comunicação em rede já apontadas, há uma impessoalidade que permanece do começo ao fim do processo. Uma vez terminada a “viagem” ou o curso, as pessoas se desligam. Como já apontaram diversos autores, o ciberespaço é onde prevalece o aqui – agora. Assim sendo, embora haja um estímulo à auto-expressão, cada um podendo falar o que sente ou o que deseja, o fato de as relações permanecerem impessoais é um empecilho às ações da Igreja que exigem integração do público à comunidade existente.
- **Comunidades virtuais** – Há uma tendência na rede Internet à formação de comunidades, isto é, de agrupamento de pessoas em torno de certas atividades, questões e relacionamentos de seu interesse. O internauta vai em busca daquilo que ele já deseja, sente ou pensa. Suas referências são as mesmas do mundo *off-line*. Assim, os cursistas eram todos católicos e, apesar de o curso ter possibilitado reafirmar sua fé religiosa, ele dificilmente alcançaria o não-católico para convertê-lo. A não ser que um curso nesses moldes encontrasse algum subterfúgio para se aproximar dos não-católicos, eles permaneceriam distantes de nossas iniciativas.
- **Verbalidade** – O curso nos mostrou que, desprovido dos objetos e da ambiência dos espaços religiosos, o caráter sacro da experiência fica por conta principalmente da linguagem verbal escrita. É naquilo que se fala e como se fala que os interlocutores reconhecem aquele que lhes fala. Mais do que em outros meios onde os recursos imagéticos preponderam, na Internet voltamos ao predomínio da fala. Talvez por isso o uso da Bíblia tenha dado bons resultados.
- **Simulação** – É interessante como, com os recursos dispensados, foi possível obter um alto grau de evocação religiosa, como se os cursistas chegassem realmente a um forte sentimento de religiosidade. Isso nos leva a pensar como a simulação e o isolamento em que fica o internauta diante do computador favorecem sua sensibilização. Não é à toa que o voyeurismo e a prática do sexo parecem ser estimulados na rede.

- **Processo e planejamento** – A experiência nos mostrou que o trabalho na Internet exige recursos, planejamento e dedicação. Não há possibilidade de se agir de forma espontânea ou sem rigoroso planejamento diante de um cronograma realista e adequado. É preciso formar equipes e dispor de técnicos, o que contradiz, de certo modo, a visão de que os programas são auto-explicativos e que cada um pode se mover por si só.
- **Gestão da Comunicação** – Por todas essas características, o evangelizador que desejar se dedicar às suas atividades através da rede deverá formar-se como gestor da comunicação, ter conhecimentos que extrapolam aqueles necessários para essas mesmas atividades quando presenciais. Assim sendo, dificilmente teríamos obtido mesmo êxito se essa experiência fosse feita apenas sob a supervisão institucional da Igreja. Foi fundamental toda a formação que o mestrado nos possibilitou para o desenvolvimento do projeto e para sua execução.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho nunca se finda. Ele abre-se para múltiplas possibilidades de interpretação, em que o(a) autor(a) deverá estabelecer critérios para colocar um ponto de suspensão. Nunca haverá tempo para a última palavra.

Depois de percorrer o trajeto proposto – iniciado com a reflexão sobre a Igreja, sua gênese, política e estrutura, passando pela paisagem comunicacional em sua diversidade teórica e discussões contemporâneas sobre rede e Internet até chegar em nossa experiência do curso de comunicação on-line – a tentativa, neste momento de mais algumas palavras, é de retomarmos determinadas questões descortinadas pelo trabalho, de estabelecermos ainda algumas novas (outras) relações, de fazermos uma “leitura das leituras”.

As ordens de inquietação que motivaram a execução desta dissertação estão fincadas nos territórios da Igreja, nomeadamente no exercício da fé e da comunicação, em sua feição ciberespacial. Chamava-nos atenção o fato de as trocas comunicativas serem processadas em escala exponencial na rede e este fato ser um dos traços essenciais dos nossos tempos. Associada a essa constatação estava a questão de que a Igreja, a despeito de sua mudança de concepção em relação aos meios (de instrumentos alienantes passaram a ser considerados maravilhosas invenções do homem), ainda encontra dificuldades para “lidar” com os meios. Essas reflexões foram motivadas ainda por nossa trajetória de vida: fomos educadoras da fé e trabalhamos no Vaticano em suporte da Internet para a passagem do milênio, em 2000. Essas experiências individuais fizeram com que encarássemos essas preocupações com maior afinco.

Do esboço do projeto à materialização deste trabalho delinea-se uma trajetória sinuosa, em que outras questões vieram à tona.

O fio condutor que adotamos para percorrer essa trajetória esteve amarrado, inicialmente, a uma concepção histórica da Igreja. Consideramos fundamental a retomada da gênese e política da Igreja, em conexão com a história da comunicação, pois esse empreendimento em muito lança luz para as

premissas do trabalho. Demonstramos que a história da instituição está, obviamente, condicionada às contingências sociais e políticas que atuam sobre ela. Desde sua gênese até os dias atuais, a Igreja procura afinar-se com o espírito do tempo, levando em conta a sua particularidade, ainda que caucionada por conflitos e tensões.

Como ficaria esse ajuste que precisa constantemente ser feito com os imperativos contemporâneos, orquestrados por uma ordem técnica?<sup>15</sup>

Num segundo capítulo, colocamos em cena as discussões sobre comunicação já num exercício de aproximar essas áreas (Igreja e Comunicação). Testemunhamos que as teorias comunicativas fazem parte de um universo protético, multifário, e que nem mesmo uma pesquisa amiúde seria capaz de recenseá-lo em sua totalidade. Dessa profusão de teorias e estudos, procuramos, em seguida, pôr em relevo os estudos mais próximos da internet, da interatividade.

Esquemática a espinha dorsal, partimos para a experiência de um curso totalmente on-line a distância. A metáfora do trem, utilizada para criar uma identidade visual e de conteúdo, foi uma estratégia discursiva que se mostrou apropriada. Uma vez que partimos do entendimento de que os princípios cristãos e alguns valores, como parte da educação da fé e da reflexão ética, não são exclusivos da atuação da Igreja em sentido restrito, consideramos que o espaço e tempo dessa ação não podem ser mensurados apenas do ponto de vista físico, presencial (questões suscitadas em tempos idos pelo trem), até porque:

Hoje, isto é válido de forma especial no que se refere à Internet, que está a contribuir para promover transformações revolucionárias no comércio, na educação, na política, no jornalismo e nas relações transnacionais e interculturais — mudanças estas que se manifestam não só no modo de os indivíduos se comunicarem entre si, mas na forma de as pessoas compreenderem a sua própria vida. (Igreja e Internet, 2002 nº 2). Tudo isto diz respeito à Internet. E não obstante o mundo das comunicações sociais « possa às vezes parecer separado da mensagem cristã, ele também oferece oportunidades singulares

<sup>15</sup> Lyotard, em *A condição pós-moderna*, diz que vivemos sob a égide da tecnociência, e que as grandes narrativas estão em franca decadência. Essa discussão foi especialmente travada na década de 1980. cf. LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1991.

para a proclamação da verdade salvífica de Cristo a toda a família humana. Considerem-se... as capacidades positivas da Internet de transmitir informações religiosas e ensinamentos para além de todas as barreiras e fronteiras. Um auditório tão vasto estaria além das imaginações mais ousadas daqueles que anunciaram o Evangelho antes de nós... Os católicos não deveriam ter medo de abrir as portas da comunicação social a Cristo, de tal forma que a sua Boa Nova possa ser ouvida sobre os telhados do mundo! (Igreja e Internet, 2002 n° 4).

A vocação transfronteiriça, transnacional da Boa Nova pode ser retraduzida em uma outra dimensão do espaço e do tempo, forjado com a Internet. O espaço é, usualmente, definido como extensão superficial limitada, extensão indefinida, distância entre dois pontos, etc... Mas se o espaço for a distância entre dois pontos, o que será que transcende esse limite? (cf. Medeiros, 2005).

Tudo que ganha materialidade está, de uma forma ou de outra, inscrito no espaço, ou seja, espaço poderia abreviadamente ser definido como: *onde existe tudo o que foi criado*.

O empenho dos usuários envolvidos, que se mostraram imbuídos do mais profundo espírito de compreensão e solidariedade, de coragem em arriscar como “marinheiros de primeira viagem”, do desejo de fazer com que a educação da fé “ganhasse qualidade e eficácia”, foi uma gratificante confirmação de nossos objetivos. Aproveitamos, pesquisadora e participantes, a oportunidade de fazermos uma experiência no ciberespaço por meio de um experimento. O curso [www.comunicacaoefe.pro.br](http://www.comunicacaoefe.pro.br), reuniu um grupo de cristãos para uma reafirmação da fé pela interface virtual. Conseguimos, pioneiramente, mensurar a opinião de educadores cristãos e outros sujeitos sobre o interesse e as possibilidades do uso da Internet para a evangelização, com critérios subjetivos e objetivos.

Reescrever o homem, como aponta Muniz Sodré, no momento em que o tempo real e o espaço virtual redimensionam a temporalidade e espacialidade clássicas, conforme assinalamos acima, exige uma antropologia ético-política da comunicação. Nessa tarefa, a Igreja Católica deve contribuir como protagonista:

A Igreja tem uma finalidade dúplice em relação aos *mass media*. Um dos aspectos consiste em encorajar o seu progresso carreto e a sua justa utilização para o desenvolvimento, a justiça e a paz da humanidade — para a edificação de uma sociedade a níveis local,



nacional e comunitário, à luz do bem comum e num espírito de solidariedade. Considerando a grande importância das comunicações sociais, a Igreja procura « um diálogo honesto e respeitador com as pessoas responsáveis pelos meios de comunicação » — um diálogo que diz respeito, em primeiro lugar, à formação da política das comunicações.<sup>11</sup> « Este diálogo implica que a Igreja se esforce por compreender os mass media — os seus objetivos, estruturas internas e modalidades — sustenha e encoraje os que neles trabalham. Baseando-se nesta compreensão e sustento, torna-se possível fazer propostas significativas em vista de afastar os obstáculos que se opõem ao progresso humano e à proclamação do Evangelho. (Igreja e Internet, 2002 n.º 3).

A comunicação mediada, segundo essa perspectiva, favorece processos socializadores (ainda que venha provocar efeitos contrários), suscita a vocalidade de todos os envolvidos no processo comunicativo e evangelizador. Como defende Bakhtin, Brecht e os documentos recentes da Igreja, o ouvinte não pode se limitar à escuta, mas é provocado a falar, a se relacionar, a produzir e negociar significados, tarefa que parece ganhar força na comunicação em rede pelo computador.

Estabelece-se uma outra maneira de ver a esfera da recepção, não mais abordada apenas pela ótica da produção, mas como um campo tão falante e criativo quanto o primeiro. São dois universos de agentes que se unem para a negociação de sentido, mediada pela interface tecnológica.

No nosso entender, os dois campos — produção/recepção — constituem o grande cenário onde se entrelaçam micro e macro fluxos de interações. Isso significa que tanto no campo da oferta quanto no campo do usuário se encontram competências tais como: *poder, saber e dizer* resultantes de discursos e experiências de cada um. Por serem campos heterogêneos, podem gerar tensões que serão equilibradas mediante a negociação.

Sob esse olhar, procuramos contribuir com o curso on-line, para um processo evangelizador, de alinhamentos com as discussões sociais, às inquietações humanas mais prementes, apostando na emergência de sujeitos participativos, interativos e autônomos, capazes de ressignificar o mundo e, *mutatis mutandis*, ressignificar as ações da Igreja.

### Bibliografia

- ALBERIONE, Tiago. *História carismática da família paulina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.
- AUGÉ, Marc. *A guerra dos sonhos*. São Paulo: Papyrus, 1998.
- BARBERO J. Martin. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.
- \_\_\_\_\_.& REY Germán *Os exercícios do ver - hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Editora SENAC, 2001
- BAKHTIN, Mikhail . *Estética da Criação Verbal – São Paulo: Martins Fontes, 2003*
- BAUMAN, Zigmunt. *Comunidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001
- BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1994.
- BERLO, David. *O processo da comunicação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- BRIGGS Asa & BURKE Peter. *Uma História Social Da Mídia- De Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar,2004.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura,- A sociedade em rede*. vol. II – 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000,
- CASTELLS , Manuel . *O poder da identidade*.Vol. II - 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- COSTA, Cristina. *FICÇÃO, COMUNICAÇÃO E MÍDIAS – São Paulo: Editora Senac, 2001*.
- \_\_\_\_\_. Educação a distância: entre o entusiasmo e a crítica. In: Revista Comunicação e Educação, ano IX, maio-ago/2003, nº 27, Revista da Escola de Comunicações e Artes da USP.

CARVALHO, J.J. “Religião, mídia e os predicamentos de uma ciência pluralista”, in: A. Moreira (org.), Sociedade global, cultura e religião, Petrópolis, Vozes, 1988, DARIVA, Noemi (org.). Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003.

DERRIDA, Jacques VATTIMO, Gianni e outros. *A religião*. Lisboa: Relógio d’Água, 1997.

DE FLEUR L. Melvin - *Teorias da Comunicação*- Rio de Janeiro: Zahar Editores - 2ª edição, 1966.

Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1999.

Dicionário Enciclopédico das Religiões. Vol I. Petrópolis: Vozes, 1999, .

GONTIJO, Silvana. *O livro de ouro da comunicação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

IANNI, Octavio. Enigmas da modernidade-mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LANDIM, Cláudia Maria. Educação a distância: algumas considerações. Rio de Janeiro: s/n, 1997.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. O que é virtual? São Paulo: Editora 34, 1998.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Pesquisa em comunicação. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

MATTELART Armand e Michèle, *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.

MELLONI, Alberto. *Como se elege um papa*. São Paulo: Paulinas, 2002.

MELO José Marques. *Comunicação Eclesial utopia e realidade*. São Paulo: Paulinas/SEPAC, 2005

NUNES, Ivônio B. (1992a) "Educação à Distância e o Mundo do Trabalho"

Tecnologia Educacional. v.21 (107), jul/a o 1992, Rio de Janeiro, ABT.

\_\_\_\_\_. (1992b) "Pequena Introdução à Educação a Distância". Educação a Distância. n.º. 1, junho/92, Brasília, INED.

Joana 1/30/06 8:58 PM

Deleted:

Livraria Virtual 1/31/06 10:23 AM

Formatted

PRIMO, Alex Fernando. “Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo”. Texto apresentado ao Intercom, Recife, 1998.

MCBRIEN, P. Richard. *Os papas*, Loyola: São Paulo, 2000.

SÁ, Adísia (coord.) *Fundamentos científicos da Comunicação* – 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1978,

SANTAELLA, Lúcia, *Navegar no ciberespaço*. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. *Comunicação e pesquisa*. São Paulo, Hacker Editores, 2002.

SEVCENKO, Nicolau - *Virando Séculos - A corrida para o século XXI*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Silvano Alves Bezerra da. Em torno da espacialidade do pedagógico. Paraíba: mimeo, 1997.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? São Paulo: Loyola, 2002.

THIOLLENT, Michel – *Metodologia da pesquisa-ação*. 12ª ed. São Paulo, Cortez, 2003.

VILCHES, Lorenzo. *A migração digital*. São Paulo: Ed. PUC/Rio/Loyola, 2003

ZACHENI, Guido, *A Idade Contemporânea* – Curso de História da Igreja – Vol. IV São Paulo: Editora Paulus, 1999

ZANON, Darlei. *O impacto da cibercultura sobre a fé*. Perspectiva teológica. Belo Horizonte, nº 94, 2002.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, LDA. 1ª edição, 1987

WINKIN, Yves. *A Nova Comunicação* - Campinas/SP. Papyrus Editora, 1998

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

### **Sitiografia**

<http://www.bibli.fae.unicamp.br/getic>

<http://www.eca.usp.br/narrativas>

<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html>

<http://www.fides.org>

<http://www.lbope.com.br>

[http://www.infoamerica.org/CritiCom/art\\_melo\\_01.htm](http://www.infoamerica.org/CritiCom/art_melo_01.htm)

<http://www.ilhabrasil.net/texto.php?id=163>

[http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?Cd\\_página=2014&cd\\_materia=578](http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?Cd_página=2014&cd_materia=578)  
<http://www.messagingonline.net/>  
<http://www.revistaautor.com.br/ensaios/39ext.htm>  
<http://ubista.ubi.pt/~comum/esteves-pissarra-poder-subjectividade.htm>  
<http://www.uff.br/mestcii/muniz1.htm>  
[http://idgnow.uol.com.br/adportalv5/InternetInterna2\\_111105.html](http://idgnow.uol.com.br/adportalv5/InternetInterna2_111105.html)

## **Anexos**

Os anexos abaixo relacionados encontram-se reunidos no CD-ROM que integra esta dissertação como encarte

**Aulas**  
**Avaliação**  
**Desenhos**  
**Outros**  
**Roteiros**  
**Sites**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)